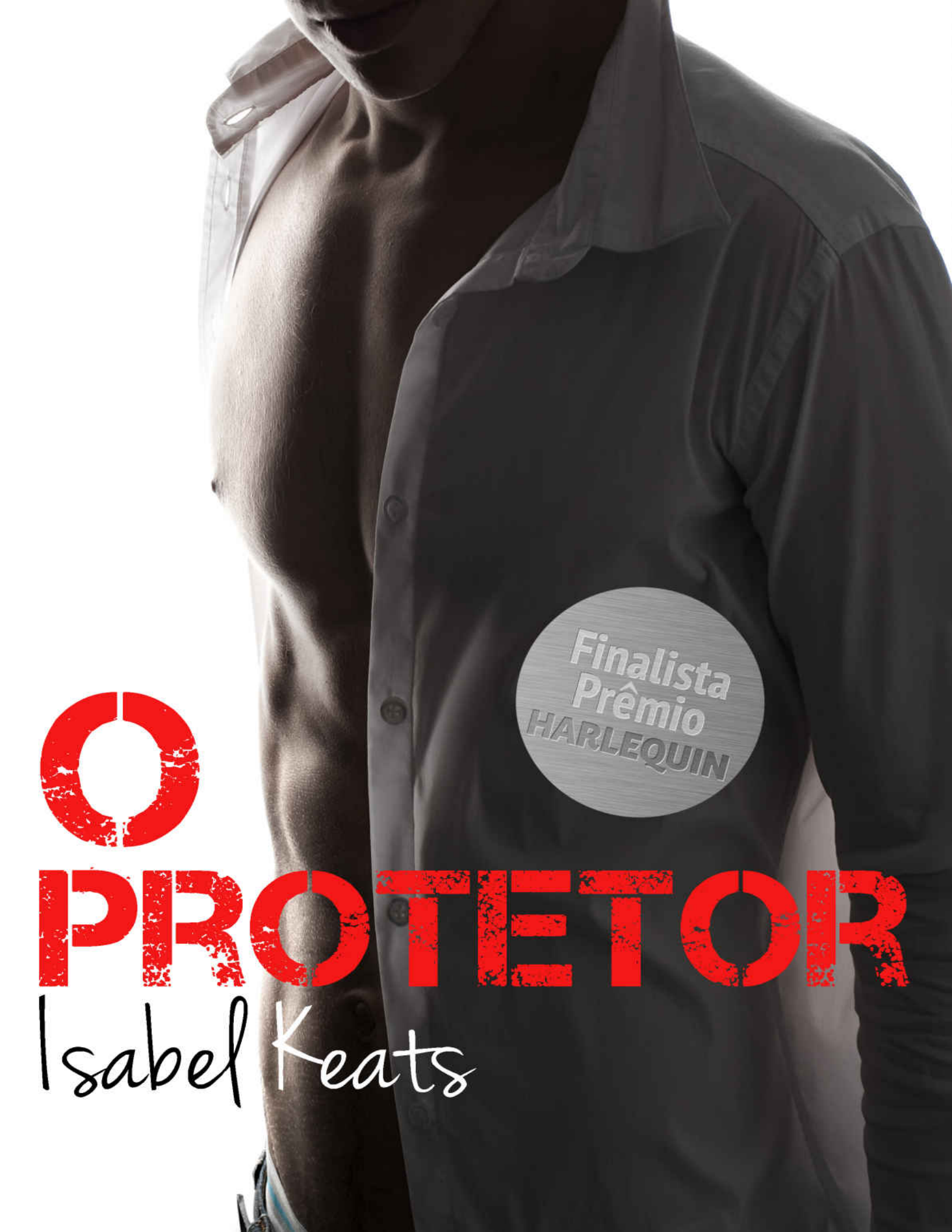



# O PROTETOR

Isabel Keats

# O protetor

*Isabel Keats*

Finalista do Primeiro Prêmio de Contos Harlequin 2011

© 2011 Isabel Keats. Todos os direitos reservados.

**O PROTETOR**

Todos os direitos são reservados, incluindo os de reprodução total ou parcial.

Todos os personagens deste livro são fictícios.

Qualquer semelhança com qualquer pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

Imagem de capa: Bigstockphoto

Design da capa: Isabel Keats.

Tradução e Revisão: R. M. Vieira e Vanessa R. Thiago

http://www.isabelkeats.com/

mail to:isabelkeats@gmail.com

*Porque com este romance tudo começou.*

# Índice de contenido

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
Epílogo
Obrigada!
Meus outros romances em portugûes:
Sobre a autora

# 1

O barulho no aeroporto de Heathrow era considerável. Vega foi em direção à saída, empurrando o carrinho em que carregava sua mala enorme. Não sabia quem iria buscá-la. Seu pai havia se mostrado muito misterioso com todo o assunto; A única coisa que lhe tinha dito era que um homem com um cartaz do Hotel LDN a estaria esperando perto da fila dos táxis.

Vega ficava irritada com tanto drama. Ela foi forçada a deixar Madrid com pressa, sem se despedir de ninguém, em um momento em que sua agenda estava lotada de festas e planos interessantes. Só tinha concordado porque era a primeira vez em sua vida que via seu pai realmente preocupado, mas já começava a se arrepender.

Assim que ela saiu, uma lufada de ar gelado a fez se envolver na jaqueta fina que cobria seu vestido.

«Maldição», pensou, «acho que me equivoquei de roupa».

Ao sair de Madri a temperatura rondava os vinte e três graus e o céu brilhava em um magnífico tom azul cobalto; nada a ver com o dia cinzento e desagradável que a recebia em Londres.

Olhou ao seu redor, um monte de táxis esperava em uma ordenada fila alguns metros mais à frente. Ao se aproximar, viu um homem acenando para ela.

—Vai para o LDN Hotel, senhorita? — perguntou com um forte sotaque *cockney* mostrando-lhe o cartaz —. Se você quiser, eu levo sua mala.

— Perfeito, muito obrigada — respondeu em seu inglês perfeito da BBC. Pelo menos, o dinheiro que seu pai tinha gasto em sua educação tinha sido bem empregado.

O hotel não ficava longe do aeroporto. Certamente não era o hotel típico onde ela costumava ficar. A aparência era bastante sombria, pouco mais que o básico para os pobres viajantes cujo avião havia sido cancelado e foram forçados a passar a noite em terra.

«Isso está ficando mais deprimente» ela disse a si mesma com raiva.

O taxista, ou o que fosse, dirigiu-se à sombria recepção e, em poucos minutos, voltou com uma chave.

— Levarei sua mala.

O elevador estava quebrado e Vega ficou contente por ela não estar carregando a mala pesada nos três lances de escada.

O homem parou em frente ao quarto 301, abriu a porta, olhou para dentro e deixou a bagagem em um banquinho ao pé da cama pequena.

Vega pegou a carteira na bolsa e preparou-se para pagá-lo.

— Não é necessário senhorita, tudo está acertado. Boa noite.

Sem mais, o homem abriu a porta, olhou para os dois lados antes de sair e fechou-a com suavidade. Apesar de sua aparência branda, ficou claro que ele não era um motorista de táxi comum.

Vega olhou ao seu redor cada vez mais irritada.

—Que grande miséria! — exclamou em voz alta.

O quarto, pequeno e escuro, tinha um ar deprimente com os escassos móveis e a patética gravura torta pendurada em uma das paredes. Impaciente, olhou para o banheiro e notou com alívio que, apesar de pequeno, pelo menos parecia bastante limpo.

De um puxão, tirou a colcha alaranjada de tecido sintético cheia de manchas suspeitas e se deitou na cama com os olhos pregados no teto enquanto amaldiçoava seu pai. Sua lista de insultos já estava no «m» de malvado e mentiroso, quando alguém bateu na porta.

—Quem é? — ela perguntou assustada.

Não houve resposta.

Vega, mais do que um pouco assustada, levantou-se, pegou a caneta que estava na mesa de cabeceira, tirou a tampa e, segurando-a como se fosse uma lança Masai de 1,5 metro de comprimento, esperou com o coração batendo no peito.

A porta se abriu suavemente e um cara enorme entrou no quarto. Sua altura seria de cerca de um metro e noventa, com costas largas e quadris estreitos. A camisa de algodão azul claro se agarrava a um corpo firme que, apesar de não ser muito musculoso, transmitia a impressão de uma extraordinária fortaleza. O homem

ficou parado, observando-a de sua altura com olhos cinzentos inescrutáveis que se destacavam no rosto bronzeado. Seu cabelo loiro cinza era bastante curto. Tudo em sua aparência indicava autoridade e tinha certo ar de soldado profissional.

Vega agarrou a caneta com mais força. Se seu coração tinha disparado pouco antes, agora estava batendo forte; via a si mesma como um mosquito enfrentando um elefante.

—Como se atreve a entrar no meu quarto? — Levantou o queixo, altiva, consciente do ligeiro tremor que pairava em suas palavras apesar de seus esforços por conservar a calma.

— Acho que deveria me apresentar. — Um calafrio percorreu sua espinha ao ouvir a voz masculina profunda —. Meu nome é Martin Grant, anos atrás eu era um membro da equipe de segurança de seu pai.

Então ela o reconheceu. Pouco mais de dez anos se passaram desde a última vez que se encontraram. Naquela época, Vega era uma garota de treze anos que gostava de se exibir na frente dele, com suas novas armas femininas, tentando, sem sucesso, chamar sua atenção. Não havia mais nada daquele garoto na casa dos vinte anos; agora era um homem de expressão impiedosa, com umas leves rugas nos cantos dos olhos que o deixavam mais atraente.

Vega finalmente soltou a caneta, um pouco mais relaxada.

— Eu gostaria de saber para quê tanto mistério e este hotelucho de quarta categoria —exigiu impacientemente, enquanto afastava alguns fios de seus longos cabelos castanhos, com mechas mais claras, longe dos olhos. —. Tudo isso começa a parecer um romance de espionagem ruim.

—Seu pai não lhe disse nada?

— Só que tinha que deixar Madrid imediatamente, que estava em perigo. A verdade é que se eu não o tivesse visto tão preocupado, eu o teria ignorado. Meu pai sempre foi excessivamente protetor. Além disso, acho estranho que tenha escolhido você para o trabalho; Pensei que não se viam há anos.

— Sempre mantivemos contato. Seu pai me emprestou uma certa quantia de dinheiro há muito tempo para iniciar um negócio e, ocasionalmente, conversamos por telefone. De qualquer forma, agora não há tempo para explicações. Mais tarde vou te dizer tudo o

que você desejar saber. Trouxe roupas mais adequadas para o lugar que vamos; receio que sua bagagem não servirá lá.

De uma bolsa preta pendurada no ombro, tirou jeans, um suéter grosso de lã e botas altas forradas de pele de carneiro e as jogou na cama.

— Por Deus, aonde vamos? Para a Sibéria?

— Não tão longe. Apenas um pouco mais ao norte.

—Uh. Que misterioso — zombou.

Martin apenas olhou para ela com aqueles olhos que pareciam espelhos, frios e impenetráveis.

—E posso saber o que vai acontecer com as minhas coisas? Não espera que eu jogue minhas roupas fora, certo? Não são trapos qualquer de nenhuma loja de departamentos como as que suas amiguinhas provavelmente usam.

Vega não se importava de parecer rude, ela queria provocá-lo e mostrar-lhe algum tipo de emoção, mesmo que fosse raiva. Porém ele foi até a porta como se não fosse nada e com a mão na maçaneta, se virou para dizer:

— Alguém virá para recolher tudo mais tarde. Você tem dez minutos para trocar de roupa. Se demorar mais, irei ajudá-la a terminar de se vestir.

—Porco asqueroso! — ela exclamou em espanhol.

Esse cara não devia entender o idioma, porque saiu sem dizer nada e fechou a porta suavemente.

Vega não reclamou, tinha certeza de que Martin Grant não era uma pessoa que lançava ameaças gratuitas. Rapidamente, ela mudou de roupa e ficou surpresa ao ver que tudo se encaixava perfeitamente, até as botas eram o número dela. Não eram chiques, mas também não eram horríveis. No banheiro, ela olhou no espelho e notou com satisfação que as calças caíam como uma luva nos quadris finos e que a gola alta do suéter branco realçava o tom dourado de sua pele. Sentir-se bonita dava a ela autoconfiança e precisaria de tudo ao seu alcance para lidar com aquele homem desconcertante que estava deixando-a louca.

Duas batidas soaram na porta e, sem esperar para ouvir o correspondente «entre», Martin Grant entrou no quarto novamente.

—Satisfeito, oh, mestre? — zombando, Vega se virou, destacando sua figura graciosa e estilizada. A cabeleira castanho sedosa acompanhou suavemente o movimento.

— Que pena, eu adoraria ajudá-la a se vestir — Grant respondeu em um tom neutro que desmentia o sarcasmo de suas palavras, enquanto suas pupilas lentamente a despiam.

Vega não pôde deixar de corar, algo que não acontecia com muita frequência e que contribuía para aumentar o descontentamento que sentia pelo homem.

—Vamos sair deste antro de uma vez! — ela ordenou com raiva, indo em direção à porta sem perceber o sorriso divertido que Martin Grant esboçava.

# 2

As mãos masculinas, de dedos longos e fortes, seguravam o volante com delicadeza. Vega, sentada ao lado dele, lutou com o desejo de puni-lo com seu silêncio. — o que não parecia preocupá-lo absolutamente — ou começar a fazer, uma atrás da outra, todas as perguntas que rondavam por sua cabeça. No final, decidiu que punir alguém que não era considerado informado era uma perda de tempo.

—Posso saber por que saímos pela porta dos fundos do hotel?

— Simplesmente, para garantir que ninguém nos seguirá até o nosso destino. O motorista que a levou ao hotel é bastante hábil, mas todas as precauções são poucas. Duvido que alguém relacione a moça elegante com o vestido de grife e saltos, que entrou pela porta da frente, com a menininha de jeans, usando em uma jaqueta quente, que depois saiu pela porta dos fundos acompanhada por um homem grande.

—Não sou uma menina! — ela protestou em um tom que até para ela parecia infantil.

Grant não fez nenhum comentário e Vega preferiu mudar de assunto.

—Por que tantas precauções? Qual é a ameaça? Por que meu pai enviou você? O que…?

— Uma por uma, se você não se importa, eu não sou uma secretária eletrônica — ele a interrompeu levantando uma mão com gesto zombeteiro.

—O que está acontecendo? — Vega resumiu em uma única pergunta, dando-lhe um olhar furioso.

Martin recuperou a seriedade imediatamente.

— Há pouco mais de um mês, a polícia espanhola entrou em contato com seu pai. Durante uma das pesquisas de rotina realizadas em instalações pertencentes à máfia russa em Marbella, eles encontraram um dossiê no qual, informações detalhadas sobre seus negócios apareciam: uma lista das suas empresas e todos os

tipos de pormenores sobre as transações e lucros das mesmas. Além disso, apareceram também uma série de fotos suas, senhorita De Carrizosa, indicando que estava sob vigilância há algum tempo. Algumas dessas fotos eram um pouco comprometedoras.

—Comprometedoras? O que quer dizer?

—Em várias delas, você sai trocando abraços apaixonados com o filho mais novo do empresário, Jaime Pedrosa, cujo nome soou em vários dos mais recentes escândalos da alta sociedade devido ao consumo e, talvez, ao tráfico de drogas.

—Malditos!

—Digamos que, entre a ameaça que pairava sobre você por um possível sequestro e sua tendência a frequentar companhias mais que duvidosas — o sarcasmo, que ele não fez nenhum esforço para disfarçar, fez Vega trincar os dentes — seu pai decidiu que seria melhor tirá-la de circulação por uma temporada; levá-la a um lugar fora de seu ambiente habitual e esperar que as coisas se acalmem. Durante esse período, você não deve entrar em contato com seus amigos por telefone. Você pode se comunicar por e-mail, mas sem fornecer pistas que lhes permitam descobrir seu paradeiro.

—Meu Deus, você fala de mim como se eu fosse um pacote indesejado! E, se posso saber, quanto tempo durará esse isolamento forçado?

— O tempo que for preciso — Grant encerrou a discussão.

Indignada, Vega cruzou os braços sobre o peito e fechou as pálpebras, o que implicava que ela não estava com disposição para continuar a conversa.

Grant desviou os olhos da estrada por um momento e olhou para a mulher sentada ao lado dele; ela parecia uma gatinha mal-humorada. Ele ficou surpreso com a aparência dela quando entrou no quarto de hotel. A imagem em sua mente de uma garota com pernas longas e *aparelho* nos dentes não tinha nada a ver com a da jovem sedutora que, apesar de tremer como uma folha, conseguiu enfrentar um estranho duas vezes mais o seu tamanho com uma caneta esferográfica como uma arma. Ele teve que admitir que a cena o comovera, algo incomum para ele.

O corpo de Vega não era voluptuoso como o das mulheres com quem ele saía de vez em quando, mas delicado e flexível, e seus

traços, apesar de suas más maneiras, refletiam uma doçura incomum. No geral, a sua era uma beleza cheia de encanto, muito perigosa para todos aqueles ingênuos que tiveram a má sorte de tropeçar nela. Pelo que seu pai lhe havia contado, sabia que era órfã de mãe desde que nasceu. Ele também confessou que nunca tinha sido capaz de negar nada a ela, que Vega estava acostumado a ter sempre o que queria. Seu próprio pai reconhecia que não era mais capaz de lidar com ela. Martin prometeu não baixar a guarda; aquela jovem iria perceber que ele não era um covarde que ela poderia lidar à vontade.

Martin continuou dirigindo para o norte pelo resto da noite. Os primeiros raios da aurora apareciam entre as nuvens, quando parou em frente a uma pequena casa de pedra coberta por uma videira virgem da cor do sangue. Virou-se para sua protegida, que tinha dormido durante a maior parte do caminho. A brilhante cabeleira castanha cobria parte da bochecha rosada e sua aparência indefesa lhe produziu uma nova pontada de algo que não pôde identificar. Sobrepondo-se, ele sacudiu o ombro dela gentilmente.

— Já chegamos.

Ela abriu as pálpebras muito lentamente, e Grant entendeu por que um tolo iria querer se afogar naqueles lagos dourados. Vega examinou a casa e esboçou um amplo sorriso que marcou as covinhas nas bochechas.

—É encantadora! — Mas deve ter lembrado imediatamente do seu papel de vítima pouco disposta ao sacrifício, porque imediatamente franziu a testa e acrescentou —: Este lugar parece perdido da mão de Deus.

— A cidade mais próxima fica a cerca de três quilômetros.

— É uma cidade grande?

— O suficiente para ter seu próprio *pub*.

Vega não demorou muito tempo para entender que Martin Grant relutava em fornecer mais informações do que julgava necessária, então decidiu não fazer mais perguntas.

Por enquanto.

Agora que o sol atravessava as nuvens e as montanhas, pôde contemplar os arredores da casa. A paisagem era dos sonhos: colinas cor de esmeralda rodeavam um vale salpicado de urzes aqui

e ali; pequenas florestas onde as árvores exibiam uma gama de cores brilhantes que iam do vermelho ao amarelo e um rio de leito prateado na distância. Parecia uma foto de um anúncio da natureza selvagem. Ela tentou controlar suas expressões faciais para que não traíssem o deleite que o panorama lhe proporcionava e, com determinação, seguiu para a porta da frente.

—Entramos ou não? Está muito frio aqui.

Seu tom impertinente fez um músculo vibrar no canto da boca de Grant; algo que não passou despercebido aos olhos de Vega, que o estudou com dissimulada atenção.

«Mais cedo ou mais tarde, encontrarei uma maneira de tirá-lo do sério», ela prometeu a si mesma.

E ela sempre conseguia o que se propunha.

O térreo consistia de uma sala de estar com lareira e uma cozinha aberta e iluminada. Grant subiu a escada íngreme que levava aos quartos. Tinha duas suítes.

Martin abriu uma das portas e se afastou.

— Este é o seu quarto. No armário, você encontrará roupas adequadas e no banheiro tudo o que precisa para a sua higiene. Se você precisar de mais alguma coisa, diga-me, iremos à cidade comprar.

—Vamos ficar aqui sozinhos, nós dois? O que as pessoas dirão... — Ela colocou a mão na bochecha e olhou para ele com constrangimento fingido.

—Calma — Grant disse, e um sorriso ligeiramente torto apareceu em sua boca que fez as pernas de Vega tremerem.

— A partir de agora você é minha sobrinha, Vega Grant — informou-a, protegendo-a pela primeira vez —. Você veio aqui em busca da tranquilidade necessária para finalizar sua tese de doutorado. Na verdade, entendo que faz meses que você deveria estar trabalhando na sua. Então você não precisa se preocupar com o que dirão; Além disso, você não parece uma pessoa muito preocupada com as aparências...

Vega o olhou com rancor e, muito digna, lhe pediu:

— Vai, por favor.

Assim que Grant saiu do quarto, ela bateu a porta e imediatamente se sentiu muito melhor.

O quarto, apesar de simples, era encantador. Uma grande cama de ferro com uma *colcha de retalhos* em tons de vermelho e verde ocupava a maior parte do espaço. O armário antigo e uma pequena escrivaninha debaixo da janela completavam o mobiliário. Entrou no banheiro imaculado e encontrou todos os tipos de produtos de higiene pessoal em uma pequena prateleira, saiu novamente e abriu uma das portas do armário. Lá dentro, encontrou uma coleção de calças, camisas de mangas compridas e suéteres quentes. Em uma das gavetas, ela encontrou vários conjuntos simples de roupas íntimas de algodão branco. — do seu tamanho — e se perguntou quem teria comprado todas essas coisas. Ela se sentou à mesa, deslumbrada com a vista espetacular que se estendia diante de seus olhos. De repente, o barulho de seu estômago a lembrou que muitas horas haviam se passado desde a última vez que ela havia comido. Como se estivesse lendo sua mente, Martin Grant bateu na porta.

— É melhor você descer para comer alguma coisa, eu imagino que você está com fome.

Por um momento, ela queria ser mártir e negá-lo, mas entendeu que Grant não prestaria atenção nela e que ela seria a única prejudicada. Então ela o seguiu escada abaixo e viu que, na pequena mesa da cozinha, ele havia arrumado alguns pratos com queijo, frios, pão e uma garrafa de vinho tinto.

— Não é um banquete, mas é rápido para preparar. O melhor será que comamos algo e descansemos um pouco. Tem sido uma longa noite.

Para Vega, que estava com fome, tudo parecia delicioso.

— Vinho espanhol, que gentileza.

— Eu adoro. Durante minha estadia na Espanha comecei a apreciá-lo e sempre tenho alguma garrafa guardada.

Eles continuaram comendo em um silêncio amigável e quando terminaram, Vega sentiu uma agradável sonolência.

— Você estava certo, eu estou cansada — ela disse escondendo um bocejo —. Vou me deitar um pouco.

Por alguns momentos, ela olhou para ele calculadamente e decidiu que uma atitude mais submissa talvez pudesse lhe trazer certas vantagens.

— Quero que saiba que aprecio o que está fazendo por mim, Martin, é muito gentil da sua parte. Afinal de contas — sorriu calorosamente para ele —, tenho certeza que você terá coisas melhores para fazer do que agir como uma babá.

—Vega... — Ouvi-lo pronunciar seu nome com esse tom rouco a fez sentir um formigamento no ventre, mas suas seguintes palavras acabaram de repente com aquela curiosa sensação —: Ficou muito bem esse teatro de boa menina e agradecida, mas devo lhe dizer que isso não combina muito com você. Não sei com que tipo de pessoa você está acostumada, mas perceberá que comigo seus truques não funcionam.

—Você é odioso! E eu não sou uma menina!

Furiosa, Vega virou-se e subiu correndo as escadas. Logo depois, uma porta bateu novamente no andar de cima.

Martin Grant sorriu para si mesmo enquanto recolhia os restos da comida. Ele teve que admitir que a garota era deliciosa e, embora ela não estivesse ciente disso, completamente transparente.

# 3

Algumas horas depois, Vega acordou e, por alguns minutos, não conseguiu se lembrar de onde estava. Finalmente, levantou-se, foi ao banheiro e, depois de um longo banho com água muito quente que a fez parecer nova, vestiu-se e foi até a sala de estar. O latido alegre de um gigantesco labrador preto a cumprimentou.

— Oi bonito. Quem é você, se posso saber? — ela perguntou acariciando-o atrás das orelhas.

— Deixe te apresentar Oberon. — Vega levantou a cabeça e descobriu Martin encostado no batente da porta, observando-a. —. Fico feliz que você goste de cães, eu o deixei para fora por precaução, mas, se você não se importa, ele está acostumado a viver dentro de casa.

— Claro que não me importo. Adoro cães. Especialmente um tão bonito quanto você, Oberon — ela disse enquanto o acariciava.

— Eu vou pra cidade. Podemos dar uma volta, comer no *pub* e assim te apresento a algumas pessoas por aqui. Depois pode ir e vir quando quiser. Você sabe dirigir?

— Eu sei dirigir, mas nunca fiz isso do lado contrário, como os ingleses.

— Como qualquer inglês que se preze lhe dirá: Os que conduzem ao contrário são o resto do mundo — ele disse com seu sorriso torto característico —. Você vem? Irei a seu lado, assim se sentirá mais segura.

Vega colocou a jaqueta, pegou sua bolsa e o seguiu até o carro. Mudar de marcha com a mão esquerda parecia-lhe o mais complicado, embora no geral não fizesse errado. Ela se perdeu ao virar em um cruzamento, mas com reflexos prodigiosos, Grant pegou o volante instantaneamente e corrigiu a direção.

A cidade era pequena e pitoresca. Consistia em uma pequena praça principal, onde ficavam o *pub*, o supermercado e algumas outras casas. Um pouco fora do caminho, uma pequena igreja de pedra com a torre pontiaguda destacava-se contra o céu cinzento.

Eles entraram no *pub*. Martin cumprimentou o proprietário atrás do bar e pediu dois copos de cerveja e algo para comer. Alguns paroquianos ocupavam algumas das pequenas mesas de madeira. Martin Grant cumprimentou a todos e a apresentou como sua sobrinha, nascida na Espanha.

— Olá Martim! Eu não sabia que você estava de volta.

A saudação alegre veio de uma mulher muito alta, com cabelos ruivos, que acabara de entrar acompanhada por um jovem, também ruivo, que olhava Vega com curiosidade. Era evidente que a mulher ficou encantada por encontrar Martin e, sem pedir permissão, sentou-se à mesa dos dois.

—Olá, Kate. Acabei de chegar esta manhã. Apresento a você minha sobrinha Vega Grant. Ela chegou da Espanha ontem, procurando um lugar tranquilo para terminar sua tese de doutorado.

Kate finalmente tirou os olhos de Martin para colocá-los nela e não pareceu gostar muito do que viu. Vega admitiu com relutância que a ruiva era atraente, mas, para seu gosto, ela tinha curvas em excesso em todos os lugares.

— Eu não sabia que você tinha uma sobrinha tão velha.

— Eu também não — comentou o garoto que estava com ela —, mas estou encantado por você ter decidido vir a este lugar perdido. Sou Adam — ele acrescentou estendendo a mão com um olhar apreciativo —, irmão de Kate.

—Encantada, Adam.

— Você parece jovem demais para ter terminado uma graduação — Kate comentou com desprezo, descartando Vega como uma filha insignificante —. Qual é o tema da sua tese?

—«Reinventando a periferia; para uma redefinição do papel das periferias internas da região metropolitana de Madri».

Houve um silêncio e, sem saber o que dizer, a ruiva tomou um gole de cerveja.

—Impressionante — afirmou Adam enquanto Martin contemplava a jovem, divertido.

Ficou claro que a ruiva considerava Grant sua propriedade e não estava disposta a compartilhar com ninguém; nem mesmo com uma suposta sobrinha saída de não se sabia onde. Durante a

refeição, Kate monopolizou Martin enquanto seu irmão prestava toda a atenção em Vega.

—Você se importa se eu te chamar um dia para tomar um drinque? Embora, não espere nada muito especial, você vê que aqui o plano das estrelas é vir a este *pub* para beber uma cerveja.

— Eu adoraria, Adam.

— Bem — Martin deixou a jarra sobre a mesa e se levantou —, é melhor irmos para casa. Vega ainda tem que desfazer as malas e se acomodar. Tchau, Kate, tchau, Adam.

Quando entraram no carro a jovem não pôde evitar um comentário malévolo.

— Martin, Martin, você é cruel. Kate esperava que você se despedisse dela com um beijo apaixonado. Não é bom frustrar as ambições de uma mulher.

—Você acha? — perguntou Grant sem deixar transparecer nenhuma emoção nem desviar os olhos um milímetro da estrada.

Vendo que suas provocações o deixavam indiferente, Vega decidiu mudar de assunto.

—Pelo menos posso falar com meu pai?

— Claro, contanto que você não mencione onde estamos. Seu telefone pode estar sob escuta.

— Como você gosta de brincar de espião — ela comentou com desdém enquanto tirava o celular da bolsa.

Martin afastou-se da estrada e freou tão abruptamente que o telefone de Vega escorregou de sua mão. Então ele se virou para ela, segurou-a pelos ombros com força e a perfurou com aqueles olhos que pareciam laminas de gelo, disse em um tom suave que fez os cabelos da nuca se arrepiarem:

— Já é hora, Vega, de você perceber que nada disso é uma brincadeira.

Incapaz de reagir ou dizer qualquer coisa, ela olhou para aquele rosto, tão perto do dela, cujo único sinal de emoção era o ligeiro tremor de um músculo no canto da boca.

Depois de alguns segundos, ele a soltou e continuou dirigindo sem olhar para ela. Vega pegou o telefone com dedos trêmulos e permaneceu em silêncio, olhando pela janela, até que eles

chegaram. Assim que o motor parou, ela saiu do carro sem dizer uma palavra e correu para se trancar em seu quarto.

Grant suspirou e entrou na casa.

●

Já no seu quarto, Vega percebeu que alguém tinha deixado um laptop e uma caixa de papelão na mesa. Curiosa, ela levantou a tampa e viu que as anotações que havia juntado para sua tese estavam se acumulando lá dentro.

«Pelo menos eu vou aproveitar o tempo», ela disse para si mesma com algum alívio. Não poderia conceber uma tortura maior do que estar trancada em uma casa com esse homem odioso, sem nada para fazer.

Vega ligou o computador e começou a consultar os documentos. Não sentiu o tempo passar. A verdade era que amava arquitetura e sempre tinha gostado de projetos que lhe tinham enviado ao longo da carreira. Os últimos meses, cheios de festas, restaurantes e boates, fizeram que seu trabalho se ressentisse.

Poucas horas depois, o som do celular a tirou de sua abstração.

—Olá?

—Vega, é Adam. Se você quiser, eu vou buscá-la e jantamos no *pub*. Alguns amigos de Edimburgo estão vindo. Eu acho que é bom você se divertir um pouco.

— Obrigada, Adam, eu adoraria.

— Eu vou buscá-la em meia hora mais ou menos, ok?

— Perfeito, acho que não vai demorar muito para escolher o que vestir. A coisa está entre uma calça e um suéter ou um suéter e uma calça.

Adam soltou uma gargalhada.

— Não se preocupe, certamente você ficará linda com qualquer coisa que vista. E uma calça e um suéter é mais que suficiente para esta cidade. Até mais.

●

Vega não demorou muito para se arrumar. Examinando o bronzeado no seu rosto no espelho, ela decidiu que não precisava de maquiagem, então apenas escovou os cabelos compridos e colocou um pouco de brilho nos lábios. Satisfeita com sua imagem, saiu do quarto e desceu as escadas correndo.

— Estou preparando algo para o jantar —disse Martin.

Ela olhou para a lata aberta na mesa da cozinha.

—Ensopado enlatado? Hum, tentador, mas acho que prefiro jantar fora. Adam está vindo me buscar.

Uma buzina soou do lado de fora.

— Falando do rei de Roma... Tchau, Martin querido. Não me espere acordado — se despediu sarcástica.

Martin Grant, segurando a colher de pau, olhou para ela em silêncio até que desapareceu atrás da porta.

●

O casal que chegara de Edimburgo os esperava no *pub*. Ambos eram muito agradáveis e Vega aproveitou a noite; tinha a sensação de que não se divertia há meses.

Beberam bastante vinho no jantar e ela ficou agradavelmente tonta quando, à meia-noite e meia, Adam parou o carro em frente à porta da casa.

— Muito obrigada, Adam. Eu me diverti muito.

—Eu que agradeço, Vega.

O jovem lentamente se inclinou e colocou os lábios nos dela em um beijo delicado de despedida. Vega não achou o contato desagradável, mas quando sentiu Adam começar a ficar entusiasmado, ela se soltou das mãos que a seguravam pelos ombros gentilmente.

—Tchau, Adam —se despediu.

Ela saiu do carro, abriu a porta da casa, que não estava trancada, e mais uma vez se virou para se despedir, acenando com a mão. Adam acenou de volta, ligou o motor e logo depois a luz do farol do carro se perdeu na escuridão.

●

O interior da casa estava iluminado apenas pelo fogo na lareira. Oberon saiu para cumprimentá-la, abanando o rabo, e Vega o acariciou por um tempo. Logo se aproximou do fogo apagado e estendeu as mãos geladas, buscando o calor das chamas. De repente uma voz sussurrou em seu ouvido:

—Você se divertiu? Como os garotos ingleses beijam em comparação com os espanhóis?

Vega virou-se assustada e ficou a poucos centímetros do corpo firme e inevitável de Martin Grant.

—Você me assustou! O que você está fazendo aqui escondido no escuro? Você estava nos espionando?

— Queria ter certeza de que a menina chegava em casa sã e salva — respondeu ironicamente.

— Que gentileza sua, mas não precisava se incomodar. — Vega, que tinha bebido mais do que deveria, apoiou as mãos no seu peito, ficou na ponta dos pés e aproximou-se até lhe tocar a orelha com o nariz —. E para sua informação eu vou lhe dizer... — ela adicionou em um sussurro provocador —: Que eu não sou uma menina!

O último gritou em seu ouvido enquanto o empurrava para se afastar dele, mas Martin foi mais rápido e segurou o rosto nas mãos, impedindo-a de se afastar.

—Não?

À luz do fogo, o olhar de Martin percorreu o cabelo precioso, que se iluminava com brilhos dourados e os grandes olhos levemente puxados, que não conseguiam esconder certo medo em suas profundezas. Suas pupilas, insondáveis, pousaram em seus lábios macios e carnudos, deixando os joelhos de Vega frouxos, e

continuaram sua jornada para baixo, até parar nos seios pequenos, que subiam e desciam seguindo o ritmo de sua respiração agitada.

—De fato, você não é uma menina... — A maneira como ele disse isso a fez engolir, mas logo voltou ao seu tom habitual, suave e frio, para ordenar —: Vá para o seu quarto.

Ele a soltou de repente e Vega cambaleou por alguns instantes. Recuperou o equilíbrio e subiu os degraus o mais rápido que suas pernas trêmulas permitiam.

Martin fixou os olhos nas chamas, que gradualmente se extinguiam sentindo-se irritado consigo mesmo. Não conseguia entender que demônios acabava de acontecer ali. Pela primeira vez em sua vida, ele teve que usar todo o seu autocontrole para deixar uma mulher ir. Por alguns momentos, ele só conseguiu pensar naqueles lábios tentadores, e o desejo de beijá-los subiu à sua cabeça como álcool. A menina não estava no comando, lembrou-se severamente. Ele não permitiria que as coisas escapassem ao seu controle. Soltou uma série de maldições baixinho, ainda andando pela sala como um tigre enjaulado.

# 4

Vega acordou com uma forte dor de cabeça e amaldiçoou o vinho que havia bebido durante o jantar. Permaneceu um bom momento sob o jato quente do chuveiro enquanto imagens da noite anterior explodiam como flashes em seu cérebro. Se ela fosse honesta consigo mesma — e quase sempre era —, devia reconhecer que, apesar de considerar Martin Grant como um dos tipos mais odiosos da criação, havia uma parte dela que se sentia fortemente atraída por ele, pelo menos num sentido físico. Se ela fingisse ser a pessoa que dominava a situação, teria que ter cuidado e não subestimar esse homem, como sempre fazia com os outros.

Não consentiria que voltasse a humilhá-la de novo. Como se um plano de batalha estivesse se desenrolando diante de seus olhos, decidiu que, apesar de seus dentes rangerem, só de pensar nisso, deveria mudar de atitude.

«Caras como Martin Grant gostam mais de mulheres indefesas e submissas», disse a si mesma.

Terminou de secar o cabelo e fez uma trança que deixou pendurada a um lado de seu rosto. Satisfeita, notou que esse penteado lhe dava um ar enganosamente angelical.

Desceu as escadas cantarolando uma canção. Grant estava sentado na mesa da cozinha digitando em um laptop.

—Olá, Martin! Lindo dia, não acha? — exclamou com entusiasmo, apesar de que as densas nuvens cinzentas que se viam do outro lado da janela não agouravam nada de bom.

O mencionado levantou a cabeça e a encarou com aquela expressão indecifrável em seus olhos prateados, o que fez Vega querer gritar.

— Você parece muito feliz esta manhã.

Vega deu de ombros.

— Bem, eu estive pensando. Como parece que teremos que ficar juntos nesta casa indefinidamente, seria preferível nos darmos bem, você não acha?

Ele continuou olhando para ela sem responder, mas Vega não estava disposta a desistir.

— Sinto muito por ontem, acho que bebi mais do que deveria. Paz e amor? — Ela estendeu a mão com um sorriso caloroso.

—Paz e amor. — Martin a estreitou em um aperto, forte e quente, causando uma cãibra que lhe subiu do pulso até o cotovelo.

«Por Deus!» Vega disse a si mesma, abrindo e fechando os dedos. «Isso não é normal!».

Com esforço, ela afastou aqueles sentimentos de sua mente que ameaçavam distraí-la de seu objetivo.

— Como oferta de paz, hoje eu vou preparar a refeição. Eu acho que será bom para você descansar de tantas latas e pratos preparados; não pode ser bom para o seu colesterol.

— Estou impressionado que você se preocupa com a minha humilde saúde.

Martin esboçou um sorriso irônico, que lhe deu vontade de apagá-lo com um tapa. No entanto, Vega continuou sem apagar o sorriso falso da boca:

— Vou à cidade fazer compras. Assim poderá trabalhar tranquilamente. Venha comigo, Oberon!

Vega abriu a porta e o cachorro a seguiu. Assim que esteve fora de vista de seu anfitrião, seu sorriso se alargou ainda mais. Não tinha dúvida de quem venceria aquela guerra.

Dirigiu com cuidado para a cidade. Apesar do desagradável dia cinzento e ventoso, a paisagem das colinas nuas, de uma cor verde úmida e salpicada de urze, roubou seu fôlego. Ao chegar, ela estacionou em frente ao supermercado. Lá dentro, havia apenas algumas pessoas que a cumprimentaram gentilmente e até pararam para conversar um pouco com ela. A variedade de frutas e verduras não tinha nada a ver com a do mercado ao que ela ia de vez em quando em Madri, mas tinha que servir. Pegou uma embalagem de pão integral e uma garrafa de vinho Rioja que encontrou criando pó em uma das prateleiras e os adicionou ao restante de suas compras.

Quando conseguiu tudo o que precisava, voltou ao carro e, cantando uma música alegre, acompanhada por um ou outro latido de Oberon, voltou para casa.

Assim que desligou o carro, Martin saiu e veio ajudá-la a descarregar as sacolas.

— Você comprou um monte de coisas — ele comentou, carregando tudo.

— Bem, hoje de manhã vi o que você guarda na geladeira e queria começar a chorar.

—Você quer que eu te ajude com algo?

— Não é necessário, obrigada, será melhor que continue com o que estava fazendo. Duas pessoas nesta pequena cozinha só atrapalhariam.

Martin Grant sentou-se novamente na frente do computador, mas ele não conseguia tirar os olhos dela. Era um prazer vê-la se mover de maneira tão eficiente pela cozinha; num piscar de olhos, ele cortou os legumes em pedaços pequenos com a habilidade de um *chef* e colocou uma panela no fogo com azeite de oliva e outros ingredientes misteriosos. Em um dado momento, abriu a garrafa de vinho e serviu dois copos. Entregou um para Martin e continuou com seus preparativos.

Este, incapaz de se concentrar de novo em seu trabalho, limitou-se a observá-la fascinado, embora sem perder de vista a expressão de gatinha manhosa que aparecia em seu rosto de vez em quando; um sinal inconfundível de que a garota estava tramando algo.

—Posso te perguntar qual é o cardápio?

—Pode. Hoje vamos comer, primeiro salada verde com molho de queijo de cabra e meu tempero secreto, depois *ragoût*, especialidade da família De Carrizosa, e, para finalizar, uma salada de frutas com aroma de Cointreau.

— Parece delicioso, claro que você não quer que eu ajude?

—Já que insiste, poderia colocar os pratos — ela disse condescendentemente.

— Trato feito.

Eles continuaram conversando durante os preparativos, com o cachorro deitado a seus pés. A atmosfera da refeição foi muito agradável, os assuntos da conversa fluíam sem dificuldade e, depois de terminar a sobremesa, Vega, com relutância, foi forçada a admitir que havia gostado de sua companhia.

Martin Grant era um homem interessante, com um senso de humor um pouco seco que a fazia rir frequentemente.

— Não sei se serei capaz de me levantar para recolher os pratos. — Martin bateu o estômago com expressão satisfeita.

«Sem dúvida», pensou Vega.

O homem comia como uma piranha, embora qualquer umque visse seu ventre, plano como uma tábua, não acreditaria. Ele repetiu todos os pratos, incluindo a sobremesa.

— Martin Grant, devo dizer que você fez o melhor tributo que uma cozinheira poderia desejar.

— Muito obrigado, Vega de Carrizosa. Devo dizer que você é uma joia: divertida, cozinha maravilhosamente e acima de tudo é linda... – afirmou, percorrendo-a de cima abaixo com um olhar indecifrável.

Incapaz de adivinhar se ele estava rindo dela ou não, Vega notou uma onda de rubor inundar seu rosto. Não entendia o que estava causando tanto sufocamento, disse consigo mesma com raiva; aquele homem a fazia se sentir uma colegial estúpida.

Graças a Deus, naquele momento o telefone tocou, o que serviu para esconder seu constrangimento.

—Pai! Estava na hora de você se preocupar comigo. Estou aqui não sei quantos dias e não foi capaz de me ligar nem uma só vez.

— ...

—Em boas mãos você diz?

— ...

A garota olhou de relance para Martin, que esfregava uma panela com habilidade. Ele não parecia entender espanhol, mas queria testá-lo.

—Não tinha um cara mais desagradável que pudesse enviar para ser minha babá?

Nem um piscar de olhos. Martin Grant continuou com as panelas como se não fosse nada.

— ...

— Gostaria de saber quanto tempo durará esse castigo...

— ...

— E não teme que seja este indivíduo que te peça um resgate por sua pequena herdeira. Não tem pinta de ter um trabalho

honesto. Estou com ele há vários dias e só o vi algumas vezes digitando em seu computador.

— …

Vega revirou os olhos.

— Na verdade, prefiro não saber que tipo de trabalho que se dedica.

— ...

— Está bem, papai, mas quero que saiba que não aguentarei muito mais. — Com raiva, ela desligou o telefone abruptamente.

—Alguma noticia? —perguntou Grant.

— Não, não há notícias. Parece que vamos ficar atolados neste maldito lugar por uma longa temporada.

— Agora que descobri que você é uma cozinheira tão boa, não me importo muito...

Vega olhou para ele e, esquecendo seu papel de mulher submissa e indefesa, bufou e foi para o quarto, subindo os degraus três a três.

— Um, dois...

A porta bateu rapidamente. Com um sorriso nos lábios, Martin continuou a recolher os restos de comida.

# 5

Os dias seguintes passaram com um sossego ao qual Vega não estava acostumada. De manhã trabalhava em sua tese até a hora de comer enquanto Martin matava o tempo diante de seu laptop.

«Provavelmente jogando paciência», Vega disse a si mesma com desdém.

A senhora Lawrence, uma mulher discreta de sessenta anos que morava na cidade, passava alguns dias por semana para limpar a casa e trocar os lençóis e as toalhas. Na maioria das vezes, Vega comia com Martin. Às vezes ela cozinhava, e outras era ele o encarregado de abrir uma lata e aquecer seu conteúdo em uma panela. Os dois mantinham uma espécie de trégua armada que poderia explodir a qualquer momento.

De vez em quando, Martin lhe informava do estado das investigações da polícia espanhola. Até o momento não haviam conseguido encontrar o ramo mafioso encarregado de fazer o trabalho sujo, mas pela informação obtida de um de seus confidentes, era quase certo que os possíveis sequestradores já se encontravam em solo espanhol. De acordo com o agente encarregado do caso, o melhor seria que Vega permanecesse em seu esconderijo por um tempo.

Pela tarde, apesar do frio e da chuva, a jovem saía para passear durante horas, acompanhada por Oberon. Reconhecia — embora não pensasse confessá-lo a ninguém — que essa paisagem verde, selvagem e solitária a fascinava. Em particular, adorava se aproximar das águas turbulentas do rio, rasas e cristalinas, onde, de tempos em tempos, via um salmão saltar.

Às vezes, Martin decidia acompanhá-los e mostrava-lhe cantos escondidos dos quais a vista era espetacular. Vega adorava essas excursões, embora o ritmo da caminhada fosse cansativo. Estava claro que se Martin Grant estava em uma magnífica forma física era por algo. A natureza não tinha segredos para ele; mostrava animais em seu habitat, criaturas que ela não seria capaz de descobrir

sozinha, mesmo que estivessem debaixo do nariz. Ele a levou para pescar algumas vezes, aventuras que invariavelmente terminavam com Vega ensopada até os ossos, contorcendo-se de tanto rir, enquanto ele a olhava divertido, com um sorriso atraente nos lábios.

Uma manhã, depois de caminhar pelo que parecia uma vida inteira, Vega começou a resmungar:

—O que você pretende? Bater algum recorde de resistência?

— Quero te mostrar um lugar especial.

— Já pode valer a pena, porque vou ter pés durante uma semana.

— Não seja reclamona, já estamos chegando.

O caminho se tornava cada vez mais íngreme; as longas pernas de Martin devoravam incansáveis quilômetros de terreno acidentado e Vega, cada vez mais cansada, começou a ficar para trás. Percebendo, ele refez seus passos e, sem dizer uma palavra, carregou-o no ombro como um pacote.

—Me solte! Coloque-me no chão agora! — ela ficou indignada enquanto continuava a chutar.

—Quieta! — Martin ordenou, dando-lhe um tapa forte na bunda.

Por um segundo, Vega ficou tão surpresa que não conseguiu pronunciar uma palavra, mas reagiu imediatamente.

—Maldito, animal! —Bateu com os punhos nas costas masculina—. Eu disse para me descer agora mesmo!

— Eu só quero chegar lá antes do anoitecer...

Alguns metros adiante, ele a colocou gentilmente no chão.

— Já chegamos.

Colocando sua dignidade de lado, Vega esfregou a parte dolorida. Olhou ao seu redor e o panorama lhe cortou o fôlego.

—Meu Deus, Martin, é maravilhoso! — exclamou, esquecendo que estava zangada com ele.

Aos pés da colina que acabavam de subir, havia uma paisagem espetacular de florestas impenetráveis e pastos verdes, cobertos por uma bruma leve e atravessados pela fita prateada do rio. Mais abaixo, duas enormes montanhas nuas se destacavam. Naquele momento, o sol decidiu aparecer por um momento entre as nuvens e banhou tudo com um brilho dourado que, mais uma vez, a deixou sem fôlego.

—O que você acha? Valeu a pena?

—Oh, sim — Vega sussurrou, como se falar em um tom de voz normal fosse quebrar o encantamento do lugar.

— Vamos nos sentar ali — Martin sugeriu, apontando para uma enorme rocha com vista para o penhasco.

Ficaram sentados sem prestar atenção à umidade da pedra e, durante um bom tempo, permaneceram em silêncio, admirando a vista.

—Martin...

—Diga, Vega.

— Eu quero que você me conte algo sobre você, sobre sua vida.

—Da minha vida?

— Sim, não é justo. Você sabe tudo sobre mim e eu nem sei o que você faz, embora eu suspeite... — Levantou as duas sobrancelhas de uma maneira muito expressiva.

Martin sorriu.

—Ah sim? E me diga, quais são suas suspeitas?

— Eu acho que você é um mercenário.

— Um mercenário, é? Eu gosto da ideia, tem certo halo de mistério, até soa romântico, você não acha?

— Nem um pouco, mas não é isso que eu quero saber.

— E o que é, então, o que a dama curiosa deseja saber?

— Quero saber como era quando criança, quem foram seus pais, enfim, esse tipo de coisas.

Martin recuperou a seriedade e ficou olhando o horizonte, pensativo.

— Minha infância...

—Isso.

— Na verdade não há muito para contar. Meus pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha dez anos.

— Oh, sinto muito. — Envergonhada, Vega apoiou a mão dela na de Martin, que repousava no joelho.

— Não sinta pena de mim. Isso aconteceu há muitos anos e tive sorte de que meu avô me acolhesse em sua casa; era meu único parente vivo. Sempre agradeci a ele por não me deixar nas mãos dos serviços sociais.

— Isso teria sido muito cruel.

— Bem, ninguém poderia culpá-lo. O pobre homem era viúvo, e sua única renda era a escassa pensão do exército que recebia todos os meses. Ele mal tinha visto sua filha, minha mãe, desde que ela se casou. Para uma pessoa de quase setenta e cinco anos, cuidar de um moleq  ue de dez anos não é uma tarefa fácil. Mas sua vida se sustentava sobre dois sólidos pilares: a pátria e a honra, e abandonar seu neto teria sido um ato pouco honrado. Cresci num bairro humilde de Londres, sem luxos, mas tampouco passei necessidades. Anos depois, naquele momento crítico da adolescência, quando o risco de se inclinar para o lado sombrio é alto, tive a sorte de conhecer um homem que significou muito na minha vida.

Martin parecia lembrar-se daqueles tempos com carinho, apesar do fato de que, embora não tivesse dito isso, Vega não teve dificuldade em ler nas entrelinhas a falta de calor familiar e ternura da família que dominara aquele período de sua vida. Sua mão permanecia sobre a mão masculina, e Martin a pegou com a outra e a acariciou com suavidade, como se não fosse consciente disso.

— Eu, embora sempre fosse um garoto mais alto, era muito magro e fraco e, portanto, presa fácil desses meninos que gostam de dominar os mais fracos. Então decidi ir para a academia do bairro, onde o esporte era o boxe, e lá conheci Samuel Shaw. Sob sua orientação, desenvolvi meus músculos e aprendi a me defender com habilidade. Mais tarde, ele me apresentou ao mundo das armas, segurança e proteção. Durante anos trabalhei como escolta, logo conheci seu pai, que, como já te contei, me apoiou quando quis voar por minha conta e agora sou o dono de um pequeno negócio relacionado com a segurança, do qual vivo.

Após um breve silêncio acrescentou:

— E essa é a história da minha vida, a senhorita perguntona, está satisfeita? — brincou.

Vega assentiu com a cabeça. Realmente estava. Apesar de Martin não ter se estendido nos detalhes, sentia que agora o conhecia um pouco melhor. Traços de seu caráter, como o sentido do dever, inculcado por seu avô, sua tenacidade ou sua força,

tinham sua explicação nessas circunstâncias difíceis que o forjaram como pessoa.

Ficaram um pouco mais contemplando a vegetação do campo, que parecia se estender até o infinito e, como se tivessem concordado, ambos se levantaram ao mesmo tempo e lentamente retornaram à casa.

●

Quase todas as noites costumavam jantar no *pub*. Adam, que trabalhava na área como assistente de um veterinário, os encontrava para um lanche e uma cerveja. O mesmo fazia Kate que, apesar de continuar a olhar para Vega com certa desconfiança, já não parecia considerá-la uma ameaça.

Para Vega era evidente que Kate era louca por Martin; no entanto, era incapaz de decifrar o que ele sentia por ela. Claro que se mostrava amável e atencioso, mas para Vega não lhe dava a impressão de que por dentro ardia de admiração. Por outro lado, ela mesma teria que fazer algo sobre Adam. O garoto estava claramente se apaixonando e não tinha vontade de machucá-lo. Era uma pena, mas talvez tivesse que espaçar as visitas ao *pub*.

Uma noite, quando se preparava para sair, descobriu Martin sentado no sofá da sala, com as longas pernas sobre a mesa de centro e uma tigela enorme cheia de pipocas no colo. Era óbvio que ele estava pronto para uma intensa sessão de cinema em casa.

—Você não vai sair?

— Não. Hoje é um filme.

—Filme! — Vega exclamou como se nunca tivesse ouvido essa palavra. Fazia tanto tempo que não ficava em casa vendo um filme que, de repente, lhe pareceu o plano mais agradável do mundo.

—Que filme vai ver?

— Estou em duvida entre Soldado Universal e Morro dos Ventos Uivantes.

—Eu adoro esse filme!

—Qual? A de Van Damme?

— Não, tolo. Você vai compartilhar a pipoca se eu ficar para vê-lo?

— Vou.

—Me espere, vou me trocar.

—Por quê?

— À noite você tem que ver os filmes de pijama e chinelos, se não, não é o mesmo.

—Não está pensando em me seduzir?

— Desafio o homem que me achar sedutora com o pijama e o roupão que me comprou.

— Está bem, mas não demore. As pipocas esfriam.

Cinco minutos depois, Vega se sentou ao seu lado na poltrona envolto em um robusto manto de tecido grosso por onde espreitavam pernas de um pijama escocês, revelando grossas meias de algodão.

—Pronta.

O filme começou. As únicas luzes na sala eram as chamas na lareira e a própria TV. Vega ficou olhando para a tela enquanto sua mão apalpava, como a bengala de um cego, para pegar a pipoca. Ocasionalmente, seus dedos se encontravam na tigela, o que dava a Martin, aparentemente absorto na história, um choque agradável. Ele estava feliz por ela ter decidido ficar em casa.

Martin não podia evitar olhar para ela de relance de vez em quando. Apesar de não fazer nenhum ruído, a cada poucos segundos uma lágrima brilhante deslizava lentamente pelo canto de seu olho e rolava por sua bochecha.

«Grande chorona!» pensou divertido.

Quando o filme acabou, Vega ficou um bom tempo em silêncio vendo passar os créditos.

— Que lindo —sussurrou no final.

— Você não parou de chorar no filme inteiro.

—E o que isso importa para você? — Ela limpou as bochechas com uma ponta do roupão, zangada —.Você sempre tem que ser duro? Talvez um dia alguém sacuda esse coração de pedra que a natureza lhe dotou. Claro, eu adoraria estar lá para ver.

— Talvez você queira experimentar por si mesma...

—Por que eu gostaria?

— Talvez para não ter que admitir que, pela primeira vez em sua vida, existe alguém com quem você não pode lidar como quer.

Vega levantou a cabeça, alerta.

—Você está me desafiando?

—Talvez...

—Você está me dizendo que não poderei encontrar uma maneira de causar uma leve impressão em você? — Ela olhou para ele com olhos brilhantes.

Com um único movimento, retirou a tigela das mãos dele, deixou-a sobre a mesa e montou em seu colo. Martin ficou muito quieto, olhando para ela com aqueles olhos prateados que pareciam perfurar seu cérebro. Teve a sensação de que riria dela.

«Você descobrirá!», prometeu.

Ela enredou os dedos, finos e elegantes, nos cabelos curtos na nuca, em uma carícia suave.

— Querido Martin, sabe que tem um ar de Heathcliff? Deve ser pelo excesso de emoções que borbulham dentro de você — ela comentou com um sorriso zombeteiro.

As pontas dos dedos continuaram o passeio pelas têmporas, as sobrancelhas, o nariz estreito e levemente curvado, e finalmente pararam nos lábios. Com o polegar, Vega abriu o lábio inferior e começou a mordiscá-lo. Fechou os olhos; tinha gosto de sal e manteiga. Em seguida, introduziu a ponta da língua em sua boca, acariciando a pele por dentro. Notou que sua própria respiração se acelerava; todavia não percebeu nenhuma mudança no homem que se esforçava por comover. Então ela decidiu que seria melhor deixar o jogo antes que ela se envergonhasse.

— Ok, você ga...

Não teve tempo de terminar a frase. Sem saber como, ela acabou deitada no sofá, sentindo o peso do corpo firme de Martin Grant sobre si mesma. Ela abriu as pálpebras, assustada, e encontrou aqueles olhos que pareciam queimar com uma chama prateada, muito perto. A boca de Martin bateu na dela como uma ave de rapina e Vega parou de pensar. Um calor intenso se espalhou por todo seu corpo até que alcançou o centro de seu ser.

Os lábios de Martin estavam duros e macios ao mesmo tempo e a arrastaram para um novo mundo, sem que ela pudesse resistir.

Não sabia durante quanto tempo seus lábios estiveram submetidos a esse ataque devastador que a privara de vontade, mas em um dado momento, sentiu essa boca enlouquecedora deslizando por sua bochecha, até afundar-se na base de seu pescoço. O estremecimento que se seguiu a fez arquear contra ele e um gemido suave escapou de sua garganta. Concentrada no calor abrasador que a envolvia, ela mal notou a mão de Martin puxando a lapela do roupão para o lado e começando a desabotoar a blusa do pijama. Enquanto isso, os lábios masculinos não lhe davam trégua; muito lentamente, desceram pela pele de seu ombro até alcançar seu peito. Então, começou a desenhar círculos com a língua sobre a ponta endurecida de seu mamilo, desencadeando uma série de descargas elétricas que a deixaram ofegante.

De repente, uma corrente de ar frio atravessou-a e ela abriu os olhos; o corpo de Martin tinha se afastado dela. Incapaz de se mover, Vega ficou olhando para ele como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo. Martin estendeu a mão e acomodou o roupão em seu lugar, tapando o pequeno seio que ainda permanecia exposto.

— Está bem eu reconheço. Você conseguiu sacudir meu velho coração de pedra. — Seu tom rouco era menos firme do que ele pretendia.

Vega ficou olhando para ele, incapaz de entender o que tinha acontecido. Finalmente, ela se sentou sem tirar os olhos dele, como se tivesse medo de que ele pudesse pular nela novamente. Engoliu em seco.

— Sinto muito — acertou em dizer com uma voz que não lhe pareceu a sua —. Eu não deveria ter tentado te provocar. É melhor eu ir para a cama.

Ela se levantou e, fechando as abas do roupão no pescoço, saiu arrastando os pés.

Martin Grant apoiou o pescoço nas costas do sofá e fechou os olhos. Ele não deveria ter sido tão tolo em desafiá-la dessa maneira estúpida, disse a si mesmo com raiva. No fundo, ele sabia muito bem que queria beijá-la quase desde que a viu novamente no quarto de hotel. Aquela noite começou como um jogo, mas no momento em

que ele sentiu seus lábios roçarem nos dele, tornou-se algo muito mais sério.

Era a primeira vez que perdia o controle dessa maneira. Por Deus, ele estava prestes a transar com uma jovem, pouco mais do que uma menina, confiada aos seus cuidados. Nervoso, passou uma mão pelos cabelos. Assim que percebeu a reação dela, soube instantaneamente que Vega não era a mulher experiente com a qual queria se parecer e, mesmo assim, não conseguiu deixá-la em paz até que, a certa altura, sem saber onde, reuniu as forças necessárias para conseguir parar.

Essa situação não podia se repetir.

●

No seu quarto, Vega olhava para o teto sem ver. Ainda estava imersa no turbilhão de sensações que haviam despertado nela os beijos experientes de Martin. Durante toda a sua vida tinha se considerado uma pessoa fria e sensata apesar de sua aparência. Ela teve alguns namorados, com quem trocou beijos e abraços, nunca saindo disso, não por nenhum problema moral especial, mas pelo simples fato de nunca ter tido vontade de ir além.

Quando as amigas diziam que tinham perdido a cabeça por um ou outro, ela sempre pensava que estavam exagerando. A sociedade atribuía tanta importância ao sexo que parecia que alguém que não passava 24 horas por dia pensando nisso era um esquisito. No entanto, agora ela entendia o verdadeiro significado da expressão «perder a cabeça». Deus do céu! Se Martin não tivesse parado, teria se rendido a ele naquela mesma noite, sem colocar nenhum obstáculo. Era como se seus beijos tivessem anulado sua vontade por completo.

Depois do que aconteceu, ela não desejava continuar vivendo sob o mesmo teto que Martin Grant. Seu pai teria que encontrar um novo esconderijo, ela disse a si mesma com determinação. Com esse pensamento em mente, ela conseguiu adormecer, embora

seus sonhos fossem cheios de imagens perturbadoras de Martin e ela.

●

Na manhã seguinte, ela acordou e sentiu a carícia de um pequeno raio de sol em sua bochecha. Não via muito sol desde que se mudaram tão ao norte. Ela ficou parada, sentindo o calor enquanto tentava não pensar em nada, até que uma batida na porta a tirou de seu encantamento.

Ela fingiu ainda estar dormindo, mas o cara irritante do outro lado chamou novamente insistentemente. Com medo de que ele abrisse e entrasse no quarto, ela decidiu responder:

—O que quer?

— Eu quero falar com você, Vega.

— Deixe-me em paz, não temos nada para conversar.

— Te espero lá embaixo em meia hora, senão subirei para te buscar.

«Maldito, maldito e maldito!», murmurou afastando os lençóis.

Ela pulou da cama e correu para o banheiro; agora sabia muito bem que Martin Grant não estava brincando.

Assim que saiu do chuveiro, desceu as escadas devagar, como uma prisioneira a caminho do cadafalso. Martin a esperava de pé, apoiado contra a borda da lareira. Vestido com jeans e a gola de uma camisa listrada saindo de seu suéter azul, ele exibia uma elegância que parecia para Vega fora de lugar em um mercenário. Como sempre, ele a observou com seus frios olhos cinza, sem demonstrar emoção. Parecia incrível para Vega que este era o mesmo homem que a beijara na noite anterior com uma paixão avassaladora.

— Quero pedir desculpa.

A indiferença na voz dele a enfureceu, mas Vega tentou esconder suas emoções refugiando-se em um tom impertinente.

— Que dramático Martin, tampouco foi para tanto. Não são necessários os pêsames...

Percebeu de novo esse músculo que tremia no canto de sua boca; esse sinal delator que era a única indicação de uma emoção contida. Ela ficou feliz em ver que ele não estava tão calmo como parecia.

— Eu percebo que isso não importa para você; ontem eu verifiquei sua vasta experiência neste tipo de situação.

A maneira de enfatizar o adjetivo fez com que Vega corasse até à raiz do cabelo, o que a deixou ainda mais furiosa e aumentou o desejo de dizer algo que o magoasse.

— Bem, você pode não acreditar, mas não é a primeira vez que eu enfrento uma situação semelhante, embora eu deva admitir — acrescentou condescendente— você não beija muito mal.

Ao ouvi-la, o corpo de Martin Grant pareceu perder um pouco de sua rigidez. Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela com uma expressão divertida.

— Uau, muito obrigado. Vindo de você é um elogio.

— Sim, será melhor que valorize — encolheu os ombros com fingida indiferença —, porque acho que não vou te dizer muito mais. E agora, você terminou?

Martin ficou sério de novo. Ele deu alguns passos em sua direção e estendeu a mão.

—Não pense em me tocar de novo!

Ele parou em seco e deixou cair a mão. Ele notou as leves sombras escuras sob os olhos dourados, um sinal óbvio de que seus sonhos não haviam sido plácidos. Não gostou de ver o rastro de temor que espreitava em seu expressivo olhar e, uma vez mais, se sentiu culpado.

—Vega — disse com aquela voz envolvente que a atordoava —, Só quero que saiba que lamento o que aconteceu.

Martin pigarreou algumas vezes, como se estivesse desconfortável.

— Admito que, por alguns instantes, perdi o controle, mas prometo que não acontecerá novamente. Pode ficar tranquila. Seu pai deixou você sob minha responsabilidade e eu não trairei sua confiança. Paz e amor? — ele perguntou com seu sorriso torto irresistível, estendendo a mão novamente.

Vega sentiu-se corar mais uma vez; estava se tornando um hábito infeliz, mas algo sobre Martin Grant causavam emoções estranhas que estavam além de seu controle. Silenciosamente, ele apertou a mão dela e sorriu calorosamente para ela. Ele ficou muito quieto, os olhos fixos nos lábios, depois deu um passo para trás e Vega, aliviada, voltou a respirar normalmente.

— Vou passear com Oberon.

—Perfeito — Martin concordou — quando você voltar, terá uma refeição deliciosa esperando por você.

—Mal posso esperar! — bateu palmas com aparente entusiasmo —. Eu me pergunto o que será: ensopado em lata ou lasanha congelada?

Martin soltou uma gargalhada que acentuou as pequenas rugas que se formavam nos cantos de seus olhos, e ela o achou tão atraente que lhe deu vontade de gritar.

— Engana-se senhorita De Carrizosa. Desta vez lhe prepararei a especialidade dos Grant: uma omelete francesa macia, cheia de coisas misteriosas e deliciosas, cujo segredo não revelaria nem que me submetessem a terríveis torturas.

—Meu Deus! Dá água na boca só de pensar nisso. Não sei se consigo suportar. — Vega colocou a jaqueta sem parar de rir —. Vamos, Oberon, é melhor irmos, para que não descubramos esse segredo enigmático passado de geração em geração.

O cachorro latiu alegremente e deixou a casa atrás dela.

Uma vez sozinho, o sorriso de Martin desapareceu de seus lábios e ele passou a mão sobre a testa em um gesto de preocupação. Manter sua palavra custaria mais do que ele pensara. Por um momento, ele teve que se conter para não se inclinar sobre ela e beijá-la novamente. Aquela menininha mimada estava virando sua cabeça do avesso.

# 6

Os dias voltaram à sua rotina agradável. A tese de doutorado estava avançando sem problemas e, embora quase nenhuma notícia significativa viesse de Madri, o pai de Vega insistiu que ela permanecesse escondida por mais alguns meses. Martin fez algumas viagens a Londres, mas, apesar dos apelos de Vega, recusou-se a levá-la com ele. Essa oposição estrita lhe rendeu vários dias de cara feia e silêncios concentrados, aos quais Grant não prestou atenção.

Vega entrava e saía quando queria com um grupo de jovens, entre os quais se encontrava Adam, sem que Martin colocasse dificuldades. A verdade era que não podia dizer que estava entediada; seus dias estavam cheios, e trabalhar em sua tese lhe trouxe grande satisfação.

Em relação a Martin Grant, eles continuavam se encontrando na hora do almoço e ambos pareciam gostar da companhia um do outro. As refeições eram agradáveis e divertidas, embora sob essa camada de aparente placidez, fluía uma corrente de tensão constante.

Ele cumpriu sua promessa e nunca mais a tocou, mas às vezes Vega notava que uma tensão quase insuportável surgia entre eles. Entretanto, outras vezes pensava que eram só imaginações suas. Martin ainda estava tão impassível como de costume, e, embora muitas vezes o pegasse olhando para ela, não podia ser deduzido de sua expressão que ele a estava observando com algum interesse especial.

Naquela manhã, terminaram de comer em companhia amigável e começaram a recolher a louça. Vega tinha acabado de esfregar uma caçarola e, quando se virou para pegar um pano, esbarrou em Martin, que naquele momento estava colocando a louça na máquina de lavar louça. Ele correu para segurá-la firmemente pelos braços e para Vega foi como receber um choque. O formigamento de sua pele persistiu durante um bom tempo depois que a havia soltado e,

quando por fim terminaram a tarefa, a eletricidade acumulada no ambiente a impedia de respirar com normalidade.

Incapaz de aguentar essa tensão por mais tempo, deixou o livro que fingia ler em cima da mesa, vestiu o casaco e, sem dizer uma palavra, foi passear com o celular na mão.

Durante as semanas passadas na casa de pedra, havia obedecido à ordem de Martin de não entrar em contato com nenhum de seus amigos em Madri por telefone. Embora a troca de e-mails com alguns fosse contínua, naquele dia sentiu uma necessidade premente de ouvir uma voz amigável.

Decidiu que Martin Grant estava ficando paranoico, então ligou para Jaime Pedrosa. Nos últimos meses, Jaime e ela haviam se tornado muito próximos, talvez em algum momento ele tivesse pensado que eram algo mais, mas Vega nunca considerou dessa maneira. Era verdade que Jaime não gozava de boa reputação e talvez tenha sido isso que o atraiu a ele a princípio; se afastava um pouco dos padrões de seu círculo previsível de amigos. No entanto, Martin havia exagerado, e muito, ao acusá-lo pouco menos que de traficar drogas. Pode ser que às vezes fumasse algum ou outro baseado, mas não era para tanto. Quando o conhecia um pouco, Jaime era um rapaz terno e divertido.

—Vega! É você mesmo? — Ouvir uma voz familiar falando em espanhol, reconfortou-a de imediato.

— Jaime, que alegria ouvi-lo novamente.

—Posso saber onde esteve todos estes meses?

— Estou fazendo um *tour* com umas amigas da escola por várias capitais europeias — respondeu vagamente —. Prometi que as acompanharia depois do verão.

— Bem, você poderia ter avisado. Isso é tão chato sem você.

— Você sabe como eu sou, gosto de me tornar interessante.

Jaime riu alto.

— Tem razão, você sempre gostou de se cercar de uma auréola de mistério.

—Como estão as coisas em Madri? Como sinto falta da atmosfera, da comida e, acima de tudo, do tempo. Esta chuva ininterrupta escocesa vai acabar com minhas articulações.

«Merda!», ela mordeu o lábio inferior, ciente de que tinha acabado de fazer merda.

— Você perdeu uma das melhores festas da temporada, a dos Fernández de Andújar. No final, todos acabaram na piscina completamente vestidos. Você teria rido muito.

Jaime respondeu a sua pergunta com naturalidade. Felizmente, não parecia ter percebido nada.

Continuaram a conversar durante mais de meia hora, até que Vega não teve outra opção senão se despedir.

— Adeus, Jaime, sinto sua falta. Um beijo.

Quando desligou, ela se perguntou preocupada se deveria confessar a Martin seu pequeno deslize.

Depois de pensar um pouco, resolveu que não tinha importância. A Escócia era grande e não acreditava que alguém se incomodasse em descobrir em qual dessas aldeias perdidas tinha se refugiado. Não queria que Martin Grant descobrisse que havia desobedecido a suas ordens; Tinha a sensação de que não ia achar engraçado.

«Olhos que não veem...», disse a si mesma e, quase no momento, se esqueceu do assunto.

●

Quando voltou do passeio, viu o carro de Adam estacionado na frente da casa.

—Olá, Vega! Tenho uma grande notícia – anunciou assim que entrou, e seus olhos pousaram no rosto da jovem, avermelhado pelo exercício, como uma carícia.

Martin, esparramado no sofá, assistia a cena sem perder nenhum detalhe.

—Oi Adam! Que surpresa, eu não esperava vê-lo aqui. Não havíamos nos encontrado no *pub*?

— Esta notícia não é o que você pode esperar. Meu tio Alfred, eu já falei sobre ele, lembra-se? Aquele com a casa de pedra na colina. — Vega assentiu —. Todos os anos, nessas datas, celebram

uma grande festa e estão os dois convidados. É um baile, e vem gente de todo o condado e inclusive de Londres. É um dos eventos sociais mais importantes da temporada. É sempre um grande sucesso. Vocês tem que vir!

— Claro Adam — Vega bateu palmas com entusiasmo —, estou encantada.

— Não sei se é uma boa ideia... — A voz baixa de Martin veio do sofá como um jarro de água fria.

—Claro que é Martin, não seja um desmancha prazeres! — Vega protestou.

— Muito obrigado pelo convite, Adam, mas Vega e eu temos que discutir isso sozinhos.

Seu tom era tão razoável e calmo que o outro não pareceu surpreso pelo fato de uma mulher de 23 anos, de pleno direito, ter que debater com o tio se ia ou não a uma festa.

— Está bem — ele lançou um suspiro que continha certa decepção —, deixo vocês conversarem sobre isso, mas realmente Vega, espero que você possa vir.

— Eu também espero. Obrigado, Adam, vejo você mais tarde.

Assim que a porta se fechou atrás de seu amigo, Vega virou-se para Martin, com os olhos soltando faíscas.

—Posso saber o porquê disso tudo?

— Eu não acho seguro você ir a essa festa.

—Seguro! Meu Deus, você está paranoico. O que pode acontecer?

Embora o rosto de Grant fosse insondável, esse pulso revelador apareceu novamente no lado da boca. No entanto, quando ele falou, seu tom permaneceu inalterado:

— Lembro que, apesar de continuar a considerar esta situação uma piada, você corre o risco de ser vítima de um sequestro pelas mãos da máfia internacional. Pelo que entendi, muitas pessoas vão a essa festa que talvez possam reconhecê-la; Sua foto apareceu em várias ocasiões em revistas da sociedade.

Vega fez um gesto depreciativo com a mão, descartando a ideia imediatamente.

—Ah! Isso seria coincidência demais.

Ela o viu franzir os lábios e decidiu mudar de tática.

— Por favor, por favor, Martin — ela implorou em um tom trágico —. Será uma mudança. Estamos trancados nesta casa por quase dois meses. Bem — apontou com rancor —, você viajou a Londres todas as vezes que você teve vontade, enquanto eu...

Ela parou e olhou para ele com olhos suplicantes.

— Só desta vez, Martin, por favor...

Olhou para o belo rosto dele, suas mãos juntas em uma atitude imploradora e, pela primeira vez, Martin Grant cedeu, apesar do fato de que sabia em seu coração que era um erro.

— Não tem nada para vestir.

Vega percebeu que havia vencido e, com uma risada, se jogou em seus braços e o beijou na bochecha. De repente, lembrou-se de que esse homem não era seu pai, a quem costumava recompensar dessa maneira quando sucumbia aos caprichos dela, e saiu rapidamente, apesar do fato de ele não ter se mexido.

— As mulheres sempre mantêm um ás na manga —disse em resposta ao seu comentário —. Quando saímos do hotel, eu rapidamente coloquei um vestido e sandálias em uma bolsa. Estou acostumada a imprevistos e estou sempre preparada para o que pode acontecer.

— Já vejo.

Martin mal conseguia desviar o olhar do rosto dela. Tudo nela refletia o prazer que experimentava. Nunca tinha conhecido uma pessoa capaz de transmitir suas emoções com essa força. Quando Vega de Carrizosa estava animada, parecia se iluminar com um brilho interior.

Como se tivesse despertado de um feitiço, ele percebeu que ainda mantinha os braços estendidos sobre o corpo e os punhos cerrados. Era tudo o que ele podia fazer para se conter e não segurá-la nos braços e beijá-la até que a respiração dela cortasse.

— Vou ligar para Adam — ela anunciou animada, completamente alheia ao que passava pela cabeça masculina.

— Adam, consegui convencer o meu tio teimoso — ela piscou para Martin, que ouvia a conversa ao seu lado —. Você não me disse a data da festa. Depois de amanhã! Caramba, tenho que fazer muitos preparativos.

—...

—De verdade? — cobriu o transmissor do telefone para sussurrar —: Meu querido tio, você me permitirá ir às compras em Edimburgo amanhã com Adam?

Martin deu de ombros. Não gostava da ideia, mas havia dado seu consentimento para o baile — o que ele já estava se arrependendo — e não havia sentido em recusar. Vega interpretou seu gesto como um «sim».

—Perfeito, Adam. É melhor não sairmos hoje à noite, estou avisando que fazer compras comigo requer uma ótima forma física. A que horas você vem me buscar?

— …

—Ótimo, até mais!

Sorrindo, ela desligou e virou-se para Martin.

— Isso requer uma comemoração. Vou preparar uma omelete de batata, como nunca voltará a provar em sua vida.

—Isso significa que quando terminar o seu confinamento, não voltará a me convidar para comer?

— Eu prometo a você que, se algum dia passar por Madri, basta me ligar e eu correrei para pegar meu avental e meu livro de receitas — respondeu alegremente, enquanto pegava os ingredientes necessários na geladeira.

A omelete, acompanhada de vinho tinto, tomate fatiado e um pedaço de pão que Martin havia comprado pela manhã, estava deliciosa. Muito mais tarde, quando se deitaram no sofá em frente à lareira, provaram o restante do vinho deixado em seus copos, Martin comentou:

— Quando você não estiver, sentirei sua falta. Você está me mimando com esses deliciosos pratos.

— Quão verdadeiro é esse dizer que os homens são conquistados pelo estômago... — Vega respondeu.

Sonolenta pelo efeito do vinho, ela se aconchegou mais perto do cobertor.

— Talvez você devesse começar a pensar em se casar e ter uma mulher dócil ao seu lado para preparar refeições deliciosas. Você não pode passar o resto da vida como um lobo solitário, comendo ensopado enlatado.

—Você está se candidatando a posição?

Vega sentia os olhos de prata líquida fixos em seu rosto, mas, pela primeira vez, ela estava relaxada sob seu intenso escrutínio, e notou que as pálpebras começaram a pesar.

—Não, por Deus! Disse uma mulherzinha dócil. Nós ficaríamos o dia todo brigando. Você sempre quer mandar.

Martin decidiu não responder à sua pequena provocação e ficou em silêncio observando as chamas.

O calor do vinho adicionado ao fogo fez os músculos de Vega relaxarem mais e mais, até que ela adormeceu rapidamente.

Assim que Martin percebeu que Vega havia adormecido, suas feições relaxaram. Ele se lembrou, um por um, de todos os truques que a menina endemoninhada havia usado para seduzi-lo e conseguir se safar, e não pôde deixar de sorrir. A única coisa que essa menina mimada merecia era alguém que se atrevesse a dar-lhe uns bons açoites como castigo; ele mesmo teria se encarregado muito a gosto da tarefa, se não fosse porque tinha se apaixonado por ela como um idiota.

«Sou um estúpido», disse a si mesmo.

Estava louco por essa garota alegre e malcriada, que Martin Grant, significava para ela, menos que o cão que descansava a seus pés.

Por sua vida haviam desfilado muitas mulheres e nenhuma havia feito que seu pulso se acelerasse nem uma quarta parte. Anos atrás, ele chegou à conclusão de que, apesar de ser um homem com apetite normal por sexo, seu temperamento era frio e pragmático. Nas últimas semanas, essas conclusões foram explodidas e as peças se espalharam em todas as direções. A necessidade de conter a paixão que o enchia quando ele estava com Vega estava testando toda a sua força de vontade.

Ele passou a mão na testa para afastar esses pensamentos e se inclinou sobre ela.

—Vega — ele sussurrou, balançando o ombro com cuidado — acorde...

A jovem apenas murmurou algo e se envolveu um pouco mais no cobertor.

Ao vê-la, Martin balançou a cabeça com um sorriso resignado. Então ele a pegou, subiu a escada íngreme e a deitou gentilmente

no colchão. Apesar do movimento, Vega não acordou. Martin tirou as botas e afrouxou o cinto, tomando cuidado para não acordá-la. Então ele a cobriu com os lençóis e sentou-se ao lado da cama.

Muito lentamente, ele afastou uma mecha de cabelo castanho suave da bochecha dela e se inclinou para dar um leve beijo em seus lábios. Não estava preparado para a pontada de desejo que lhe atravessou de um lado para outro. Ele se virou imediatamente, levantou-se e saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

# 7

O dia de compras em Edimburgo foi um sucesso completo. Vega comprou um casaco e alguns pares de meias, um livro, algumas músicas e, por impulso, também comprou um elegante suéter de cashmere para Martin. Ao terminar, se reuniram com uns amigos de Adam para comer, e o plano acabou por ser muito divertido.

Quando muito mais tarde voltaram a casa de Martin, Vega estava cansada mas satisfeita.

— Até amanhã Adam, nos vemos na festa. Muito obrigado por tudo, eu me diverti muito.

Adam disse adeus agitando a mão. Desde a primeira noite em que se despediu dela com um beijo, não tinha tentado beijá-la de novo.

Martin a esperava com o jantar pronto. Com uma camisa — de um tom claro que acentuava o bronzeado de sua pele — as mangas arregaçadas até o cotovelo e um avental cobrindo os jeans, que para Vega parecia o homem mais irresistível do mundo.

— Você não pode imaginar tudo o que eu comprei — ela anunciou, enquanto deixava cair as numerosas sacolas no sofá de qualquer jeito —. Claro, depois de mais de dois meses fechada neste lugar, sem a possibilidade de visitar mais loja que o supermercado da cidade, precisava de algumas coisas.

Ela tirou a jaqueta e jogou em cima de todo o resto.

— Isto é para você — Ela entregou-lhe um dos pacotes, com expectativa.

—Para mim? — Os lábios masculinos desenharam aquele sorriso lento e torto que sempre fazia seu estômago borbulhar.

Vega observou os dedos longos enquanto ela abria o pacote, lembrando-se de como ele também a havia tocado dessa maneira, delicado e consciente ao mesmo tempo. Estremecendo, ela balançou a cabeça firmemente, tentando afastar aqueles pensamentos indesejados.

— Caramba, Vega, é muito bonito! Muito obrigado.

—Você gosta mesmo? Eu acho que o tom te favorece — Aproximou do rosto dele para demonstrar.

Martin aproveitou sua proximidade para segurá-la pelos ombros.

— Acredito que um presente como este deve se agradecer como merece.

Antes que ela pudesse reagir, ele se inclinou, deu um leve beijo no canto da sua boca e se afastou instantaneamente, deixando-a com um intenso sentimento de frustração.

Fingindo que nada estava acontecendo, Vega continuou conversando alegremente durante o jantar e, assim que terminaram, ela se despediu e foi para o quarto.

●

Deitada na cama, com as mãos cruzadas atrás da nuca, lembrou-se da impressão que tivera naquela manhã quando percebeu que estava vestida sob as cobertas.

«Bem», disse a si mesmo, «muito melhor do que se ele tivesse me deixado nua, certo?».

Só de pensar nisso, uma onda de sangue quente inundou suas bochechas. Ele a carregou até seu quarto, pena que ela, dormindo como estava, nem percebeu. Ela teve que admitir que lhe parecia um desperdício ter perdido a oportunidade de se sentir novamente nos braços de Martin. Não estaria se apaixonando, estaria?

Bobagem, era apenas a novidade. Martin Grant era um pouco mais velho do que os garotos com quem costumava lidar, seu trabalho era um mistério e também adorava aquele corpo alto e magro e os traços poderosos do rosto. Ninguém jamais a atraiu tanto fisicamente e, por si só, também era uma novidade.

«Se eu tiver que ficar aqui por meses, um ligeiro flerte tornará a passagem do tempo mais suportável» refletiu.

No entanto, não era estúpida e sabia muito bem do ditado que falava o que acontecia com aqueles que brincavam com fogo...

●

Vega se arrumou com esmero para o baile. Ela prendeu os cabelos recém-lavados em um coque alto, do qual escapavam ondas suaves que caíam dos dois lados do rosto. O tecido de *chiffon* do vestido longo, em tons claros, parecia acompanhar o menor de seus movimentos, produzindo um efeito etéreo.

Qualquer um poderia tê-la confundido com uma ninfa da floresta, se as faíscas alegres e travessas que emanavam de seus olhos dourados não a fizessem parecer mais uma elfa travessa. Ela abriu uma garrafa de vidro ornamentada e colocou algumas gotas de perfume nos pulsos e atrás das orelhas.

—O toque final! — ela exclamou na frente do espelho, mais do que satisfeita com o reflexo que ele devolveu.

Então, olhou pelo corrimão da estreita escada.

—Martin!

—Diga, Vega.

— Espere por mim no pé da escada e prepare-se —ordenou—, Vou fazer uma entrada triunfal.

Grant obedeceu instantaneamente e, em pé na frente da escada, observou-a descer os degraus muito lentamente, com um ar real do mais teatral.

—Bravo! —aplaudiu. —Me permite, senhorita? — Aproximou-se de Vega, agarrou a mão direita entre as suas e inclinou-se com elegância, pondo os lábios nas costas, como um cavaleiro de tempos passados —. Você está linda esta noite, eu sinto que você se tornará a rainha do baile.

Com uma risada nervosa, Vega se soltou gentilmente.

— Muito obrigada, cavalheiro — disse com uma pequena reverência, enquanto olhava Martin Grant de cima a baixo —. Ual, Martin, eu não tinha te olhado bem. Você está lindo!

De fato, o smoking preto combinava perfeitamente com a figura alta e a camisa branca imaculada destacava seus atraentes traços masculinos. Sua aparência era tão distinta que Vega não pôde

deixar de suspirar; parecia o perfeito príncipe azul feito carne, o sonho de qualquer menina romântica.

—Podemos ir?

— Espere, você está usando a gravata um pouco torta. — Sem mais, desfez o laço de seda e, com habilidade surpreendente, deu o nó novamente.

Para Martin, o leve toque daqueles dedos macios em seu pescoço era uma tortura que ele não sabia se queria escapar. Tentando se acalmar um pouco, ele continuou falando:

— Você parece muito especialista neste tipo de gravata.

— Eu sou,  sempre dou um nó para o meu pai quando ele vai a uma festa. Pronto — ela terminou, dando um leve puxão para ficar completamente reta —. Perfeita. – Ela admirou seu trabalho satisfeita —. Podemos ir agora.

Martin a ajudou a vestir seu novo casaco. Ele pegou o dele e o pendurou no braço. Quando ele chegou ao carro, abriu a porta do passageiro, galante.

A noite estava fria e calma. Pela primeira vez a chuva lhes deu uma pausa e o céu estava pontilhado de estrelas. Não demorou mais de meia hora para chegar ao destino. A avenida ladeada por gigantescas árvores centenárias que levavam à mansão estava iluminada por fileiras de tochas que apontavam o caminho. O lugar parecia ter saído de um conto de fadas.

Na ampla esplanada de cascalho, a um lado do edifício, já havia vários carros estacionados em fileiras organizadas.

Subiram os degraus de pedra e foram recebidos na porta pelo anfitrião. Martin fez as apresentações e Vega, efusiva, agradeceu o convite.

— O prazer é meu, Srta. Grant. Adam me falou sobre sua beleza e devo confessar que ele não exagerou nem um pouco.

Vega agradeceu suas palavras com um sorriso, agarrou o braço de Martin e juntos entraram no impressionante salão, também iluminado por centenas de velas e lustres, e adornados com belos arranjos de flores. Ficou encantada ao entrar no braço do homem mais bonito da reunião, mas sua alegria durou pouco. Mal lhe dera tempo para absorver o esplendor da decoração quando Kate, seguida de perto por Adam, se aproximou deles.

— Venha querido — ela ordenou a Martin, sem dirigir mais do que um sorriso frio para Vega —. Quero te apresentar algumas pessoas.

Pesarosa, Vega soltou o braço de seu acompanhante, mas um diabinho travesso a fez ceder a um impulso repentino e disse antes que se afastasse:

— Martin, lembre-se de que prometeu dançar pelo menos uma musica comigo.

— Claro que não esqueci Vega. — Martin seguiu o jogo com o rosto muito sério —. Quero que você reserve a valsa para mim.

— Martin, querido, você sempre diz que não dança — Kate protestou surpresa.

— Hoje é uma ocasião especial Kate, é como se assistisse à apresentação de minha sobrinha.

Martin conseguiu piscar para Vega sem que Kate ou Adam percebessem, e o sentimento de felicidade que a dominara até a ruiva aparecer voltou fortemente.

●

Vega estava curtindo muito a festa. A atmosfera era majestosa, a comida requintada e, entre os convidados, muitos amigos de Adam a cercaram imediatamente, impedindo-o de monopolizá-la. Ela dançou até seus pés doerem. Ocasionalmente, ela via Martin passar, parando para conversar com um ou outro, com Kate sempre nos calcanhares. Apesar de tudo, Vega se sentia eufórica, especialmente quando notou as pupilas de Martin pregadas nela, o que acontecia com frequência, apesar do fato de que, como sempre, ela era incapaz de adivinhar o que aqueles olhos de aço escondiam.

Em um ponto da noite, ele se aproximou dela e, com um aceno de cabeça, disse:

— *Madame*, acho que essa é a nossa dança.

As primeiras notas de uma valsa alegre começaram a soar. Martin apertou a mão direita de Vega com a esquerda e descansou a outra na sua cintura. Vega, por sua vez, colocou a mão livre no

ombro masculino e eles começaram a deslizar pela pista de dança, girando a uma velocidade vertiginosa, envolvidos pela maravilhosa música de Strauss. A última coisa que Vega esperava era que Martin soubesse dançar valsa, mas ela teve que admitir que ele era um dançarino magnífico que a guiava sem esforço aparente.

Vega aspirou o perfume familiar de roupas limpas e Shampoo com prazer; ela podia sentir o calor do corpo dele, mesmo que ele não a segurasse mais perto do que era correto. As luzes da espaçosa sala de estar e os rostos ao seu redor estavam embaçados, e ela só estava ciente dos olhos prateados de seu par, que mergulhavam nos dourados dela.

Eles eram um casal espetacular, ele alto e distinto, vestido com seu smoking preto, com uma camisa branca deslumbrante que realçava o tom bronzeado de sua pele, e Vega graciosa e delicada, com o vestido vaporoso flutuando ao redor dela como uma nevoa.

— Dança muito bem — Martin afirmou sem deixar vislumbrar o prazer que produzia nele por tê-la em seus braços, sentindo a leveza de seu corpo esbelto se adaptando ao mínimo de seus movimentos.

— Você realmente dança bem, Martin, você me surpreendeu. Não é o que eu esperava de um mercenário.

— Você pensou que eu só era capaz de polir meu rifle.

— E também àquela faca que todos os mercenários esconderam sob a perna da calça, é claro — brincou Vega, que parecia irradiar luz.

— Sim, reconheço que me incomoda bastante ao dançar — Martin respondeu com bom humor.

Eles continuaram dançando em silêncio, com todos os sentidos concentrados em apreciar aquele momento mágico, mas o charme acabou cedo demais e, finalmente, as últimas notas dos violinos foram diluídas no ar. Por alguns momentos, ficaram parados na pista, devorando um ao outro com os olhos, ainda com as mãos entrelaçadas.

—Vega! — Uma voz masculina os trouxe de volta à realidade.

—Jaime?

—Nossa, que coincidência maravilhosa!

—O que faz aqui?

— Cheguei ontem à Escócia; vim para a caça de perdiz. Estou hospedado na casa de alguns amigos que foram convidados para a festa hoje à noite. Que maravilha encontrar você aqui!

O recém-chegado colocou um braço em volta dos ombros e a beijou nas duas bochechas. Vega não tinha certeza do que dizer e olhou para Martin, que a observava impassível, exceto pelo leve tremor daquele músculo que ela já identificou como seu termômetro emocional.

— Vega veio alguns dias de visita, somos um ramo distante da família — interveio naquele momento —, mas tem pensado em nos abandonar em breve. Alguns compromissos a reclamam em outra cidade.

— Que pena, mas eu vou sair na próxima semana também. Temos que aproveitar essa noite, hein, Vega? – Sorrindo, lhe deu um novo abraço.

Ela apenas sorriu de volta para ele e estava quase feliz em ver Kate se aproximar deles.

— Droga Martin. Pena que eles não vão tocar mais valsa hoje à noite. Você tem que me prometer que no próximo ano vai dançar comigo.

A mulher se pendurou no braço de Martin, determinada a não deixá-lo escapar pelo resto da noite.

— Vamos Vega, vamos tomar uma bebida e nos divertir. Você e eu temos muitas coisas para contar um ao outro.

Jaime deslizou seu braço pela cintura feminina e a conduziu até o salão onde haviam instalado o bar.

Martin apertou com força a mão que mantinha escondida dentro do bolso da calça, enquanto os via se afastar.

●

Nem mesmo ocorreu a Vega pensar que a presença de Jaime Pedrosa na Escócia estava relacionada ao telefonema de dias atrás e, apesar de lamentar a interrupção, decidiu que haveria outra oportunidade de dançar com Martin. Um grupo de admiradores se

formava ao seu redor toda vez que ela deixava a pista de dança solicitando outra, então, finalmente, cansada e com muito calor, permitiu que Jaime a acompanhasse ao jardim para tomar um pouco de ar. Vega pegou o casaco do armário e jogou-o por cima dos ombros. O ar gelado da noite limpou sua cabeça.

Jaime estava um pouco cambaleante ao lado dela; parecia que ele tinha bebido mais do que deveria.

Eles caminharam até algumas castanheiras que estavam um pouco além da área iluminada pelas luzes da mansão, e Jaime quebrou o silêncio para perguntar com uma língua atrapalhada:

— Vega, por que não fugimos esta noite?

— Eu acho que você bebeu mais do que deveria.

— Estou falando sério, Vega, eu te amo!

— É melhor voltarmos para dentro.

—Nós não vamos a lugar algum! — afirmou com violência, enquanto a segurava pelos braços com força.

— Jaime, me solte agora mesmo, está me machucando.

— Você me deve uma, Vega, por deixar Madrid sem me dizer para onde estava indo. Fez de mim a piada de todos. Um namorado que não tem nem ideia de onde diabos está sua garota.

— Chega, Jaime. Nunca fomos namorados e se não me soltar agora mesmo deixaremos de ser amigos — ameaçou a jovem, tentando manter a calma.

Os olhos escuros brilharam cheios de raiva.

— Não deveria brincar comigo, vai se arrepender. — E sem mais, ele esmagou sua boca contra a dela em um beijo que a machucou.

Vega resistiu com todas as suas forças, mas apesar de estar bêbado, ele era muito mais forte e não conseguia se soltar. Estava começando a ficar sem fôlego quando uma mão de ferro derrubou Jaime com tanta força que ele caiu esparramado na grama molhada.

—Você vai me pagar! — Jaime se jogou sobre seu atacante com a cabeça baixa, e o atingiu como um touro.

Fascinada, Vega viu Martin, com um movimento suave e elegante, jogá-lo de volta na grama. Então se inclinou sobre ele e,

agarrando-o pelas lapelas do smoking, levantou-o até que as pontas dos pés mal tocaram o chão.

— Desapareça e que não o veja perto de Vega novamente — Martin ordenou em um tom sedoso que a fez tremer. Então o libertou, e Jaime se afastou o mais rápido que pôde.

— Obrigada, Martin, eu...

— Não quero que você me agradeça — ele a interrompeu com raiva —. O que eu quero é que você me diga para quem mais você disse onde estava.

— Juro, Martin, não contei a ninguém. Eu só liguei para ele uma vez e me escapou que eu estava cansada da chuva escocesa.

—Você ligou para ele do celular? — Embora ele não tenha levantado a voz, Vega estremeceu novamente —. Não a proibi expressamente de entrar em contato com seus amigos por celular?

— Sim, mas eu...

— Você queria conversar com seu namorado, é claro.

— Ele não é meu namorado, nunca foi.

— Claro que não. Por isso saí te beijando nessas fotos; É por isso que ele está prestes a devorá-la.

Vega se sentiu magoada e irritada ao mesmo tempo. Primeiro Jaime e agora Martin; os dois a tratavam como se fosse uma qualquer que desfrutava provocando os homens. Então se refugiou em seu tom mais descarado.

— Lembro que você também me beijou. Devo considerá-lo meu namorado?

Sem saber como, Vega se viu esmagada contra o tronco grosso de um carvalho. Pela primeira vez, os olhos de Martin não eram mais impenetráveis e raiva selvagem brilhou em suas pupilas. Ele apoiou as mãos na árvore de cada lado da cabeça e se inclinou até que seu rosto estivesse a centímetros do dela.

—Você não percebe que eles te localizaram? Você ainda não está ciente de que está de volta na mira? Agora temos que encontrar um novo esconderijo. A menina mimada e sedutora nunca parou para pensar, certo? Ela apenas faz o que quer, mesmo que isso signifique colocar a si e aos outros em perigo.

Vega tremia como uma folha e as lágrimas começaram a deslizar por suas bochechas.

— Agora lágrimas, vai usar todos os seus truques?

Entretanto, seu pranto estava longe de ser fingido. Os soluços sacudiram violentamente o corpo esbelto e Martin Grant se sentiu culpado e injusto.

Observando a luta dela com o cara, ele quase enlouqueceu; Precisou de todo o seu autocontrole para não dar uma surra naquele bastardo. No fundo, sabia que ela não era culpada. Ele a estava observando a noite toda e nem por um segundo a viu flertar com alguém; era sua vitalidade, sua forma de desfrutar apaixonadamente de cada momento, irradiando um brilho encantado ao seu redor que fazia os homens pairarem a sua volta, como abelhas ao redor do mel.

Martin tirou um lenço de bolso do terno e, com uma doçura inesperada naquelas mãos que haviam sido tão agressivas recentemente, enxugou as bochechas. Então ele a abraçou e acariciou sua nuca, sussurrando em seu ouvido:

— Se acalme, se acalme.

Vários minutos se passaram antes que os soluços de Vega se transformassem em suspiros isolados, mas ela continuou com a bochecha apoiada no peito. A verdade é que estava muito à vontade, ouvindo a batida firme do coração dele.

— Me espere aqui. — Depois de um tempo, Martin a afastou com delicada firmeza e ela mordeu a língua para não protestar. — Vou me despedir em seu nome. Eu direi que você não se sente bem e que sou forçado a levá-la para casa. Você está com frio?

— Não, estou bem.

— Volto em seguida.

Alguns minutos depois, eles estavam a caminho de casa. A lua aparecia de vez em quando entre as nuvens, mas, apesar disso, a noite estava escura e os faróis do carro mal conseguiam iluminar a faixa de asfalto molhado na estrada estreita. Vega estava encostada no assento com os olhos fechados. Martin sabia que ela não estava dormindo, mas não fez nenhuma tentativa de quebrar o silêncio. Quando eles finalmente chegaram, ela murmurou um «boa noite» com os olhos fixos no chão e correu para se refugiar em seu quarto.

# 8

Vega acordou muito tarde no dia seguinte. Quando desceu à sala, encontrou um bilhete de Martin, no qual comunicava que tinha que sair e fazer alguns negócios e que conversariam no seu retorno. Com um encolher de ombros, deixou a nota de lado e começou a preparar um café da manhã; esteve com fome à noite. Depois comer a última migalha de pão, decidiu dar um passeio. Ela olhou pela janela; embora não estivesse chovendo, o céu era como uma enorme placa de ardósia, pesada e cinza, então se envolveu calorosamente e deixou outra nota para o anfitrião, indicando que daria um passeio ao longo do rio.

—Vamos lá, Oberon!

O cachorro sacudiu o rabo, encantado, e a seguiu para fora com um latido alegre. De fato, o dia estava desagradável e um vento gelado soprava, colocando pequenas agulhas geladas em seu rosto. Vega não se importou, o tempo indisposto estava de acordo com seu humor tumultuado.

Começou a andar com as mãos nos bolsos. O exercício pareceu aliviar sua confusão mental, então ela caminhou em um bom ritmo por um longo tempo, mal percebendo a floresta densa que a cercava.

Continuava revirando os eventos da noite anterior. Entendia que era ela mesma quem se colocara na situação em que estava agora. Devido à sua própria estupidez, ela seria forçada a deixar a encantadora casa de pedra que fora seu refúgio por vários meses e, o que era pior, ela teria que se afastar de Martin.

Pensando nisso, uma dor quase física atingiu seu peito. Os incidentes desagradáveis do dia anterior foram necessários para que ela, pela primeira vez, enfrentasse seus sentimentos frente a frente e finalmente reconhecesse a verdade: ela estava loucamente apaixonada por Martin Grant. Talvez esse sentimento fosse uma emoção passageira ou, talvez, algo que durasse para sempre, ela não sabia; a única coisa que estava clara para ela era que nunca

sentira aquele desejo selvagem de estar com uma pessoa, de beijá-lo e beijá-lo, até fundir-se com ele. Toda vez que o via, tinha que fazer esforços sobre-humanos para não se jogar nos braços dele e pedir-lhe para abraçá-la com força.

Mas ficou claro que Martin só a via como uma criança mimada, que não lhe dava nada além de problemas. Era verdade que, às vezes, tinha a sensação de que ele a queria tanto quanto ela o desejava, mas não tinha ilusões; isso não significava nada. Eles moravam na mesma casa há semanas, os dois sozinhos. O tipo de situação que, mais cedo ou mais tarde, poderia desencadear uma reação explosiva em qualquer homem com um pouco de sangue quente nas veias. Não, ela não tinha ilusões; para Martin, era apenas mais uma missão que ele devia realizar.

Continuou andando até parecer que os músculos e tendões das pernas estavam prestes a se romper. Uma rocha colossal à beira do rio, como um ponto de vista estrategicamente colocado pela natureza, convidava a sentar. A pedra estava congelada. Não podia parar por muito tempo, estava ficando tarde e o frio estava começando a perfurar suas roupas. Ela olhou para a água transparente, cheia de pedras polidas pela corrente. Oberon saltou alegremente entre as rochas, ainda espirrando gotas de água em todas as direções. A certa altura, descobriu um salmão nadando contra a corrente e decidiu pesca-lo. Vega não se preocupou; os labradores eram uma raça de bons nadadores. Ficou observando por um momento suas brincadeiras, divertida, até que o cachorro começou a uivar à beira do pânico. Vega levantou-se, chocada, e percebeu que algo o impedia de sair. A cabeça do animal desaparecia de vez em quando sob as águas e compreendeu que a coleira devia ter se enganchado em algum lugar.

Ela não teve escolha a não ser entrar no rio para libertá-lo.

—Merda! — ela murmurou, assim que colocou um pé no leito gelado do rio.

O perigo de afogamento era inexistente, porque a água, embora a corrente fosse forte, não a cobria acima da coxa. No entanto, era difícil caminhar sobre as pedras escorregadias que formavam o leito do rio. Mais de uma vez ela quase torceu o tornozelo e, pouco antes

de chegar ao lugar onde Oberon estava lutando, cada vez mais assustado, escorregou e afundou até pescoço.

—Merda e merda! —gritou. Chegou ao lado do cão e desenganchou a coleira do galho que o prendia. Demorou um pouco; tinha os dedos quase congelados. Finalmente, ambos conseguiram alcançar à margem.

Por um momento, desejou ser um cão e poder sacudir a umidade como fazia Oberon. As roupas pingando grudavam em seu corpo e, a cada passo que dava, a água que entrava em suas botas emitia um ruído peculiar. Deus! Estava congelando.

—Vega!

A voz de Martin pareceu surgir do nada.

—Martin!

Um profundo alívio a dominou quando o viu se aproximar com aqueles longos passos tão característicos.

—Posso saber o que diabos você está fazendo? — ele perguntou com raiva.

— Bem, veja você, me dando um pequeno banho, que é o que dá vontade em um dia como este — ela respondeu sarcástica, incapaz de impedir que seus dentes batessem.

Vendo os lábios femininos começarem a ficar azulados, Martin conteve sua raiva. Ele olhou em volta, as nuvens se tornando mais escuras e mais ameaçadoras.

— Não pode voltar para casa andando molhada assim, você terá uma pneumonia. Logo estará escuro e o vento mais forte. Perto daqui há um pequeno refúgio de caçadores, será melhor que passemos a noite ali.

Vega achou o plano perfeito. Não sabia se seria capaz de chegar muito longe com os violentos tremores que começavam a sacudir seu corpo.

Martin pegou a mão dela e a forçou a seguir em frente.

— Vamos lá, não é longe.

●

De fato, apenas um quilômetro adiante, Vega distinguiu a silhueta do que parecia uma pequena cabana com paredes de pedra e um telhado de urze e, mais uma vez, estava cheia de profundo alívio. A porta não estava trancada e, ao entrar em um leve cheiro de mofo e umidade, os cumprimentou.

— Aparentemente, faz muito tempo que ninguém vem aqui — comentou Martin que, sem perder um minuto, se preparava para acender o fogo. Felizmente, havia uma boa provisão de troncos cortados e secos e, em seguida, umas chamas alegres começaram a chiar na lareira.

Vega, tremendo, correu em direção ao fogo acolhedor.

— Você tem que se livrar dessas roupas encharcadas o mais rápido possível — Martin ordenou, enquanto tirava a jaqueta; depois tirou o grosso suéter de lã azul marinho por cima da cabeça e, coberto apenas por uma camiseta branca, estendeu-a para ela.

Vega estendeu a mão para pegá-lo, mas eles estavam duros com o frio, e o suéter escorregou dos dedos dela e caiu no chão. Martin se abaixou para pegá-lo e se aproximou dela.

— Eu te ajudarei.

—Não, não pre...

— Não seja boba, não é a primeira vez que vejo uma mulher nua — ele a interrompeu secamente.

Desatento dos protestos dela, ele começou a abrir o zíper da jaqueta, depois removeu o suéter e a blusa encharcada que vestia por baixo. Vega corou até as orelhas, mas não disse nada. Martin passou o suéter por cima da cabeça, puxou-o um pouco e começou a afrouxar o fecho do sutiã antes de tirá-lo. Esse gesto íntimo causou em Vega um novo calafrio que, felizmente, passou despercebido entre todos os outros. Então ele a ajudou a enfiar os braços nas mangas, seguiu com a fivela do cinto e desabotoou os botões do jeans.

Vega pensou que morreria de mortificação, mas seu valete improvisado fazia tudo com tanta diligência e naturalidade que finalmente se acalmou. Em seguida, Martin esticou o imenso suéter, que chegava acima dos joelhos, enfiou as mãos por baixo e terminou de tirar as calças e as calcinhas. Finalmente, ele tirou as meias ensopadas.

—Toma. — Ele entregou-lhe um dos cobertores que encontrou em um pequeno baú que cheirava a mofo —. Se seque com isso.

Com dedos desajeitados, Vega começou a secar as pernas obedientemente.

Martin não ficou ocioso. Ele pegou uma panela de ferro amassada e duas tigelas que encontrou em uma prateleira, colocou a jaqueta e saiu. Se agachou na margem do rio e começou a lavar a panela com um punhado de areia molhada. Depois que ele a lavou, encheu a panela com água, voltou para a cabana e a pendurou em um gancho sobre o fogo para ferver.

— Encontrei dois pacotes de sopa instantânea, é a única coisa que se tem para comer —anunciou.

Vega não respondeu. Enrolada ao lado do fogo, ela simplesmente observou como tudo estava organizado com a precisão e competência que o caracterizavam. É claro que qualquer mulher se sentiria segura e protegida ao lado de um homem assim, ela pensou. Nem queria pensar no que seria dela se Martin não tivesse aparecido de repente.

Seu oportuno anjo da guarda, jogou outro tronco na lareira e, quando a água começou a ferver, esvaziou os envelopes na panela e mexeu o conteúdo com um graveto. Então ele pegou o cobertor com o qual ela se secara, ajoelhou-se nas suas costas e começou a remover a umidade dos cabelos com uma esfoliação vigorosa até que, entre o calor do fogo e a massagem vigorosa, Vega começou a reagir.

— Muito obrigada – ela murmurou, quando Martin empurrou o cobertor molhado para o lado.

Mas ele ainda não tinha acabado. Mais uma vez ele se levantou e espalhou as roupas molhadas o melhor que pôde em todas as superfícies da cabana, para que elas fossem secando. Quando terminou, segurou a alça de ferro da panela com a camisa, encheu as tigelas de sopa e ofereceu uma para Vega.

Assim que esfriou um pouco, Vega levou a dela aos lábios, tomou um gole e pensou que era a iguaria mais requintada que ela já havia experimentado.

Martin, com a tigela nas mãos, sentou-se do outro lado do fogo com as pernas cruzadas e observou com diversão a expressão de

deleite no rosto feminino enquanto tomava pequenos goles. Assim que terminou, Vega entregou-lhe a tigela para enchê-la novamente. Finalmente, satisfeita, ela deixou de lado a tigela vazia e encarou as chamas com êxtase.

Era engraçado, pensou Martin, como, em qualquer circunstância, sua jovem protegida conseguia estar bonita. O colarinho alto do suéter emoldurava seu rosto como se fosse uma flor; os cabelos manchados, cujas pontas estavam começando a secar, pareciam mais claros em contraste com o tom escuro da roupa. As mangas ficavam tão compridas que teve que enrolar os punhos várias vezes. Nessa postura, com os braços rodeando as pernas nuas de um delicioso tom dourado e o queixo apoiado sobre os joelhos, parecia uma menina com o suéter do papai. No entanto, a forma como o corpo fervia enquanto a observava não tinha nada de paternal. Só de pensar em passar a noite sozinha com ela naquele pequeno abrigo, longe de tudo, fazia seu pulso acelerar. Instantaneamente, ele balançou a cabeça, zangado consigo mesmo. Esses pensamentos tinham que terminar; a menina estava sob sua responsabilidade e ele não se permitiria esquecê-lo.

Vega que, aparentemente, ainda estava absorvida na dança das chamas, olhou-o pelo canto do olho e suspirou levemente. Teria adorado adivinhar o que se passava pela cabeça desse homem impenetrável, que parecia tão relaxado como de costume. Ela, por outro lado, estava muito consciente de sua presença. Tê-lo ali, ao alcance da mão, naquela camiseta branca simples que realçava os músculos de seus braços e a largura de seus ombros enquanto os flashes caprichosos das chamas arrancavam brilhos dourados de seus cabelos, fazia que se sentisse como uma adolescente impressionável se derretendo pelo seu ídolo. De repente, ocorreu-lhe que em breve ela não teria escolha a não ser afastar-se dele para sempre. Era um pensamento tão deprimente que, naquele exato momento, ela decidiu que iria pelo menos aproveitar o momento presente ao máximo.

— A sopa estava deliciosa — ela comentou com um sorriso tenso.

— As refeições de pacote, lata ou embalagem não têm segredos para mim. Você sabe que eles são minha especialidade —

Martin brincou, como se tivesse captado seu estado de ânimo e tratasse de relaxar o ambiente.

— Sim, eu sei. — Vega apertou um pouco mais os braços em torno de suas pernas.

— Mais uma vez obrigada. Se você não tivesse aparecido a tempo, acho que teria congelado.

— Quando cheguei em casa, vi sua nota e fiquei preocupado. Seu paradeiro não é mais um segredo e isso me fez temer por você, então eu decidi procurar por você.

— E você chegou bem a tempo, como o herói de um livro de cavalaria.

— Quando entro em um papel, tento fazer o meu melhor — Ele encolheu os ombros com fingida modéstia.

Vega sorriu, encantada ao ver que sua raiva havia diminuído.

— Oberon ficou preso em um galho enquanto tentava pescar salmão — o cachorro, deitado perto do fogo, levantou as orelhas ao ouvir seu nome —. Eu não tinha escolha a não ser libertá-lo.

— Desculpe ter gritado com você, sei que não teve culpa.

— Claro que eu te perdoo, você não pode imaginar o alívio que senti ao vê-lo.

Martin desviou o olhar para as chamas.

—Vega — começou hesitantemente —, nós temos que falar sobre o futuro.

— Eu sei — ela admitiu em voz baixa, mesmo que fosse a última coisa que ela queria falar agora.

— Não é mais seguro você ficar aqui.

— Mas que importância pode ter Jaime ter me encontrado? Pra quem vai contar?

— Não importa. Alguém te encontrou e você deve desaparecer mais uma vez. — Martin recuperou sua expressão impassível.

—Onde eu irei Eu não vou me esconder a minha vida inteira, é ridículo! —gritou, indignada.

Ele não moveu um músculo com a explosão de fúria dela. Essa frieza, sua evidente falta de interesse em mantê-la, fez Vega odiá-lo por alguns momentos.

— Pensando bem, talvez seja melhor mudar de ares — disse com o tom insolente em que se refugiava quando se sentia ferida —.

A verdade é que eu estava começando a ficar entediada.

— Estou feliz que você está levando isso com tanta esportividade. — Seu tom irônico lhe rendeu uma olhada que, se tivesse sido uma bala, o teria matado no ato —. Hoje de manhã, fiz alguns arranjos e encontrei um novo refúgio para você. Depois de amanhã, você retornará à Espanha de avião. Há uma fazenda em Córdoba pronta para se tornar seu novo esconderijo.

—Que eficiência! —comentou sarcástica—. E você?

— Eu ficarei por aqui, apagando os... rastros que forem necessários.

Vega não quis perguntar o que exatamente ele quis dizer.

— Eu quero me despedir das pessoas.

— Amanhã você terá o dia todo para fazer isso, não tem muita bagagem para se ocupar.

— Ha, ha! Que engraçado. — O tom seco da jovem indicava o contrário.

—Vamos, Vega, você não vai confessar agora que vai sentir minha falta... — ele a provocou, exibindo aquele sorriso odioso e enlouquecedor.

Com certeza, essa era a última coisa que pensava confessar a ele, Vega jurou para si mesma.

— Claro que não vou — embora estivesse magoada e furiosa, conseguiu falar em um tom indiferente —. Durante o tempo em que fomos forçados a viver sob o mesmo teto, descobri que você é um cara mandão e superprotetor, acostumado a sempre ter razão e nem mesmo... nem sabe cozinhar.

— Tem toda a razão. Eu, por outro lado, admito que você me surpreendeu agradavelmente. Eu pensei que você era uma garota mimada, cabeça dura, preocupada apenas com trapos e festas e descobri que você é divertida, inteligente, encantadora e, acima de tudo, que pratos maravilhosos. Posso garantir que sentirei sua falta.

Suas palavras e, em especial, o olhar que as acompanhou fizeram com que Vega se transformasse em um tomate e não soube o que responder. Esse homem insuportável sempre a fazia parecer uma tola.

— Você sempre pode seguir meu conselho e casar. Acho que Kate está ansiosa para que peça. Vocês farão um casal perfeito: o

déspota e a tirana. Um encantador conto de fadas — ela disse finalmente, raivosa.

Martin jogou a cabeça para trás e, pela primeira vez, viu-o rir com vontade. Irritou-a até o infinito encontrá-lo tão insuportavelmente atraente. Exasperada, ela decidiu que era hora de terminar essa conversa estúpida.

— Fico feliz em parecer tão engraçada para você — ela declarou muito digna — mas se você não se importa, estou cansada e gostaria de dormir um pouco.

Martin se levantou, pegou todos os cobertores que encontrou no baú de madeira e os espalhou em frente à lareira, preparando uma espécie de cama rudimentar.

—Bem — satisfeito, ele olhou para o seu trabalho —, dormi em lugares piores. Pelo menos os cobertores estão secos e limpos.

—Não pretende que nos dois deitemos ali!

— Espero que com o frio que faz, não me obrigue a dormir longe do fogo. Olhe, cada um se cobrirá com um cobertor e assim sua virtude se manterá a salvo, oh, pudorosa donzela.

— Eu não pretendo dormir lá com você — Vega declarou furiosa.

— Bem, escolha o canto da cabana onde você prefere fazê-lo.

Martin, se enrolou em seu cobertor e estendeu todo o seu comprimento em frente ao fogo.

— Vou jogar mais lenha. Agora está tudo bem, mas à medida que a noite avançar, a temperatura cairá cada vez mais.

Vega olhou para ele indignada. Assim que se afastou do fogo, descobriu que, como Martin havia dito, o ambiente era muito mais frio. Sem dizer nada, ela se cobriu com o cobertor restante e deitou de costas para o indivíduo insolente que, certamente, estava rindo dela, tendo muito cuidado para não tocá-lo.

Só de pensar que Martin Grant iria dormir a uma curta distância dela, sua respiração acelerou. Depois de quase uma hora de tensão, atenta ao mais mínimo som ou movimento às suas costas, o sono começou a dominá-la e finalmente, a venceu.

Assim que ouviu sua respiração regular, Martin soube que ela havia adormecido e finalmente conseguiu relaxar um pouco. Ele nunca havia sido submetido a tal tortura. A mulher que ele queria

mais do que qualquer coisa no mundo estava a centímetros dele e não podia fazê-la sua.

Um gemido escapou de sua garganta, e apertou os dentes em uma tentativa de dominar suas paixões. Quando teve certeza de que seria capaz de se controlar, estendeu a mão e, com muito cuidado, enroscou os dedos nas mechas castanhas e sedosas.

Acariciando-os, ele adormeceu.

# 9

Quando Vega acordou, apenas as brasas permaneciam na lareira. Apesar do ar gelado dentro da cabana, ela não estava com frio, pois estava encolhida ao lado de um corpo quente, compartilhando o calor que emanava dele. De repente, ela lembrou que era o corpo de Martin Grant que a fazia se sentir tão confortável. Ela ficou muito quieta e, ouvindo a respiração masculina profunda e regular, percebeu que ainda estava dormindo. Certamente, ao ter as costas longe do fogo, em algum momento da noite Martin havia sentido frio e tinha se apertado contra ela.

A leve claridade que entrava pela única janela da decrépita construção, permitiu-lhe distinguir suas feições relaxadas. Com a leveza das asas de uma borboleta, Vega passou as pontas dos dedos pelas feições angulares do rosto e parou naqueles lábios, nem muito finos nem excessivamente grossos, que ela gostava tanto. Então, seus dedos indiscretos continuaram o passeio pela mandíbula quadrada, que expressava uma determinação firme, e o queixo, com aquela leve fenda no centro, em que esfregou alguns segundos antes de seguir viagem pelo pescoço, até alcançar o peito largo onde Vega, fascinada, explorou os músculos duros sob as palmas das mãos.

Nesse momento, um sexto sentido a fez olhar para cima e descobriu Martin, completamente acordado, com os olhos fixos em seus lábios. Os rostos de ambos estavam muito próximos e, pela primeira vez, ela conseguiu decifrar a paixão nua que aparecia no olhar cinza. Assustada, ela tentou se afastar, mas as mãos de Martin emolduraram seu rosto e detiveram sua fuga.

Com suavidade, inclinou-se para ela e encostou os lábios sobre os seus com a leveza de uma pena. Um beijo cheio de delicadeza e intimidade, que a fez tremer. Vega abriu os lábios e deixou que o beijo se tornasse mais profundo. Aquela boca, que a assombrara todos aqueles dias, se apoderou da sua com vontade, como uma

droga e qualquer desejo de resistir evaporou-se como a névoa da manhã.

Ao sentir sua resposta, a respiração de Martin acelerou ainda mais. Impaciente, ele afastou a gola alta, enterrou a cabeça na garganta dela e traçou uma linha de mordidas leves em seu pescoço. Uma pontada de desejo atravessou o corpo de Vega, dos seios às coxas. Incapaz de resistir, ela o segurou firme nos braços e enredou os dedos nos cabelos dele para apertá-lo mais contra dela, na tentativa de se fundir em sua pele.

Sentiu uma das mãos quentes masculinas subir pela sua perna, entrando sob o suéter, e deslizar pelo quadril nu e pelo ventre plano, até chegar ao seu peito. Um gemido saiu de sua garganta, irreprimível; todas as terminações nervosas em sua pele estavam à beira de um curto circuito.

Martin subiu o suéter com um movimento brusco e se inclinou sobre um de seus seios. Acariciou o mamilo com a língua, com leves toques como queimaduras, antes de pegá-lo em sua boca e sugá-lo com ânsia. Vega sentia-se presa num redemoinho do qual não queria sair. Suas mãos, como se por vontade própria, deslizaram sob a camiseta de Martin e acariciaram seu peito, depois exploraram as costas de cima para baixo, sentindo os músculos poderosos tremerem sob as palmas das mãos.

Sem lhe dar uma trégua, os dedos masculinos deslizaram entre suas coxas, invadindo um território até então inexplorado. Com o polegar, ele roçou levemente o centro de sua feminilidade, numa carícia ousada que fez todo o seu ser se tornar líquido. O desejo por algo desconhecido e poderoso a levou a se pressionar contra aquele toque arrebatador e emitir um tipo de soluço no qual ela podia sentir alguma frustração.

Ao ouvi-lo, Martin recuperou de repente a sanidade. Levou toda a sua força de vontade para se afastar dela, e ele lançou uma maldição sufocada enquanto a cobria com um dos cobertores.

Seu nariz se alargou ao vê-la. Seus olhos percorreram as bochechas brilhantes, desceram até os lábios levemente inchados e entreabertos, acariciaram as pálpebras semiabertas, que mal escondiam o olhar, e finalmente pararam no peito, que subia e descia em sacudidas agitadas.

— Me desculpe, Vega, me perdoe.

Vega ficou paralisada; Se um balde cheio de água gelada tivesse sido derramado sobre sua cabeça, a impressão não teria sido maior.

Observou, como se ocorresse em câmera lenta, como Martin colocava novamente sua máscara impenetrável e mais uma vez, sentiu essa familiar dor no coração.

— Sinto muito ter traído sua confiança. Prometi a você que nunca mais aconteceria e falhei em minha promessa.

Como se fosse uma pessoa estranha alheia a ela, Vega examinou os punhos de Martin — tão apertado que suas juntas ficaram brancas — e ouviu uma voz, num tom estranhamente calmo, que não soava como a sua.

— Martin, como eu te disse na outra vez que algo semelhante aconteceu, desculpas não são necessárias. Até onde eu sei, em nenhum momento eu disse que não e acredito que minha colaboração foi necessária para que as coisas fossem tão longe quanto foram.

Ela evitou mencionar que, se alguém era culpado, era ela, por tê-lo acariciado enquanto ele dormia. Nesses momentos, a única coisa que era capaz de sentir era uma profunda vergonha ao pensar em sua audácia, mas tentou escondê-la a todo custo.

— Não se culpe. Nós dois somos adultos. Não devemos procurar culpados.

O músculo na mandíbula de Martin reapareceu; um sinal claro de que ele estava muito mais chateado do que parecia. Sem fazer nenhum comentário, se levantou, pegou sua jaqueta e saiu do abrigo, não sem antes lhe dizer em um tom gelado:

— Peço que aproveite a oportunidade para se vestir enquanto estou fora.

Sem mais, saiu e a deixou sozinha.

Vega se levantou devagar. Um estranho entorpecimento se estendeu por todos os cantos de seu corpo como se Martin, em vez tê-la acariciado com delicado frenesi, a tivesse golpeado com um martelo. Nesses momentos sentia-se como o pecador que, logo depois de ter uma visão sublime do paraíso, despenca por um abismo infernal. Pela primeira vez, ficou satisfeita ao pensar que em

poucas horas retornaria à Espanha e, pelo menos em parte, recuperaria o controle de seus atos.

Durante os últimos meses, que parecia mais uma existência completa, uma confusão de emoções desconhecidas tomou conta dela e a arrastou de um lado para o outro, como se ela não fosse mais que uma pena agitada pela brisa. Ela desejava voltar a algo semelhante à normalidade, embora soubesse que a lembrança daquelas horas marcaria sua vida para sempre.

Um frio penetrante, que não só veio de fora, entorpecia os dedos, dificultando vestir a roupa. Foi um grande alívio vestir as próprias roupas novamente, agora completamente secas.

O pensamento de ter que ver Martin novamente em alguns minutos a deixava doente; tudo o que ela queria era se aconchegar em algum canto escuro e dormir por cem anos para evitar ter que pensar.

Uma rajada de ar gelado entrou furtivamente quando ele abriu a porta.

— Se você quiser, pode sair para fazer... — hesitou —, você sabe, o que você achar apropriado.

Vega se limitou a sair, sem fazer nenhum comentário.

●

Quando estavam prontos, partiram em um silêncio constrangedor. Martin estava à frente e ela o seguiu alguns metros atrás. Ao chegar em casa, Vega rapidamente foi para o quarto. Ao tirar as roupas, jogou-as no chão, sem se importar com a bagunça. Uma vez debaixo do chuveiro, ela aproveitou o efeito calmante da água quente por todo o corpo.

Fechou os olhos. Não queria pensar no que tinha acontecido, mas não podia lutar contra as imagens estremecedoras que assaltavam seu cérebro contra sua vontade. Mais uma vez ela havia perdido o controle de si mesma; ela estava prestes a se entregar a Martin e, se fosse honesta consigo mesma, tinha que admitir que estava frustrada pelo fato de ele ter parado.

Agora, lembrando-se, foi tomada pelo constrangimento, mas enquanto estiveram juntos, abraçados naquela cama de cobertores ásperos, por um momento mágico, ela acreditou que finalmente havia encontrado seu lugar no mundo; que pertencia a esse homem e ele a ela.

«Absurdo! O que podemos ter em comum?», Ela tentou argumentar racionalmente consigo mesma.

Uma garota da alta sociedade espanhola, criada para levar uma vida confortável, com todos os prazeres que o dinheiro podia comprar na ponta dos dedos e um mercenário, um homem de origem humilde que concedeu sua proteção a possíveis vítimas de sequestro; acostumado a lidar com a mais desolada e desprezível personalidade humana.

Dois mundos opostos, o da beleza e da tranquilidade. O da violência e da escuridão. Não tinham nada em comum; tão somente essa destrutiva paixão que ameaçava devorar a ambos.

# 10

Quando terminou de se vestir, Vega abriu a porta cautelosamente e ouviu por um tempo. Não se ouvia nenhum ruído. Martin deveria ter ido finalizar os arranjos de sua partida. Ela ficou feliz por não ter que enfrentá-lo naquele momento; ainda não se sentia com forças para isso.

Ela desceu à sala de estar e por vários minutos vagou como uma alma triste daqui para lá. Parecia ver Martin em todos os cantos da casa: na cozinha, onde muitas vezes tinha que esfregar panelas; encostado na lareira olhando para ela com seu sorriso torto; sentado perto da janela enquanto digitava sem pausa no computador; deitado no sofá com as pernas longas na mesa de centro... Ela balançou a cabeça. Tinha que sair um pouco; ficaria louca se continuasse trancada o resto do dia.

Como era sábado decidiu chamar Adam; esperava que não tivesse trabalho essa manhã.

—Ei, Vega!

—Ei, Adam! — Forçou um pouco um som alegre —. Queria saber se hoje tem que visitar alguma de suas vacas ou suas ovelhas. Veja, surgiu um imprevisto e tenho que voltar para Madri...

— Você vai quando? — Sua voz denotava um profundo desânimo.

— Meu avião parte amanhã e queria me despedir de você. Obrigado por ter sido gentil comigo durante todas essas semanas. Que tal um almoço?

— É claro que quero — Adam respondeu. Poderia dizer que ele estava se esforçando para superar as notícias desagradáveis —. Eu vou buscá-la em meia hora.

Vega ficou feliz por ainda ter algumas horas de graça antes de seu inevitável reencontro com Martin Grant.

Adam chegou a tempo e, assim que o carro parou, Vega sentou-se no banco do passageiro. Seu amigo conduzia em um silêncio pouco característico enquanto ela, sem tirar os olhos da

janela, pensava em quanto sentiria falta daquela paisagem selvagem e da companhia daquele garoto com quem ela passara bons momentos.

Mal faltavam três quilômetros para chegar à cidade, quando dois poderosos Range Rovers pretos apareceram do nada. Um deles os ultrapassou a toda velocidade e se atravessou na solitária estrada com um desagradável chiado de pneus, justo diante deles, enquanto o outro fazia o mesmo atrás deles. Assim que percebeu que os SUV's pretendiam cortar-lhes o caminho, Vega, num ato reflexo que não conseguiu explicar, tirou o celular do bolso do casaco e enfiou-o no cano da bota.

—Que demo...!

A maldição do amigo foi interrompida quando um homem muito grande se aproximou da janela do motorista e bateu duas vezes no vidro com o cano de uma pistola. Adam congelou, mas quando o cara apontou para sua cabeça, Vega se esticou sobre o passageiro petrificado, alcançou a maçaneta e abriu a porta. Alguns segundos antes, a ideia de correr passou por sua cabeça; no entanto, ao ver quatro homens armados cercá-los, ela imediatamente descartou.

—Muito inteligente, senhorita — Ela foi elogiada pelo indivíduo gigantesco com um sotaque que parecia ser de algum país do leste —. Agora, saiam os dois do carro, com as mãos onde eu possa vê-las —ordenou.

Os dois obedeceram imediatamente. Apesar de assustado, Adam tentou articular algumas palavras:

— Senhores, creio que se confundem...

Ele não teve tempo de dizer mais nada. Naquele momento, um dos homens — O único com o rosto coberto com uma máscara de esqui — o acertou na cara com a coronha do revólver com tanta violência que Adam caiu no chão, inconsciente.

Vega gritou de horror e se jogou de joelhos ao lado do amigo, que estava com o nariz quebrado. Tremendo, ela enfiou a mão sob o casaco e colocou sobre o coração. Aliviada, ela sentiu uma leve palpitação na palma da mão.

—Maldito porco! — gritou chorosa, voltando a cabeça em direção ao homem mascarado.

—Olá, Vega — respondeu uma voz familiar —. Também estou feliz em encontrá-la novamente.

Com um movimento rápido, ele tirou a mascara e o rosto de Jaime Pedrosa foi exposto.

—Você!

—O mesmo, em carne e osso — ele zombou de sua óbvia descrença —. Você sabe, Vega? As coisas teriam sido muito mais fáceis se no dia da festa você concordasse em vir comigo calmamente. Se não fosse por esse seu amigo estúpido, empenhado em brincar de gato e rato, teríamos terminado essa história há muito tempo. É uma pena que — cheio de desdém, ele chutou o corpo esticado de Adam nas costelas. — e não o outro bastardo. O outro teria matado.

Convencido de que estava falando sério, Vega estremeceu violentamente.

— Deixe esse cara em paz — exigiu em um tom que não admitia discussão o cara que havia ordenado que eles saíssem do carro.

Ao ouvi-lo, Vega entendeu que era ele, e não Jaime, quem era o líder da quadrilha de bandidos, e saber disso lhe trouxe um certo conforto.

—O que você vai fazer com meu amigo?

— Esse fica aqui. No estado em que se encontra não creio que possa ser de muita utilidade para nós — respondeu aquele que parecia o chefe, com uma risada desagradável.

—Mas não podem deixá-lo na estrada! Pode levar horas até alguém encontrá-lo — suplicou Vega e, nesse momento, notou no rosto o gelo das primeiras gotas de chuva.

— Não me importa. Eu sou um homem mau, senhorita.

Seus comparsas começaram a rir.

—Bem — bateu palmas —, a conversa acabou, você —ordenou a Jaime— reviste-a antes de entrar no carro.

Jaime se aproximou dela com um sorriso malicioso. Ele demorou um pouco; além de verificar todos os bolsos, aproveitou a oportunidade para sujeitá-la a um manuseio repugnante. Ele percebeu o profundo desconforto dela e sentiu prazer, parando mais do que o necessário em áreas sensíveis, como os seios ou a virilha.

O único consolo que ficava para Vega era que, entretido com aquele joguinho humilhante, o celular que ela estava escondendo na bota passara despercebido.

— Porco nojento — murmurou em espanhol.

—Cuidado! — ele respondeu na mesma língua, ameaçando-a com o punho.

—Basta! — o líder interrompeu a discussão —. Coloque-a no carro de uma vez.

●

Empurrando-a, Jaime a colocou em um dos Range Rovers e a forçou a se deitar no pequeno espaço entre os bancos dianteiro e traseiro.

— Não se atreva a mostrar sua cabeça ou eu vou amarrá-la como um porco —avisou de forma desagradável—. Para sua informação, aviso que as portas estão trancadas.

Tudo o que Vega podia ver de sua posição era o couro dos assentos. Com dissimulação, apalpou a bota, e notou o volume do telefone; Ela rezou para que ninguém pensasse em ligar para ela e que a bateria, que ela havia esquecido de recarregar à noite, durasse o suficiente. Nos dias que passara com Martin, ele havia lhe ensinado algumas noções básicas de autodefesa e, embora, infelizmente, quando chegasse a hora, fosse impossível colocá-los em prática, durante essas lições ele também contou sobre o sistema de localização GPS que tinha instalado no seu celular. Ele também mencionou que a única coisa que precisava para funcionar era que o dispositivo estivesse ligado. Graças a Deus tinha tido o sangue frio suficiente para lembrar, durante os primeiros —e vitais— minutos do sequestro.

Ao pensar em Martin, uma nova onda de angústia tomou conta dela. Ele seria capaz de encontrá-la e resgatá-la?

Ela rezou para que assim fosse, embora, ao mesmo tempo, prometesse a si mesma que estaria vigilante para aproveitar a menor oportunidade de fugir que lhe fosse apresentada. Ela afastou

uma mecha de cabelo do rosto e sentiu sua mão tremer. Ela ainda parecia ouvir o barulho do nariz de Adam quebrando e, mais uma vez, rezou para que alguém o encontrasse imediatamente e não que precisasse passar muito tempo ao ar livre e na chuva.

Vega não usava relógio e imediatamente perdeu a noção do tempo. Teve a sensação de que estavam viajando por horas e, embora a princípio parecesse que estavam seguindo em uma rodovia, por muito tempo ela não teve tanta certeza. A velocidade diminuiu consideravelmente e a estrada — a julgar pelo chocalho estranho — devia ser bastante irregular. Provavelmente, a certa altura, fizeram um desvio na direção de uma pequena estrada municipal. Como que para confirmar suas suspeitas, o veículo passou por um buraco e a jovem bateu violentamente em um dos assentos. Não foi possível conter uma exclamação de dor.

— Não sofra, minha querida, estamos quase chegando. — A voz zombeteira de Jaime veio com clareza.

Alguns minutos depois, o carro finalmente parou. Um dos homens abriu a porta e Vega, dolorida pelos golpes e pelo desconforto de sua postura, saiu do veículo sem jeito.

Sob a luz fraca do pôr do sol, ela viu um armazém industrial em ruínas, cercado por uma floresta de árvores com folhas caindo, cujos galhos restavam poucas folhas. O lugar parecia perdido das mãos de Deus, e Vega tinha certeza de que, mesmo que ela andasse em um raio de vários quilômetros, não encontraria vestígios de vizinhos na área.

— Bem-vinda à sua nova casa, *madame* — disse em um francês terrível o que parecia o chefe com uma reverência zombadora.

Dentro do lugar estava frio e emitia um cheiro pungente de madeira podre. Em outros tempos, deveria ter sido uma serraria; ainda havia restos de tábuas e máquinas espalhadas por toda parte.

Entrou o russo — como Vega o nomeou em sua cabeça — e Jaime a levou para o fundo do galpão. Atrás de uma porta havia uma pequena sala, com paredes úmidas, uma pequena claraboia no teto onde quase nenhuma luz entrava e uma cama. Em uma das paredes aparecia uma porta menor.

— Espero que você goste do seu quarto; tem seu próprio banheiro. Você não vai reclamar querida.

Sem dizer nada, Vega espiou; embora o banheiro fosse pequeno e não parecia estar muito limpo, tinha um chuveiro, um lavatório como o de uma casinha de bonecas e um sanitário lascado. Ao menos não parecia que teria que compartilhá-lo com eles, pensou aliviada.

Os homens a deixaram no quarto e fecharam com chave ao sair.

Vega estudou o seu entorno cuidadosamente. Seus olhos pararam na claraboia do teto e a inspecionou com atenção; embora fosse estreito, poderia servir para escapar. A única falha era a altura em que estava localizada. Mesmo que subisse na cama, a distância ainda era considerável e não havia outra peça de mobiliário que pudesse subir.

O frio estava intenso e ela puxou a jaqueta um pouco mais. Sobre a cama havia um grosso edredom dobrado, examinou-o com cuidado e chegou à conclusão de que não tinha sido usado. Ela o estendeu, deitou na cama e se cobriu.

Ela analisou sua situação, tentando não entrar em pânico. Seus captores não lhe fizeram mal; era evidente que a única coisa que lhes interessava era o resgate suculento que pediriam por ela.

Sabia que seu pai pagaria o que fosse. Mas levantar o dinheiro levaria um tempo e talvez tivesse que ficar naquele buraco por semanas ou até meses. Só de pensar nisso, sua cabeça ameaçava explodir; Ficaria louca trancado naquele lugar. Além disso, ela tinha certeza de que Jaime representava um perigo adicional. Um sexto sentido dizia que ele não estava interessado exclusivamente em dinheiro; ele tinha sido humilhado por ela e estava claro que pertencia àqueles tipos de homens que sempre encontravam uma oportunidade de se vingar.

Para piorar a situação, ele havia permitido que ela visse seu rosto e isso lhe dava uma sensação muito ruim. Uma vez mais, um estremecimento a percorreu de cima abaixo e não soube se era de frio ou de medo.

—Martin, Martin — sussurrou no escuro.

A tentação de tirar o telefone do esconderijo e ligar para ele era esmagadora, mas ela se deteve. Seus captores poderiam retornar a qualquer momento; não fazia sentido arriscar que lhe tirassem o celular só para manter uma conversa na qual não poderia contribuir com nenhum tipo de informação relevante. Não tinha a mínima ideia de onde se encontrava; ela teria que confiar no localizador e em Martin Grant para que percebesse o mais rápido possível o seu desaparecimento. Fechou os olhos e lhe pareceu sentir mais uma vez aqueles lábios firmes em contato com os dela, e as mãos experientes percorrendo seu corpo. Um gemido escapou de sua garganta. Seria melhor não pensar nisso se não queria perder a cabeça, agora devia se concentrar em encontrar uma maneira de escapar dali.

# 11

Calculou que teria passado uma hora e meia, mais ou menos quando, de novo, ouviu girar a chave na fechadura.

Um de seus captores fez um sinal para que saísse, e ela obedeceu sem opor resistência. Examinou o que a rodeava com cuidado; ela precisava ter uma imagem clara de onde estava sendo mantida para tentar encontrar uma brecha pela qual fugir. Pelo que podia perceber, o galpão tinha sido preparado para um longo sequestro. Um pequeno fogão de acampamento a gás, cercado por caixas cheias de provisões e bebidas, ocupava uma extremidade. Do outro lado, dois beliches razoavelmente novos e dois baús baratos serviam de quarto para os quatro membros da equipe. Não viu nenhum banheiro por ali, talvez estivesse do lado de fora.

— Vá em frente, chegue mais perto — o russo convidou com gentileza, enquanto apontava para uma cadeira —. Coma alguma coisa.

Um prato com um misterioso guisado fumegava sobre a mesa. Vega não se fez de difícil; estava faminta e estava consciente de que necessitava conservar as forças se desejava sair dali. Ela começou a comer sem deixar de observar tudo. O galpão não tinha janelas; a luz entrava através de uma série de claraboias, como a do quarto dela, espalhadas pelo teto. A única saída era a porta pela qual haviam entrado.

—A senhorita não gosta de sua nova casa? — Jaime perguntou sarcástico.

Mas ela o ignorou e continuou comendo sem olhar para ele.

—Responda quando eu falo com você, vadia! — Com raiva, ele derrubou o prato de Vega com um tapa.

Ela se levantou rapidamente e foi para o outro lado da mesa para ficar fora de seu alcance. Suas mãos tremiam muito e ela as escondeu nos bolsos da calça. Ela não queria dar a ele a satisfação de perceber como estava assustada.

— Deixe a garota em paz — ordenou o chefe.

—Por que eu deveria fazer isso? Fui eu quem te levou até ela. Se não fosse por mim, bando de estúpidos, nunca a teriam encontrado.

Ao ouvir suas palavras ofensivas, o líder corpulento ficou vermelho de raiva e puxou uma faca grande de suas roupas com a qual ameaçou o espanhol.

— Mais um insulto e eu juro que vou cortar seu pescoço — ele alertou em um tom enganosamente suave; era óbvio que não estava brincando —. É verdade que a localizamos graças a você, mas não precisamos mais de você. Eu não preciso de você. Duvido que meu chefe faça confusão se eu cortar sua jugular e deixar você sangrar até a morte neste lugar. Em vez disso, eu sei que ele quer a garota sã e salva. Lembre-se disso — acabou desafiando-o com um olhar maligno, antes de se virar e sentar em uma velha cadeira rachada alguns metros mais adiante.

Jaime foi forçado a deixá-la sozinha. Então, um dos outros sequestradores, que tinha ficado atento à luta sem intervir, levantou-se e lhe serviu outro prato de comida. O espanhol se sentou à sua frente enquanto continuava a lançar seus olhares venenosos que prometiam vingança, e Vega de repente perdeu o apetite. Um nó se formou em seu estômago que a impediu de engolir mais um bocado, então se levantou, voltou para o quartinho nos fundos e bateu a porta. Sentada na beirada da cama, ela ouviu alguém girar a chave algumas vezes.

●

Sem tirar as botas, deitou-se na cama, se cobriu com o edredom e tentou dormir. O cansaço e os nervos devem tê-la superado em um determinado momento, porque, de repente, ela abriu os olhos com um sobressalto, sem saber que horas eram. Ela reconheceu o barulho que a despertara; foi aquele com a chave girando na fechadura. A porta se abriu devagar, e Jaime entrou em seu quarto e apontou uma pistola para ela enquanto, com o dedo indicador apoiado nos lábios, ele indicou para que ficasse em

silêncio. Apertou o interruptor que acendia a lâmpada nua colocada sobre a cama e, sem deixar de apontar com a arma, sentou-se num lado da cama.

Vega sentou-se imediatamente e ficou encostada à parede com as pernas encolhidas, numa tentativa de se afastar dele o máximo possível.

— Se pensar em se afastar um pouco mais de mim, eu vou bater em você com força.

Ela sabia que ele era muito capaz de cumprir sua ameaça, então Vega congelou sem tirar os olhos dele, morrendo de medo. Ele se aproximou ainda mais e lentamente começou a traçar suas feições com o cano da pistola: sua testa, sua bochecha, seu nariz... Vega sentiu a frieza do aço quando colocou sobre a boca dela, forçando-a a separar os lábios. O terror acelerava os batimentos do seu coração, que ressoavam em seus ouvidos a um volume insuportável.

— Tire sua blusa.

Vega obedeceu sem questionar e esperou tremendo, coberta apenas pela fina camisa de algodão que usava.

Jaime inseriu o cano da arma entre os botões e apoiou no peito direito. Incapaz de suportar a tensão por mais um minuto, Vega abriu a boca para gritar, mas ele foi mais rápido e cobriu-a com uma mão que parecia uma pinça de ferro, afogando seu grito. Sem soltá-la, seu agressor deixou a arma debaixo da cama e se jogou sobre Vega. Ele colocou a mão livre sob o tecido de sua blusa e apertou um de seus seios, causando-lhe dor e tanto nojo que quase a fez vomitar. Vega lutou com todas as suas forças, se contorcendo sob o corpo dele como uma enguia, até que, a certa altura, conseguiu acertar um joelho na virilha dele.

—Maldita, puta! — Jaime murmurou.

Raivoso, ele levantou o braço e bateu o punho contra o rosto dela.

A dor foi tão brutal que ela quase perdeu a consciência. Atordoada, ela notou os dedos masculinos tentavam desajeitadamente abrir os botões de seu jeans, tentando tirá-los.

Naquele momento, Vega entendeu que Jaime alcançaria seu objetivo. Ele a estupraria e não havia nada que ela pudesse fazer

para detê-lo. Lágrimas de puro terror rolaram por suas bochechas.

— Não, não, me solte — soluçou.

De repente, ela sentiu algo ou alguém libertá-la do peso de seu atacante.

Na penumbra da lâmpada, ela distinguiu uma figura alta e masculina, completamente vestida de preto, batendo em Jaime sem piedade. Os olhos de seu salvador lançavam dardos de prata enquanto seus punhos colidiam, repetidamente, contra o rosto e o estômago do homem que estava prestes a forçá-la alguns segundos atrás, até que ele caiu no chão, inconsciente.

—Martin — Vega sussurrou incrédula, convencida de que estava sonhando.

Ao ouvir sua voz, Martin parou de repente e se virou para ela. Seus olhos examinaram suas bochechas ensopadas, sua camisa rasgada e o sangue que escorria de um corte em sua sobrancelha, e ele teve que usar todo seu autocontrole para conter o desejo de chutar até matar o bastardo que estava aos seus pés. Com um juramento, sentou-se ao lado dela e a abraçou, tão forte que a deixou sem fôlego.

Vega apoiou a cabeça no peito dele e chorou como se sua alma estivesse quebrada. Em um dado momento, pareceu-lhe que os lábios masculinos estavam descansando em seus cabelos com ternura.

— Não se preocupe, meu amor, acabou...

Suas palavras pareciam vir de muito longe e quando, muito mais tarde, voltou a pensar nelas novamente, disse a si mesma que as imaginara. Martin deixou-a respirar por alguns minutos enquanto ainda acariciava sua nuca. Assim que percebeu que os soluços estavam começando a diminuir, ele sugeriu:

— Deveríamos sair daqui. A polícia está prestes a chegar e eu quero descansar um pouco antes que eles te interroguem.

Ele gentilmente a afastou e fechou os botões de sua jaqueta com tanta ternura que Vega não conseguiu impedir que novas lágrimas fluíssem de seus olhos. Então ele a ajudou a se levantar, mas, percebendo que suas pernas não eram capazes de sustentá-la, ele a pegou nos braços sem nenhum esforço aparente.

— Será melhor que feche os olhos e não os abra até que saiamos daqui; o espetáculo não terminou muito agradável.

Vega o desobedeceu e, ao atravessar o galpão, viu os corpos de dois dos sequestradores caídos no chão, em uma poça de sangue.

—Estão mortos? — ela perguntou com uma voz trêmula.

— Creio que não — ele respondeu friamente, como se o assunto não o preocupasse nem um pouco.

Ao deixar o galpão, Vega viu o último dos sequestradores. Ele estava deitado de bruços no chão lamacento, mãos e pés imobilizados com algemas de plástico. Um pedaço de fita adesiva cobria sua boca.

Martin a colocou gentilmente no banco do passageiro do carro e travou o cinto. Logo depois, eles estavam voltando para casa.

—O que vai acontecer com você? — Vega perguntou depois de rodar por alguns minutos em silêncio. Naquele momento, essa questão era a que mais o preocupava —. Eles vão te colocar na cadeia por deixar aqueles homens gravemente feridos?

— Veja, Vega, meu trabalho é... um pouco especial. Além de trabalhar para seu pai, sou uma espécie de agente do governo.

Ela olhou para ele boquiaberta.

—Como James Bond! Você tem uma licença para matar?

— Bem, algo semelhante — Martin respondeu, divertido —. Eu vou te contar os detalhes mais tarde. Agora é melhor você não falar muito; você teve uma experiência terrível e a melhor coisa é que tente descansar um pouco.

— Mas, Martin, quero saber como você me encontrou, o que o fez desconfiar, o que exatamente aconteceu lá... A propósito — de repente lembrou —, como está Adam?

— Seu amigo está com o nariz quebrado, mas ele se recuperará. Foi uma sorte que não se incomodaram em esconder ele ou o seu carro. Não deveria ter passado uma hora desde que te sequestraram, até que eu o encontrei.

Por um instante, ele desviou os olhos da estrada e virou-se para olhá-la.

— Você demonstrou ser muito inteligente ao esconder seu celular; Se você não tivesse feito isso, não poderia tê-la localizado

tão rapidamente.

O elogio inesperado deu-lhe uma enorme satisfação, mas ela tentou fazer pouco caso dele.

— Foi um ato instintivo, ainda não sei como me ocorreu.

— Você é uma garota corajosa e determinada, estou orgulhoso de você.

O Martin colocou a mão sobre a coxa num gesto de aprovação. Seu calor atravessou o tecido da calça e, embora não doesse, Vega sentiu uma queimadura na pele.

— Muito obrigada, é muito agradável receber finalmente um pouco de reconhecimento de sua parte — brincou numa tentativa de dissimular até que ponto seu contato a perturbava.

No entanto, ela recuperou a seriedade quase instantaneamente e permaneceu em silêncio. Depois de alguns segundos, disse em voz baixa:

— Quando percebi que Jaime Pedrosa estava por trás de tudo isso, não podia acreditar. Como eu poderia estar tão errada sobre ele? — ela se perguntou, incapaz de impedir que sua voz tremesse um pouco.

— Não se martirize, Vega, todos cometemos erros. É difícil suspeitar que um jovem de uma boa família, que aparentemente tem tudo o que precisa e muito mais, esteja lidando com uma gangue de mafiosos. Nem sequer seu pai suspeitava dele e eu mesmo, embora soubesse que não era flor que se cheire, em nenhum momento imaginei que fosse tão perigoso.

Além do mais, ele ainda não havia se perdoado por não levar Vega para um lugar seguro assim que percebeu que seu esconderijo havia sido descoberto. O desejo de mantê-la um pouco mais de tempo a seu lado tinha o fez perder de vista o perigo da ameaça que enfrentavam.

Por sua causa, por falta de profissionalismo, Vega estava prestes a ser estuprada por um criminoso. Apesar dos esforços da jovem para falar com calma, o tremor em suas mãos não passou despercebido. Por sua culpa, reprovou a si mesmo, a mulher que amava talvez tivesse ficado marcada para sempre.

Vega não perdeu a contração do músculo delator na bochecha masculina e interpretou-o mal. Ela pensou que Martin estava bravo

com ela, que a considerava uma garota estúpida por quem ele teve que arriscar sua vida.

Incapaz de evitar, seus lábios começaram a tremer também. Ela não queria que ele percebesse que estava prestes a chorar, então colocou a cabeça no encosto do banco, fechou os olhos e desejou que sua vida pudesse ser rebobinada até o momento anterior à sua viagem à Inglaterra. Ela queria ser aquela garota superficial e simples de novo, em que tudo o que importava era com o vestido que usaria para a próxima festa. De repente, teve a sensação de que envelheceu vinte anos em um único dia.

●

Martin a ouviu suspirar e pensou que queria descansar um pouco. Silenciosamente, ele dirigiu rapidamente e, três horas depois, parou o veículo em frente à porta da casa de pedra.

— Vega, chegamos. Você dormiu um pouco?

Ela negou com a cabeça.

— Não, apenas pensava.

Então ela abriu os olhos e olhou em volta. Pareceu-lhe incrível estar de volta à casinha encantadora, como se aquele dia de terrível tensão e medo paralisante nunca tivesse acontecido. Martin abriu a porta do lado dela e a ajudou a sair.

— Quer que eu faça algo para você comer?

Vega balançou a cabeça novamente; a última coisa que queria no momento era pensar em comer.

— Você pode ligar para seu pai.

—Sabe alguma coisa sobre...?

— Não, preferi não contar nada, até ter... as coisas mais claras.

— Eu acho que não tenho energia para explicar o que aconteceu.

— Se você quiser, eu ligo para ele.

— Se você não se importa, eu prefiro que você não faça isso ainda. Assim que eu souber o que aconteceu, meu pai pegará o

primeiro avião e aparecerá aqui para me levar para casa. Preciso de tempo para assimilar os acontecimentos.

Martin reparou na forma como torcia as mãos ao falar e compreendeu que estava esgotada e confusa.

— Calma, Vega, você não precisa decidir nada agora. É melhor descansar por enquanto.

— Acho que vou preparar um banho quente.

— Boa ideia, vai fazer você relaxar. Eu te ajudarei.

— Realmente, não precisa.

Ignorando-a, como sempre, Martin foi até o quarto com ela, abriu as torneiras da banheira e ajustou a temperatura. Ele colocou uma toalha limpa e macia ao seu alcance e derramou um punhado de sais de banho na água, que se dissolveu instantaneamente emitindo um agradável aroma floral.

—Precisa de mais alguma coisa? Você quer que lhe traga uma bebida: água fria, um copo de vinho, um chá...?

— Não, obrigada, Martin, já foi muito amável.

— Se você precisar de algo, grite. — Martin saiu e a deixou sozinha.

Vega se despiu rapidamente, juntou os cabelos em um coque alto e entrou na banheira; a temperatura da água estava perfeita. Com um suspiro de prazer, deitou-se e apoiou a cabeça na beirada, fechou os olhos e, quase instantaneamente, notou que os músculos perderam um pouco de rigidez e começaram a se soltar aos poucos.

Ela ficou na banheira por quase meia hora, sem pensar em nada, até que uma batida na porta a trouxe de volta à realidade e ela percebeu que a água estava começando a esfriar.

— Vega, você está bem?

— Claro, já estou saindo.

Soltou a água da banheira, rapidamente se secou e saiu do banheiro enrolada na toalha.

—Oh! — Foi a única coisa que conseguia dizer quando viu Martin sentado na beira da cama.

# 12

As pupilas masculinas se dilataram quando olharam para os ombros nus aveludados e as pernas compridas, que a toalha mal cobria. Alguns fios úmidos escaparam do coque improvisado, e Martin Grant disse a si mesmo que era a visão mais deliciosa que um homem poderia imaginar. O desejo de se aproximar dela, empurrar um daqueles cachos úmidos para o lado e afundar o rosto na cavidade da garganta, era quase impossível de dominar; apenas o medo que lhe parecia perceber nos grandes olhos dourados o deteve. Com força de vontade de ferro, superou as exigências irreprimíveis de seu corpo traidor e conseguiu ficar onde estava, enquanto dava um sorriso tranquilizador.

— Perdoe minha intromissão, Vega. Trouxe um pouco de iodo e algodão para curar sua ferida na sobrancelha e um comprimido para dormir. Eu acho importante que você durma profundamente esta noite. Venha – deu uma palmada sobre o colchão, ao seu lado — sente-se aqui. Eu quero dar uma olhada nisso.

— Obrigada, Martin. Não precisa se preocupar, eu já lavei no banho...

Grant repetiu o tapinha com um gesto autoritário, e Vega não teve escolha a não ser se aproximar dele com os joelhos trêmulos. Sentou-se ao seu lado e ajustou bem a toalha. A última coisa que queria era dar um espetáculo.

Martin pegou o rosto dela nas mãos. Ele gentilmente moveu o rosto de um lado para o outro, para examinar o ferimento na penumbra emitida pela lâmpada noturna.

—Bem — seu sorriso fez o estômago de Vega tremer — Eu tenho duas notícias, uma boa e outra ruim. Qual você quer saber primeiro?

Vega, que mal conseguia respirar ao senti-lo tão perto de seu corpo seminu, sussurrou:

— A boa primeiro.

— A boa notícia é que não é necessário dar pontos no corte que você tem na sobrancelha.

—Pontos! — ela repetiu incrédula —. Você estava disposto a me costurar? Assim, de improviso, como se fosse o peru de Natal? — Vega estremeceu só de pensar nisso.

— Se você fosse o peru de Natal, eu não precisaria costurar você. Ainda falta muito tempo para as festas, não acha? Além disso — mesmo que estivesse falando sério, poderia ver a distancia que estava rindo dela —, eu costuro muito bem. Sou um grande amigo de minha casa.

— Estou feliz por sua futura esposa. Mas continuo esperando as más notícias. E, sabe? , não creio que me convenha tanta incerteza depois dos sobressaltos do dia.

Martin ficou satisfeito ao ver que a velha, espirituosa e atrevida Vega estava aparecendo novamente atrás da menina assustada e trêmula que ele resgatara do galpão.

— A má notícia, minha querida, é que amanhã você terá um olho roxo.

—Um olho roxo! — Ela olhou para ele com horror —. E eu não posso fazer nada? Não sei... colocar gelo? Um bife como em desenhos animados...?

— Receio que seja tarde demais para remédios caseiros — Martin respondeu enquanto cortava um pedaço de algodão e derramava algumas gotas de iodo nele —. *Oui, madame,* amanhã você vai mostrar um olho maquiado em todos os belos tons que vão do amarelo ao roxo.

Com muito cuidado, ele levantou o queixo com dois dedos e começou a tocar levemente o algodão na sobrancelha.

—Aí!

— Desculpe — ele implorou, preocupado, e seus dedos ficaram ainda mais delicados.

Vega realmente não sentiu nenhuma dor; ela se queixou para irritá-lo, embora estivesse mais inclinada a emitir um ronronar satisfeito. Era incrível o quão suave aquelas mãos podiam ser, que poucas horas atrás haviam golpeado um homem até ele ficar inconsciente. Ela fechou os olhos e apreciou o toque agradável dos dedos dele.

Martin se esforçou para controlar a respiração enquanto olhava para os cílios longos e curvados no rosto delicioso levantado para ele. Ele respirou o agradável perfume floral de sais de banho misturado com o cheiro intoxicante de sua pele, e a combinação subiu à sua cabeça como champanhe. Terminou o curativo na ferida e se levantou com tal brutalidade que derrubou o vidro de iodo sobre a colcha.

—Ainda bem que estava fechado, senhor Desastrado! — Vega zombou dele.

—Boa noite.

Grant pegou o vidro e o algodão e saiu correndo do quarto. Depois de fechar a porta gentilmente, ele se encostou a ela com os punhos cerrados e respirou lentamente, tentando acalmar sua excitação.

Do outro lado da porta, Vega pensou que mais do que uma pílula para dormir, o que ela precisava era de um bom gole de algo forte; todo o seu corpo ainda tremia e não era por causa do sequestro, precisamente. Quando viu Martin esperando por ela sentada em sua cama, quando saiu do banho enrolada apenas em uma toalha, como se fossem um casal feliz, seu cérebro começou a projetar uma série de imagens lascivas em sua mente, o que a deixou com os joelhos moles. E depois, a insuportável tortura de estar sentada ao seu lado e sentir o toque dos dedos quentes sobre sua pele ao fazer o curativo... Ela quase o atacou e implorou para que ele fizesse amor com ela. Felizmente, se conteve; teve que segurar a colcha e morder o lábio até machucá-los, mas pelo menos evitou fazer papel de boba na frente dele pela enésima vez.

Embora ainda estivesse muito agitada, decidiu que seria melhor deitar-se e não pensar mais. Rapidamente, ela desenrolou a toalha e vestiu o pijama quente escocês, tomou a pílula para dormir que ele deixara com um pouco de água e, meia hora depois, mergulhou em um sono profundo e sem sonhos.

●

Quando acordou na manhã seguinte, Vega sentiu que sua cabeça parecia cheia de algodão. Ela ficou na cama por um tempo, observando os objetos familiares que a cercavam, e agradeceu a Deus por não estar no quarto sombrio do galpão, à mercê de seus captores. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira; ela dormiu por quase oito horas e se sentia bem descansada. Enrolou mais alguns minutos antes de se levantar e pegas uma calça e uma blusa de gola alta do armário. Depois de se vestir, ela lavou o rosto, penteou os cabelos e desceu as escadas para a sala de estar.

—Bom dia, Bela Adormecida! Eu fui algumas vezes para ver como você estava e dormia como um bebê.

— Sim, eu dormi muito bem. Obrigada por pensar sobre a pílula para dormir, Martin, foi uma ótima ideia— ela disse com um sorriso caloroso.

Martin olhou atentamente para o rosto corado. Apesar do olho esquerdo, que realmente exibia todas as cores do arco-íris, Vega estava radiante.

— Vou fazer seu café da manhã. Qual você prefere: ovos mexidos com bacon ou torradas com manteiga?

— Hum. Torrada parece bom. Muitas.

—Muitas?

— Estou faminta... — Dessa vez, lançou-lhe um olhar que, sem saber o porquê, o deixou nervoso.

— Eu falei com a polícia. — Martin se apressou em mudar de assunto; Havia algo nele nessa manhã que não sabia como interpretar —. Eles virão esta tarde para fazer algumas perguntas. Não precisa se preocupar, basta contar o que aconteceu com o máximo de detalhes possível.

Como se isso tivesse ocorrido de repente, Vega perguntou:

— E se tudo sair no noticiário e meu pai acaba descobrindo na televisão ou na imprensa.

Martin descartou sua preocupação com um aceno de mão.

— Não se preocupe. Conversei com o responsável pela investigação e ele concorda comigo em impedir que esses eventos vazem para a mídia. Causaria certo alarme na opinião pública se soubesse que a máfia russa está à solta por estes lugares.

Vega respirou aliviada. Por alguns momentos, imaginou um close dela nas capas de todos os tabloides ingleses, como acompanhamento de uma história mórbida de ambição e vingança.

—Seu café da manhã!

Vega devorou várias torradas crocante, untadas com manteiga e geleia e duas xícaras de café, antes de dar um tapinha no estômago com uma expressão satisfeita:

—Perfeito.

Mais uma vez, Martin pensou que era um prazer vê-la comer com um apetite saudável. Na realidade, contemplar Vega de Carrizosa em qualquer momento da sua vida era um autêntico banquete para os olhos.

— Agora, eu gostaria de visitar o Adam — disse em voz baixa.

Martin a levou ao hospital, que ficava nos arredores de Edimburgo. Uma vez no quarto, onde Adam estava se recuperando da operação que havia sofrido para endireitar o septo nasal, Martin os deixou sozinhos para que pudessem conversar com calma.

No final da visita, foram a um pequeno café localizado em uma praça central e almoçaram. Depois, deram um passeio pela cidade, conversando sobre assuntos triviais enquanto olhavam entretidos, as pessoas que iam e vinham pelas movimentadas ruas de paralelepípedos.

●

Quando retornaram à casa de pedra, um carro escuro e sem distintivos — que Martin imediatamente identificou como a policia secreta — ele estava estacionado na frente dela e dois policiais a paisana os esperavam do lado de fora da porta da frente. Martin os convidou para entrar e serviu alguns cafés. Apesar do fato de os policiais serem muito gentis com ela o tempo todo, quando sua declaração terminou, Vega sentiu como se um caminhão cheio de entulho tivesse passado por cima dela.

— Você fez muito bem Vega — Martin a parabenizou quando os policiais finalmente saíram.

Era quase hora do jantar, então ele cortou um pouco de pão e queijo, serviu dois copos de vinho e deixou tudo sobre a mesa em frente ao sofá, onde Vega esperava em sua postura habitual: com os braços em volta das pernas e o queixo apoiado nos joelhos.

— Isso espero. Você acha que eu já estou em segurança? Posso voltar para minha casa?

—Acho que sim. De acordo com o que me disseram, graças às informações que eles obtiveram na noite passada, depois de interrogar os bandidos que estavam em posição de falar, a polícia espanhola prendeu o líder do grupo nesta manhã. Aparentemente, foi Jaime Pedrosa quem entrou em contato com os russos para sugerir seu sequestro.

Vega balançou a cabeça com pesar.

— Eu pensei que ele era meu amigo... —sussurrou.

— Aparentemente, ele tinha inúmeras dívidas de jogo e, para liquidá-las, ele só pensara em manter um esconderijo de cocaína de alguns traficantes colombianos. Sua vida estava em sério perigo se ele não recebesse o dinheiro logo.

— Eu posso entender sobre as dívidas e o dinheiro; O que eu não consigo entender é o ódio que ele sente por mim.

Os olhos dourados olhavam para ele com profundo pesar.

—Olha, Vega — ela disse suavemente —, existem pessoas más no mundo. Eu não sou especialmente religioso, mas se alguém me perguntasse: você acha que o diabo existe? Responderia sem hesitar sim, sem dúvida. Eu o vi esticar a perna em mais ocasiões do que gostaria de lembrar.

Vega pegou seu copo de vinho e tomou um gole enquanto pensava nessas palavras.

— Você está certo. Eu também o vi muito de perto; ontem me confrontei com ele... — Sua voz se quebrou e se apressou a mudar de assunto —. Martin, quero te agradecer.

Ele fez um gesto expressivo com a mão, descartando a necessidade de agradecimentos, mas Vega insistiu:

— Sério, Martin. você pode achar que estava apenas cumprindo o seu dever, mas eu devo-lhe a vida e algo mais. Eu devo-lhe... — parou um instante para procurar as palavras adequadas —. Te devo minha sanidade. Se você não tivesse chegado a tempo...

— Não pense mais nisso — cortou-a em tom seco.

— Não posso evitar. Acho que nunca mais vou me sentir segura se você não estiver ao meu lado.

Seus olhos inundaram, mas com um esforço, Vega conseguiu segurar as lágrimas.

Martin colocou as mãos nos ombros dela e a olhou fixamente.

— O que acontece com você é muito comum entre as vítimas de sequestro. Desenvolvem medos e inseguranças que não existiam antes e se voltam para a pessoa que os resgatou, como se ele fosse algum tipo de herói ou deus. Mas você deve saber que isso não é real. Talvez você precise de ajuda psicológica para superá-lo, mas com o tempo você conseguirá.

Ele a viu apertar as pálpebras com força, e Martin interpretou o gesto como um sinal de cansaço.

— Eu acho melhor você ir dormir. Hoje também foi um dia agitado e agora o que você mais precisa é descansar. Eu te dou outra pílula para dormir?

Vega negou com a cabeça.

— Será melhor que não; poderia me acostumar a elas.

— Como quiser.

Martin inclinou-se para ela e a beijou na testa.

— Tenha sonhos felizes...

# 13

Martin não sabia o que o acordara até ouvir mais uma vez. O grito de angústia que atravessou as paredes acabou acordando-o e, instantaneamente, ele percebeu que Vega deveria ser vítima de um pesadelo. Descalço e vestido apenas com a calça do pijama, ele correu para o quarto.

Ele entrou sem bater e acendeu a lâmpada na mesa de cabeceira. Vega balançava a cabeça violentamente de um lado para o outro do travesseiro, enquanto tentava afastar a colcha pesada com as mãos, o que parecia sufocá-la.

—Não! Não! — gritou de novo. Suas bochechas estavam ensopadas de lágrimas.

Martin a agarrou pelos ombros na tentativa de imobilizá-la e falou suavemente:

— Calma, Vega, acorde. É apenas um pesadelo.

Mas ela continuou se contorcendo com os olhos fechados ainda gritando.

—Me solte! Me solte!

—Vega, acorde! — Seu tom firme e calmo finalmente penetrou em seu cérebro, e as pálpebras de Vega se abriram.

Quando ela viu que um indivíduo a estava segurando com firmeza, com o rosto quase colado ao dela, uma expressão de terror gritante apareceu em seus olhos, o que o alarmou bastante.

— Acalme-se, Vega, sou eu, Martin.

—Martin... — Por fim, a jovem começou a assimilar suas palavras —. Martin!

Ela se jogou sobre ele e abraçou sua cintura com força, encostou a bochecha encharcada no peito nu dele.

—Meus Deus, Martin, pensei que... Sentia suas mãos por todo meu corpo... Estava prestes a... Por um momento, pensei que você...

—Shiu — ele a silenciou gentilmente e descansou o rosto nos cabelos perfumados enquanto a mão subia e descia as costas dela

em uma carícia reconfortante —. Vega, você está segura. Esse cara não pode mais te machucar. Ele passará muitos anos na prisão. Você não deve ter medo.

As palavras e suas carícias hipnóticas agiram como um bálsamo. Vega gradualmente se acalmou e, quando falou de novo, sua voz não tremia tanto:

— Martin, eu não quero que você vá. Eu não quero que você me deixe sozinha esta noite — suplicou, esfregando seu rosto contra seu peito cada vez que pronunciava a palavra não.

— Vega, isso é impossível.

—Preciso de você! Eu quero que você fique aqui esta noite. Quero que façamos o amor.

—Vega, você não sabe o que está pedindo! — Sem perceber, Martin a apertou mais —. Você não é você mesmo; é a reação ao trauma de quase ter sido estuprada que fala por você. Não vou tirar vantagem da sua fraqueza.

— Não, Martin, juro que estou perfeitamente ciente das minhas ações. — Vega levantou a cabeça e o encarou com uma expressão determinada —. Quando Jaime estava sobre mim naquele horrível lugar, me atormentava pensar que ia ser esse indivíduo, arrastado pelo ódio e a luxúria, o primeiro a possuir meu corpo. Pensei nas duas vezes em que você e eu estávamos prestes a fazer amor e poderia ter batido minha cabeça contra a parede por desperdiçar a chance. Eu quero que você seja o primeiro; Eu sei que você vai me fazer gostar, eu sei que você vai apagar os traços que o contato repugnante desse tipo deixou no meu corpo — afirmou com certeza —. Se eu permitir que o tempo passe sem tentar superar a impressão de que a tentativa de estupro deixou em mim, acabarei levantando novas barreiras e talvez nunca saiba o que é estar com outra pessoa. Quero que seja você Martin Grant, meu primeiro amante. Eu preciso de você esta noite. Eu juro que será apenas esta noite...

Uma onda de desejo varreu-o da cabeça aos pés, ao ouvir aquele apelo apaixonado. Apesar de tudo, com um esforço titânico, ele tentou superar a fraqueza que ameaçava arrastá-lo.

— Não, Vega, eu não posso fazer isso. Por mais que eu queira, se eu tirar proveito das circunstâncias, eu não poderia me perdoar.

Um dia você vai realmente se apaixonar por alguém e você deve se guardar para ele. Acredite, um dia você vai me agradecer por dizer não.

Sabia que não seria justo fazer amor com ela nessas circunstâncias. Vega passou vários meses vivendo longe de tudo o que era querido e próximo dela, com ele quase como a única companhia. E a tudo o que tinha que adicionar à experiência traumática de sequestro e libertação. Não era a primeira vez que via uma reação semelhante. Já havia acontecido com ele em outras ocasiões com outras pessoas que ele havia protegido. Incluindo homens em pleno juízo que, percebendo a ameaça incontrolável que pairava sobre eles, se sentiam impotentes como uma folha à mercê do vento de novembro e se voltavam para ele como se fosse o único refúgio deles.

Martin acreditava que Vega havia desenvolvido uma síndrome semelhante. Ela não o via mais como homem, mas como seu protetor; a única pessoa no mundo capaz de fazê-la se sentir segura. O que ela realmente precisava naqueles momentos era afastar-se dele, retomar sua vida onde a deixara e, assim, recuperar sua autoestima e autoconfiança.

A excitação sexual inconfundível que se apoderara do corpo masculino não escapara de Vega. Ciente de que Martin a queria tanto quanto ela o queria e que a única coisa que o segurava eram seus malditos escrúpulos; decidiu que, mesmo que apenas por uma vez, esse homem seria seu. Determinada a realizar seu sonho, ela se apertou contra ele e começou a dar beijos em seu pescoço, ombros, peito...

Martin ficou muito quieto sob o toque dela e notou que sua respiração estava ficando cada vez mais difícil. Satisfeita ao constatar que seu poder sobre ele era tão forte como o que ele mesmo exercia sobre ela, prosseguiu com seu plano de sedução e lambeu os pequenos mamilos masculinos sem deixar de acariciar a pele com as pontas dos dedos.

Martin estremeceu impotente; ele se sentia incapaz de continuar lutando consigo mesmo. A única mulher que tinha amado em sua vida estava pedindo — bastante suplicante — para fazê-la dele. Ele teria que ser um super-homem para se recusar a fazer o que ele

mais queria no mundo. Com um suspiro que confirmou sua rendição, ele enredou os dedos longos nos cabelos sedosos e puxou a boca dela para a dele. Naquele exato momento, ele jurou a si mesmo que faria deste um momento inesquecível para Vega. Embora ele não pudesse confirmar seu amor por ela com palavras, ele o expressaria através de suas mãos, sua boca, seu corpo inteiro.

O choque elétrico que percorreu os dois quando suas bocas encontraram seus lábios separados foi à confirmação de que sua paixão — essa tensão sexual quase insuportável que eles experimentaram desde o início — era uma força irresistível que os levara a esse momento preciso; o momento de se fundir em um só corpo.

As mãos de Martin percorreram todo seu corpo tocando, roçando, provando..., até que Vega pensou que todas as partículas de seu ser seriam consumidas naquele incêndio abrasador. Martin gentilmente a forçou a deitar de costas na cama e lentamente começou a abrir os botões da blusa do pijama. Muito lentamente, ele puxou uma manga enquanto ainda beijava a pele macia do ombro dela. Então, com o mesmo ritmo lento, ele repetiu a manobra com a outra manga.

Na penumbra da lâmpada de cabeceira, que nenhum deles se dera ao trabalho de apagar, Martin olhou fascinado os pequenos seios nus, que se erguia muito ereto. Com cuidado de não esmagá-la com o peso de seu corpo, deitou-se sobre ela e começou a lambê-los com prazer, como um homem a quem tivessem privado de comida durante muito tempo. Vega arqueou-se contra ele e jogou a cabeça para trás com os olhos fechados; uma corrente de fogo líquido viajou de seus seios até o seu ventre. Mas, embora o prazer fosse quase insuportável, suas mãos também não permaneceram ociosas e percorreram o corpo masculino, de cima para baixo, a princípio um pouco tímidas e muito mais ousadas com o passar dos minutos.

Martin sentia como se fosse explodir. Todo o seu ser pedia que ele a tomasse de uma vez e descarregasse dentro dela a paixão acumulada por tantos dias, mas se conteve. Ele estava determinado a tornar aquela noite algo memorável, para durar na memória da jovem, mesmo que nunca mais se vissem. Ele queria que o prazer

apagasse de sua mente para sempre qualquer medo que pudesse abrigar.

—Martin... — Vega falou seu nome em um gemido. O toque daqueles dedos hábeis ameaçou deixá-la louca.

Mas ele não queria se apressar, então terminou de despi-la devagar e, por alguns minutos, contemplou com admiração aquele corpo macio e quente, tão tentador, que se adaptava ao dele como uma segunda pele.

Vega abriu as pálpebras que mantinha fechadas o tempo todo e, num tom sensual que nunca ouvira antes, comentou:

— Espero ter permissão para olhar para você também...

Martin deu uma risada rouca e, com um movimento rápido, se livrou da calça do pijama e ficou na frente dela sem nada, além do seu sorriso torto irresistível. Os olhos dourados deslizaram pelo corpo atlético; acariciaram o torso de músculos firmemente esculpidos e o ventre plano, sem uma grama de gordura, antes de deter-se com curiosidade sobre sua essência viril. Depois seguiram seu percurso pelas pernas bem tonificadas e cobertas por um suave pêlo loiro. Satisfeita, ela disse a si mesma que ele era o homem mais bonito que ela já vira.

—Você é lindo!

Martin riu divertido.

— Você é perfeita.

Mais uma vez, deitou-se sobre ela e apoiou o peso do seu corpo sobre os antebraços. Lentamente, ele deslizou a mão entre as pernas dela e, satisfeito, notou a umidade delatora que revelava a excitação da jovem. Com a mesma delicadeza, ele traçou uma série de círculos no centro de seu ser com o polegar, levando-a quase ao delírio. Incapaz de resistir mais e sabendo que Vega estava pronta para recebê-lo, ele abriu as suas pernas, colocou-se entre elas e com muito cuidado começou a empurrar.

Vega ficou muito quieta, toda sua atenção focada naquela invasão de seu corpo. Quando a barreira de sua virgindade entrou no caminho, Martin pressionou-a gentilmente. Pela primeira vez, sentiu uma pontada de dor, mas ele, consciente de que tinha ficado rígida debaixo de seu corpo, parou e deixou que se acalmasse.

— Agora não vai doer mais – prometeu, enquanto espalhava uma chuva de beijos leves e requintados ao longo de sua garganta.

Assim que ele percebeu que ela estava relaxando um pouco, ele continuou a avançar lentamente até entrar completamente dentro dela. Por alguns segundos, ele ficou muito quieto para lhe dar tempo e se acostumar com essa nova sensação, mas imediatamente começou a balançar para frente e para trás sem sair completamente, até que Vega sentiu um desejo de que algo desconhecido invadia todos os cantos de seu ser. Seguindo um instinto atávico, ela começou a se mover na mesma velocidade que ele, mas não foi suficiente; Precisava levá-lo ainda mais perto. Entrelaçou as pernas ao redor dos quadris masculinos e, segundos depois, uma maré incontrolável os arrastou mais e mais, subindo em ondas cada vez mais altas de prazer, até que finalmente quebraram, e os deixaram esparramados no colchão ofegantes e suados, se abraçando como se nunca fossem se separar.

A Vega achou que todas as suas energias a abandonavam de repente.

—Obrigada, Martin — foi a única coisa que conseguiu sussurrar contra seu peito, antes de cair em um sono profundo.

Esgotado e, ao mesmo tempo, incrivelmente satisfeito, Martin se afastou por medo de esmagá-la com seu peso, embora sem soltá-la em nenhum momento. Ele afastou os fios úmidos do belo rosto feminino e ouviu a respiração regular. Ele sentiu uma imensa paz invadi-lo; nesse momento, não tinha dúvidas ou arrependimentos. Ele sabia que tudo isso viria com a luz do dia, mas naquela noite ele simplesmente apreciaria a maravilhosa união que eles alcançaram juntos.

—Te amo — ele sussurrou em seu ouvido.

Ele a segurou ainda mais apertado nos braços e, apesar de tentar atrasá-lo o máximo possível, adormeceu imediatamente.

# 14

Enquanto se espreguiçava, as lembranças da noite anterior começaram a aparecer em ondas no cérebro de Vega e seu corpo, agradavelmente dolorido em certos lugares estratégicos, confirmou que essas imagens eram reais. Com os olhos fechados, estendeu a mão e só apalpou o colchão vazio ao seu lado. Com uma curiosa sensação de desastre iminente, ela abriu as pálpebras e viu a luz da manhã inundar o quarto, apesar de não ser um dia ensolarado.

Martin estava sentado em uma cadeira ao lado da cama, completamente vestido. O sorriso alegre que tinha aparecido nos lábios de Vega, se apagou instantaneamente ao ver sua expressão. Mais uma vez, a máscara atrás da qual se escondia tantas vezes, havia aparecido e os olhos impenetráveis a encaravam friamente. Subitamente consciente de sua nudez, Vega corou e puxou os lençóis até o queixo.

—Bom dia, Vega. — A voz tinha o mesmo tom indiferente de sua expressão —. Eu falei algumas horas atrás com seu pai. Ele alugou um jato particular e chegará aqui o mais rápido possível para buscá-la e levá-la com ele a Madri.

Foi como um soco na cara, mas Vega tentou esconder como se sentia magoada.

«Pensava o quê?», ela disse a si mesma com raiva, «sabia desde o início que isso não chegaria a lugar nenhum. Conseguiu o que queria, certo? Agora devia pagar o preço».

—Obrigada, Martin — ela respondeu com uma calma que até a surpreendeu —. Será bom voltar para casa e esquecer esses últimos meses. É hora de retomar minha vida e seguir em frente.

—Vega, eu... Eu quero que você saiba que sinto muito pela noite passada.

— Não se desculpe Martin. — ela disse olhando nos olhos dele —. A noite passada foi uma experiência maravilhosa, pelo menos para mim. Mais cedo ou mais tarde, tinha que acontecer e estou

feliz que tenha sido contigo. Não me arrependo de nada e gostaria que você também não o fizesse.

Vega viu-o cerrar os punhos e o músculo da mandíbula vibrou mais uma vez.

—Você está ciente de que a noite passada pode ter consequências?

—Consequências? — repetiu surpresa com sua brutalidade.

De repente, seus olhos dourados se arregalaram quando ela finalmente percebeu o que queria dizer.

— Eu me comportei como um verdadeiro bastardo inconsciente e quero que você saiba que sou responsável pelo que pode acontecer. Quero que conte comigo se... se acontecer alguma coisa.

— Mais uma vez obrigada Martin. Ninguém pode acusá-lo de ser um homem que vira as costas para suas responsabilidades — Um leve toque de sarcasmo apareceu na voz feminina —. Mas você não precisa se preocupar com nada. Se acontecer «qualquer coisa», Como você diz, eu sei que terei o apoio de meu pai para me apoiar em qualquer caminho que eu decida seguir.

Martin olhou para os traços delicados e orgulhosos com os punhos cerrados. Ele teve que fazer esforços sobre-humanos para não se jogar sobre ela e fazer amor com ela novamente até que gritasse que o amava. Ele desejou que Vega estivesse grávida; ele se sentia capaz de fazer qualquer coisa para segurá-la ao seu lado, mesmo que fosse pela força. Mas ela ainda estava fria e distante, pois os eventos inesperados da noite anterior não tinham importância. Talvez simplesmente tivesse usado ele para acalmar seus medos, afinal, ele era o homem mais próximo; talvez o que aconteceu não tenha significado o mesmo para ela. A raiva ameaçou dominá-lo e, incapaz de se conter, levantou-se da cadeira e sentou-se na beira da cama.

Sem se afastar um centímetro, Vega apenas olhou para ele, desafiadora, enquanto segurava os lençóis mais apertados contra o peito. Martin colocou a mão no ombro dela e acariciou a pele nua e macia com o polegar; uma leve carícia que a fez prender a respiração. Tentou parecer calma e segurou o olhar dele com fingida indiferença; uma batalha de íris douradas contra íris prateadas. Notou como o nariz aquilino estava dilatando e, de repente,

percebeu que Martin Grant não era tão imune aos seus encantos quanto queria aparentar.

—Vega...

Ele pronunciou o nome dela como uma carícia e, mais uma vez, uma fraqueza paralisante a invadiu, ameaçando as defesas que ela havia levantado diante dele.

— Devo fazê-lo.

As palavras vazaram entre os dentes cerrados de Martin — ou pelo menos isso Vega pareceu entender — antes de sair da cama abruptamente e ficar de costas para ela, olhando a vista da janela.

— Prepare-se, seu pai não demorará a chegar — ele ordenou recuperando o tom normal de sua voz.

Sem lhe dar outro olhar, ele saiu do quarto e fechou a porta suavemente.

Vega levantou-se como um autômato e começou a recolher suas coisas. Parecia que uma força gigantesca tinha sugado todas as suas energias, deixando-a como uma concha vazia. Quando teve tudo recolhido sentou-se em frente à escrivaninha e esperou que seu pai chegasse. Sentia-se incapaz de enfrentar Martin sozinha, sabendo que o amava e que ele, ao contrário, a única coisa que sentia por ela era pura atração física. Ele pode ter sido o primeiro homem com quem ela dormiu, mas algo lhe disse que o êxtase que haviam compartilhado horas antes não era normal. Teria que aprender a viver o resto de sua vida com essa memória, mas não mentiu quando disse que não se arrependia de nada.

Se pudesse voltar no tempo, se entregaria de novo a ele sem hesitar.

●

Não sabia quanto tempo ficou ali sentada, olhando o vazio, mas o ruído da porta de entrada ao abrir-se a tirou de sua abstração. Assim que ouviu a voz do pai, cumprimentando Martin, desceu as escadas correndo e se jogou nos braços do recém-chegado.

—Papai!

Lágrimas de alegria rolaram por suas bochechas, e seu pai a abraçou com força, visivelmente comovido.

—Vega, minha vida!

Vega ouviu o som da porta se fechando e imaginou que Martin, com sua discrição habitual, estava deixando-os para que pudessem conversar sozinhos.

—Você está bem filha? Quando Martin me ligou esta manhã, eu não podia acreditar. A viagem de avião foi um inferno, estava tão preocupado...

— Pai, eu estou bem, sério. Graças a Martin. Ele me resgatou bem a tempo.

— Eu sabia que tinha razão em confiar você a Grant. Ele sempre foi uma pessoa com quem pude contar.

Vega abraçou o pai ainda mais apertado e não respondeu.

— Quero voltar hoje mesmo a Madri — disse com o rosto escondido na camisa elegante que cheirava a seu aroma, tão familiar.

—Tem certeza? Você não quer descansar alguns dias? Podemos ficar no The Scotsman, em Edimburgo, até você se recuperar um pouco.

—Não pai — negou com firmeza —, quero voltar a Madri o mais rápido possível. Eu quero ir para casa.

—Como quiser, querida.

Quando Martin voltou meia hora depois, o pai de Vega informou que eles estavam partindo.

— Muito obrigado por tudo Martin. Minha filha me contou o que você fez por ela e só posso lhe dizer que serei eternamente grato a você — ele afirmou com emoção.

Os dois apertaram as mãos cordialmente. Por um momento, Vega olhou para os dois homens altos e distintos na frente dela e não pôde deixar de compará-los. Embora seu pai já tivesse setenta anos, entendeu por que ele e Martin se davam tão bem. Eles tinham muitas coisas em comum; ambos eram homens ativos, inteligentes e autoconfiantes e poderiam ser cruéis se a ocasião exigisse.

Logo depois, foi a vez de Vega dizer adeus, talvez para sempre.

— Mais uma vez, obrigada por tudo, Martin Grant. — Vega estendeu a mão, mas ele a ignorou.

Ele a agarrou pelos ombros — tão forte que dois dias depois suas impressões digitais ainda estavam escuras contra sua pele — e se inclinou para beijá-la em cada bochecha.

— Foi um prazer, Vega de Carrizosa, vou sentir falta dos seus ensopados...

Antes de soltá-la, ele sussurrou em seu ouvido:

— Qualquer coisa... Deixe-me saber.

Vega sorriu docemente para ele e se virou rapidamente, tentando não notar que as lágrimas estavam inundando seus olhos.

Martin os escoltou para fora e, com as pernas ligeiramente afastadas e as mãos atrás das costas, esperou o motorista dar partida no motor. Antes de o carro se afastar completamente, Vega se virou e acenou com a mão em um adeus final. Imóvel, ficou lá, até o veículo desaparecer atrás de uma curva na estrada. Então, ele se virou e voltou para a casa, que parecia estranhamente vazia sem a presença da garota. Até Oberon a procurava como uma alma penada pelos cantos.

— Não vai voltar garoto — ele afirmou, enquanto coçava o cachorro atrás das orelhas.

Ele caiu em uma das cadeiras da cozinha e, apoiando os cotovelos na mesa, segurou a cabeça com as mãos. Ele ficou surpreso que a dor que ele sentia era física; tão real como se tivesse uma agulha presa no estômago.

— Devemos esquecê-la, Oberon. a deliciosa senhorita De Carrizosa não é para nós...

Mas sabia que jamais esqueceria as sensações da noite anterior enquanto faziam amor.

Nunca se sentiu tão emocionado ao estar com uma mulher. Pela primeira vez ele entendeu a expressão, tão banal, de se tornar uma só carne. Para ele, não fora um mero encontro sexual, mas a comunhão de duas pessoas em perfeita harmonia. Talvez Vega não tivesse percebido a coisa extraordinária que havia acontecido, ela não tinha experiência, não podia comparar. Mas para ele, Martin Grant, não havia dúvida de que o que ele sentia por ela não era uma loucura passageira, uma paixão momentânea, mas o reconhecimento de uma pessoa como a peça essencial que todo indivíduo procura para se completar.

Apesar da hora inicial, ele decidiu se servir de uísque; Não encontraria um momento melhor para ficar um pouco bêbado.

●

Sentado em um dos assentos de couro do luxuoso jato particular, Vega olhou pela janela as nuvens fofas flutuando sob a barriga da aeronave. Só fazia umas horas que não o via e já sentia saudades de Martin de um modo terrível. Como se sentisse seu desânimo, seu pai tentou animá-la com um tom alegre um tanto forçado:

— Convites para todos os tipos de festas se acumulam na bandeja do corredor. Não vai ter um minuto livre para parar e pensar.

— Não sei se tenho ânimo para tanta festa, papai.

Seu pai recuperou a seriedade instantaneamente.

— Vamos Vega, você sabe que mantê-la ocupada será o melhor remédio para esquecer os horrores dos últimos dias.

Ela deu de ombros sem tirar os olhos da janela.

— Eu quase terminei minha tese, acho que vou tentar meu doutorado.

O rosto masculino se animou de novo com um sorriso de satisfação.

—Parece perfeito! Você sempre foi uma garota esperta. Com o doutorado poderá encontrar esse trabalho de pesquisa na universidade que sempre desejou.

— Posso.

Mais uma vez, deu de ombros e ficou em silêncio. Depois de um tempo, ela se voltou para ele.

— E Martin, você acha que ele já terá uma nova vítima possível para cobrir suas costas? — Ela não resistiu em fazer a pergunta.

Seu pai descartou a ideia com um aceno de mão.

— Martin está muito ocupado para isso. Ele concordou em cuidar de você como um favor pessoal. Seu trabalho ocupa muito tempo.

Vega franziu a testa.

— Bom, não me pareceu que seu pequeno negócio o mantivesse muito sobrecarregado.

—Pequeno negócio você diz? É proprietário de uma das maiores empresas de segurança do Reino Unido.

Vega ficou sem fala ao ouvir aquilo.

— Martin Grant é um cara muito esperto. —seu pai continuou—. Eu já pensava assim quando ele estava trabalhando para mim; então eu concordei em fazer um pequeno empréstimo para ele. Ele me devolveu em pouco tempo. Agora, possuo várias centenas de ações da sua empresa e, acredite, os benefícios são formidáveis. Dentro de alguns anos ele será quase tão rico quanto eu.

Sua filha olhou para ele incrédula.

— Ele mesmo me disse que era dono de um pequeno negócio. Nunca se gabou de ser milionário.

— Grant é um cara simples. Apesar de sua origem humilde, ele não perdeu a cabeça quando começou a nadar em dinheiro. É por isso que eu gosto dele, ele é um homem que sabe o que quer e não se deixa levar pelas aparências.

Vega tentou digerir essa nova informação.

«Já nem sequer vai querer estar comigo pelo meu dinheiro», disse a si mesma irônica.

Ela riu amargamente e, quando seu pai perguntou o que era tão engraçado, ela não respondeu.

# 15

Certa manhã, em meados de junho, Vega estava tomando banho de sol deitada em uma das redes à beira da piscina em sua casa em Madri. Era uma delícia sentir o calor dos raios — ainda não muito poderoso — sobre o seu corpo, sabendo que podia vaguear tudo o que lhe desse vontade.

Quando voltou da Escócia tinha se refugiado em seus estudos para evitar pensar. Durante os últimos meses, tinha trabalhado muito duro para expor sua tese diante da banca. Fazia quase uma semana que ela fora examinada e, apesar de ter passado no teste com uma das notas mais altas, o tremendo esforço feito, havia cobrado seu preço e agora ela se sentia tão exausta que a única coisa que havia feito nos dias seguintes foi rastejar da cama para a rede e da rede para a cama.

Relaxada e satisfeita, ela perdeu a noção do tempo até de repente sentir uma sombra entre ela e o sol. Pensando que seria uma nuvem — mesmo que o céu estivesse completamente claro quando ela decidiu sair —, estalou a língua, irritada, e abriu os olhos.

Não era uma nuvem.

O obstáculo que interferia entre os raios do sol e seu corpo era uma figura alta e masculina, cujo rosto estava em contraluz.

—Martin? —sussurrou incrédula.

—Olá, Vega!

Vega o contemplou boquiaberta. Era de fato Martin Grant, vestido com calça bege clara e uma camisa azul clara com os punhos enrolados até o cotovelo.

Estava bronzeado e seu cabelo, um pouco mais longo, parecia mais loiro. Vega só fechou a boca quando percebeu que os olhos prateados também a percorriam com avidez, sem perder um único detalhe de sua figura esbelta, vestida com um minúsculo biquíni verde.

Rapidamente, ela se cobriu com uma camisa semitransparente de cores vivas para escapar de seu olhar.

—O que faz aqui?

— Lembro-me de uma vez que você me disse que, se eu viesse a Madri, que ligasse para você e você correria para pegar seu avental e seu livro de receitas. Eu vim para lembrá-la de sua promessa...

— Você vem em um momento ruim — encolheu os ombros, despreocupadamente —, Estou tão cansada que qualquer pequeno esforço enfraqueceria minha saúde para sempre.

— Parabéns, Doutora De Carrizosa.

—Como você soube?

— Digamos que seu pai tenha me mantido informado sobre certos assuntos que me interessam, como por exemplo: como foi sua tese de doutorado, quando você estava sendo examinada, qual era seu estado de animo e... alguma coisa mais.

Vega, horrorizada, ruborizou até o branco dos olhos.

—Você não terá...?

Martin olhou para ela com ironia, com aquele sorriso torto que não havia perdido sua capacidade de acelerar o pulso até o limite.

—Não terei...?

— Não se faça de bobo. Você sabe perfeitamente — ela respondeu furiosa.

— Calma, Vega, não perguntei se estava grávida. — A cor vermelha das bochechas femininas subiu duas tonalidades, e Vega ficou ainda mais irritada por ele falar dessa possibilidade como se isso não importasse. —. Imaginei que, se fosse esse o caso, ele seria o único a me perguntar.

— É...— Apertou os lábios com força para não soltar o que pensava dele —. Eu não gosto que você e meu pai falem de mim pelas minhas costas.

Martin levantou a mão em um gesto tranquilizador.

— Paz, Vega. Eu não vim para Madri para brigar com você.

Ela deu a ele um olhar especulativo.

—Ah não? Então, por que você veio, posso saber? Você não deveria estar trabalhando nesse «pequeno» negócio de segurança de que você vive? São maus tempos para as «pequenas» empresas

— aproveitou para enfatizar por duas vezes o adjetivo com inconfundível sarcasmo enquanto os olhos dourados lançavam faíscas.

Martin deu uma risada que marcou algumas linhas atraentes nos cantos dos olhos.

—Uau, Vega! Então você finalmente descobriu que não estou interessado na fortuna da pequena herdeira.

Vega recordou a conversa telefônica que tivera com o pai na cabana escocesa enquanto Martin lavava a louça.

— Então você entende espanhol.

— Passei dois anos na Espanha, querida — ele disse em um espanhol quase perfeito —. Nunca é demais conhecer outro idioma.

— Eu apreciaria se você não me chamasse de «querida» — Vega respondeu, cada vez mais indignada —. Posso saber em quantas coisas mais me enganou?

Martin deu um passo em sua direção, apertou o queixo entre o dedo indicador e o polegar e a forçou a olhá-lo nos olhos.

— Eu nego ter enganado você. Eu apenas não te contei toda a verdade.

—Me solte! Não me toque!

Vega se soltou abruptamente e apressou-se a dar um passo para trás e levantar as mãos em sinal de rendição.

— Prometo tentar, Vega, mas será muito difícil para mim manter essa promessa; Te vejo ainda mais encantadora do que me lembrava.

Mais uma vez, Vega notou que suas bochechas estavam queimando. Aquele homem maldito conseguiu fazê-la se sentir estúpida só de olhar para ela com aqueles malditos olhos prateados e aquele sorriso duas vezes maldito.

— Deixemos de divagar e voltemos ao assunto que nos ocupa — ela propôs severamente, determinado a não lhe dar a satisfação de vê-la perder a calma —. Por que diabos você veio?

—Não é evidente? Eu vim para vê-la.

—Por quê?

—Porque eu precisava disso? Porque durante esses últimos seis meses eu não parei de pensar em você? Porque Oberon ainda

procura você nos cantos? Porque sinto falta dos deliciosos pratos que você preparava para mim?

Em pé na frente dele, incapaz de se mover ou desviar o olhar das pupilas que pareciam queima-la, Vega sentiu que estava com falta de ar.

Os olhos de Martin deslizaram lentamente pelos cabelos longos, que exibiam novos fios dourados onde o sol tocava, ele percorreu seu corpo esbelto quase encoberto pela camisa transparente e pelas pernas longas e delgadas que sempre o enlouqueceram. Depois voltaram a descansar nas delicadas feições e pararam, finalmente, nos lábios, entreabertos com surpresa.

— Acho que vou ter que quebrar.

—O que? — Vega perguntou com voz rouca, como se estivesse saindo de um transe.

— A promessa que acabei de te fazer.

Com um movimento fluido, ele a puxou em sua direção. Colocou os dedos nos cabelos brilhantes atrás da nuca e passou o outro braço em volta da cintura dela. Então, ele se inclinou sobre ela e a beijou com tanta paixão que Vega pensou que, se a soltasse naquele momento, suas pernas cederiam e cairia no chão.

Foi como voltar para casa. Vega perdeu a noção do tempo e do espaço; nesse momento, só existia essa boca perturbadora no mundo que anulava por completo sua vontade. Incapaz de resistir, se colocou nas pontas dos pés e passou os braços em volta do pescoço.

—Ahan.

Um pigarreio soou atrás deles, fazendo com que se separassem imediatamente. Vega virou-se rapidamente e quando viu o pai, que estava se aproximando com o jornal debaixo do braço e um copo de suco de laranja na mão, incrivelmente, ela conseguiu ficar mais vermelha do que já estava. No entanto, Martin virou-se para o recém-chegado sem constrangimento aparente e o cumprimentou alegremente, estendendo a mão.

— Bom dia, Enrique. Prazer em vê-lo novamente.

Eles apertaram as mãos com um aperto amigável.

— Bom dia, Martin, acho que minha filha também está encantada em vê-lo novamente.

—Pai!

— É apenas uma impressão pessoal, minha filha, você geralmente não recebe seus amigos de uma maneira... tão carinhosa.

Vega rezou para que a terra a engolisse enquanto assistia com raiva como Martin ria divertido, sem mostrar um traço de vergonha.

— Há, ha. Como vejo que vocês se divertem muito juntos, deixarei vocês em paz para que possam contar mais algumas piadas — ela anunciou, furiosa, pegando a toalha.

— Não fique irritada, Vega. — Martin agarrou a mão dela para impedi-la de sair. —. Como presumi que você estivesse cansada e que não gostaria de preparar minha comida, proponho-lhe um piquenique. Sei que há um mês foi seu aniversário e para comemorar, trago uma cesta cheia de coisas deliciosas no carro que gostaria de compartilhar com você.

—Que tipo de coisas? — disse com um beicinho petulante —. Lentilhas em lata, conservas de atum e sobremesas de creme?

— Eu prometo que você gostará do que eu comprei.

— Não sei se posso confiar em suas promessas novamente... — ela respondeu maliciosamente.

—*Touché!*

—Para onde você planejou ir?

Na verdade, não importava para onde a levasse, só queria estar com ele.

— Conheço um lugar muito bonito na Serra de Guadarrama, onde podemos conversar com tranquilidade. Então pegue uma blusa só por precaução.

— Está bem, vou me trocar. Espero que se comporte como um cavalheiro.

Martin colocou a mão no coração.

— Te juro.

●

Dez minutos depois, vestindo shorts jeans, camisa polo rosa, tênis de lona e um suéter grosso pendurado no braço, Vega estava pronta para ir com ele até o fim do mundo.

Entraram no conversível Mini Cooper que Martin havia alugado e, pouco depois, estavam a caminho das montanhas. Durante a viagem, Vega não parou de fazer perguntas sobre as pessoas que conhecera durante sua estada na Escócia, especialmente queria saber tudo sobre Adam.

— Adam está totalmente recuperado; o nariz está um pouco torto, mas é quase imperceptível. Me surpreende que não tenham ficado em contato. Nem sequer trocaram e-mails?

Ela se mexeu desconfortavelmente em seu assento.

—Bem...

Martin deu-lhe um olhar de soslaio.

—Você não vai me contar o que aconteceu entre você e Adam?

Vega deu de ombros, mas imediatamente começou a falar em voz baixa:

— Quando fui visitá-lo no hospital me senti responsável por ele estar assim por minha culpa... e me deu tanta pena... que me aproximei dele, lhe segurei a mão e... de repente ele me abraçou e me beijou... e...

Martin apertou o volante até os nós dos dedos ficarem brancos, mas ela estava tão absorta em sua história que não percebeu.

—E...? — ele perguntou com os dentes cerrados.

— Ele disse que estava apaixonado por mim... o pobrezinho...

Ela ficou em silêncio, com o olhar perdido nos pinheiros gigantes de Valsaín, imponentes nos dois lados da estrada.

—Caramba, Vega, você está me deixando nervoso! Por que você não termina a história de uma vez?

Assustada com seu tom impaciente, Vega se encolheu.

— Bem, nada, eu tive que lhe contar com toda a delicadeza que pude... que eu não estava apaixonada por ele e na verdade, não foi agradável, porque me sentia culpada e... e pobre Adam, no final tinha lágrimas nos olhos... e ele ficou com muita raiva. Resumindo — tentou mostrar indiferença, embora se notasse que estava magoada —: nós perdemos contato.

De repente, Martin sentiu que o sol brilhava com mais força.

— Bom, Vega, são coisas que acontecem, não pôde evitar que se apaixonasse por você. Ninguém tem culpa, mas me conte — ele se apressou em mudar de assunto —, como foi falar na frente da banca?

Eles continuaram viajando sem parar de conversar sobre tópicos irrelevantes.

Vega ainda não podia acreditar que ele estava ali, sentado ao lado dela no pequeno Mini e disse a si mesma que tentaria aproveitar o momento sem pensar em mais nada. Seus joelhos ainda estavam tremendo, quando ela se lembrou do beijo que lhe dera em casa. No entanto, ela se forçou a permanecer calma. Ela não sabia as razões pelas quais Martin havia ido a Madri, mas jurou que não baixaria a guarda. Não desejava voltar a passar tão mal como os meses posteriores a sua volta de Edimburgo. Se este insuportavelmente atraente indivíduo pensava que podia aparecer e desaparecer de sua vida quando lhe desse vontade estava muito equivocado.

Depois de uma hora de viagem, Martin deixou a pequena estrada cheia de curvas e entrou em um caminho não pavimentado. Mais tarde, uma cerca de metal bloqueava veículos a motor, então ele estacionou o carro na beira da estrada e os dois saíram.

— Fazia anos que não vinha à serra. — Vega respirou o cheiro de resina e flores com prazer. —Como é que conhece isto tão bem?

— Como imagino que saiba pela situação da minha casa na Escócia, adoro a natureza. Durante os anos que passei aqui, quando tinha um dia livre, deixava para trás o asfalto e tráfego da cidade e fugia para explorar os arredores. Há muitos lugares bonitos e selvagens a poucos minutos de Madri.

Martin tirou uma enorme cesta de vime do porta-malas do carro.

— Teremos que andar alguns quilômetros.

—Posso ajudar? Essa cesta parece pesar uma tonelada.

— Aqui, pegue isso. — Ele entregou-lhe uma manta escocesa.

— Claro, Martin, você é uma joia. Você pensa em tudo.

O caminho que tomou seu guia era bastante íngreme e não cruzaram com ninguém durante a meia hora que durou o percurso. Finalmente chegaram a uma pequena clareira na floresta. O riacho que o atravessava alargava-se um pouco mais adiante até formar

um lago pouco profundo. Logo ao lado, uma rocha plana recebia a sombra fresca de um enorme pinheiro.

—O que você acha?

— É o lugar perfeito para um piquenique — Vega afirmou com aprovação.

Entre eles, estenderam o cobertor sobre a rocha, sentaram-se nela. Martin abriu a tampa do cesto e pegou uma garrafa.

— Primeiro pensei em trazer champanhe para comemorar seu aniversário e seu doutorado, mas depois disse para mim mesmo que champanhe quente... No final trouxe vinho; melhor colocarmos para refrescar um pouco na água.

— Acho que é uma grande ideia. — Vega pegou a garrafa e leu o rótulo —. Meu Deus, Martin, um Vega Sicilia! Você certamente jogou a casa pela janela.

— Lembre-se que comemoramos seu aniversário e seu doutorado; a senhorita merece o melhor.

— Vamos ver o que mais temos por aqui... — Martin concentrou sua atenção no conteúdo da cesta e começou a jogar uma variedade incrível de iguarias no colo feminino. —. Uma lata de *foie gras,* outra de caviar, presunto ibérico, Torta *del Casar,* um pedaço de pão com sementes, outra com passas, azeitonas...

—Para! Para! — Vega riu, meio enterrada debaixo de tudo aquilo —. A verdade é que estou morrendo de fome; tudo parece requintado.

— Eu até trouxe sobremesa. — Martin agitou uma pequena caixa de papelão no ar com um ar de triunfo.

—Trufas de chocolate! Eu amo!

Martin começou a preparar deliciosos petiscos que depois passou para ela. A comida acabou sendo muito divertida; a caminhada despertou o apetite e, sem parar de falar e rir, deram conta do conteúdo da cesta.

Quando terminou, Vega, sonolenta com o vinho, o ar quente e a comida abundante, esticou-se no cobertor e fechou os olhos com um suspiro satisfeito.

Martin colocou os braços em volta da perna dobrada e a encarou com olhos famintos. Não mentiu quando disse que estava

mais bonita do que nunca; apenas olhando para ela sua pulsação aumentava.

—Vega...

—Hmm.

—Vega... — Agora, essa voz carinhosa soou a menos de dois centímetros de seu ouvido e Vega abriu os olhos assustada.

Martin Grant estava deitado de lado, a uma curta distância do seu corpo e, apoiado no cotovelo direito, estava olhando fixamente para ela. Algo nos olhos cinzentos a fez se arrepiar. Ele estava tão perto que se sentia em uma pequena desvantagem, então se afastou um pouco e adotou a mesma postura que ele.

—Martin...

Ele não pôde deixar de sorrir ao ouvir o tom dela, um pouco desafiador.

— Tenho sentido sua falta — ele disse com voz rouca.

Vega sentiu seu cérebro derreter, mas ela não podia perder a cabeça para aquele homem novamente, então ela se forçou a responder com leveza:

— Sim. Imagino que a monotonia de suas refeições tenha influenciado isso.

Martin sorriu, mas rapidamente ficou sério. Ele estendeu a mão e passou as pontas dos dedos pelo braço nu dela enquanto seus olhos seguiam o caminho em uma dupla carícia.

— Isso também, mas acima de tudo eu sentia falta de ver seu rosto todos os dias, o cheiro do seu shampoo, nossos passeios no campo, nossas conversas...

Vega respirou fundo, tinha que fazer um grande esforço para não se jogar nos braços dele e implorar para que ficasse com ela para sempre.

— Talvez tenha chegado a hora de refrescar sua memória — respondeu em um tom calmo, muito distante do tumulto que agitava seu coração —. Lembro que foi você quem, assim que pôde, telefonou para meu pai para me buscar e você não conseguiu entrar em contato comigo nem uma vez durante esses últimos meses para perguntar como eu estava.

— E você não pode imaginar o que me custou ligar para o seu pai e não ligar para você.

A seu pai? Vega franziu a testa, mas não se distraiu.

— Martin, agradeço a surpresa de aparecer em minha casa e me levar em um passeio para comemorar meu aniversário com um mês de atraso. Eu realmente gostei do piquenique; tudo estava delicioso e este lugar é muito bonito, mas isso não lhe dá o direito de aparecer de repente e me beijar e me acariciar quando lhe dá vontade.

Martin se levantou e sentou-se de pernas cruzadas; pegou uma erva e colocou na boca, olhando inexpressivamente para a paisagem ao seu redor.

— Vega, é mais complicado do que tudo isso.

— Sério? Talvez se você me explicar, eu possa entender. Eu não sou completamente estúpida, sabe?

Martin virou-se para ela. Seu gesto era hermético e com um tom frio que não revelava suas emoções, começou a explicar para ela:

— Eu tive que me afastar de você. Você tinha acabado de ter uma experiência terrível e se apegou a mim como se eu fosse o único capaz de protegê-la do absurdo da vida. Já aconteceu comigo antes com outras pessoas a quem dei minha proteção. Não pense que não fui tentado a aproveitar a ocasião e mantê-la ao meu lado, mas isso não teria sido real. Era necessário que você voltasse ao seu ambiente: para sua casa, seus amigos, seus estudos... Resumindo, tudo o que era familiar e tranquilizador para você.

— Voltar à minha vida real e perder o medo... — disse ela sem deixar de observar os traços firmes e um pouco severos.

Ela estava começando a entender seu raciocínio, mas a frieza de sua atitude a fez hesitar.

— Exatamente. Eu precisava ter certeza de que se você decidisse ficar ao meu lado, era porque realmente queria e não porque estava com medo de enfrentar o mundo sozinha.

— E você acha que levou mais de seis meses para recuperar a confiança em mim mesma. Seis meses sem receber uma única palavra de encorajamento, sem receber notícias suas. — Vega não tentou esconder a leve reprovação que apareceu em sua voz.

— Eu estava em contato permanente com seu pai para descobrir seu progresso. Eu sempre soube que, sob sua aparência frágil, você é uma pessoa forte e muito corajosa. Prova disso é que

você não demorou muito para recuperar sua vida; Você imediatamente começou a aproveitar suas atividades anteriores com aparente despreocupação. Talvez eu pudesse ter chegado mais cedo, mas queria ter certeza de que você era a mesma Vega de Carrizosa que me confrontou armada com uma caneta.

—Eu te assustei, certo?

O sorriso torto apareceu novamente.

—Estava aterrorizado.

Vega recuperou a seriedade e, sem tirar os olhos dele, disse:

— Eu gostaria de saber por que você voltou...

—Você ainda não sabe?

Os olhos cinzentos haviam perdido todos os vestígios de dureza e pareciam acariciá-la, e Vega sentiu o ar faltar.

— Talvez eu suspeite de algo.

—Você só suspeita? — Martin se inclinou sobre ela e enrolou uma mecha de cabelo comprido ao redor do seu dedo.

As batidas do seu coração trovejavam nos ouvidos de Vega e ela só pôde dizer com uma voz fraca:

— Acho que preciso de mais pistas...

— Pois aí vai uma e fique atenta, que é importante.

Gentilmente, ele a pegou pelos antebraços e a ajudou a ficar de pé até que ela estava ajoelhada na frente dele, seus olhos dourados nivelados com os dele. Então, olhando para ela, ele disse:

—Te amo.

—Martin... — foi a única coisa que ela conseguia articular, sentindo-se fraca.

—Te amo, Vega. Quero que você se case comigo, quero que tenhamos filhos, quero engordar com seus ensopados...

— Eu já sabia que os homens são conquistados pelo estômago — ela tentou brincar, mesmo com a voz trêmula, mas, olhando para ele, percebeu o amor sem reservas naqueles olhos cinzentos que haviam perdido toda a frieza e engoliu em seco.

—Martin, você tem certeza?

— Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida — respondeu com simplicidade.

Incapaz de se segurar por mais tempo, Vega colocou os braços em volta do pescoço dele e o puxou bruscamente, beijando aqueles

lábios que ela tanto sentia falta.

Eles permaneceram abraçados por um longo tempo, com as bocas juntas em um beijo sem fim, muito emocionados pela natureza extraordinária do vínculo que os unia.

De repente, Vega afastou os lábios dos dele como se algo muito importante tivesse acabado de lhe ocorrer.

—Puxa, Martin, agora parece que a mercenária sou eu! Todo esse tempo pensando que você me amava apenas pelo dinheiro do meu pai e acaba sendo o oposto; Eu era a única que estava determinada a pegar você de qualquer maneira. — Os olhos dourados emitiram faíscas zombeteiras.

—Você quer dizer que você só me quer pelo meu dinheiro?

— Uh-huh. — Ela o beijou no pescoço.

Martin estremeceu de desejo.

— Bem, então, você não se importará se eu confessar que não suportava a ideia de ter que comer mais ensopados em conserva e foi por isso que pedi que se casasse comigo.

Enquanto falava, ele gentilmente a deitou no cobertor e deslizou a mão sob a polo rosa, acariciando seu peito. Vega perdeu o fio da conversa e só conseguia se concentrar no percurso daqueles dedos quentes que, apesar do tempo que passara, não haviam esquecido a maneira de deixá-la louca.

—Martin... — tentou recuperar a sanidade.

— Diga-me Vega — ele respondeu, ainda mordiscando os lábios da jovem enquanto suas mãos acariciavam sua barriga lisa, percorrendo incansavelmente sobre a pele lisa que parecia queimar sob as pontas dos dedos.

—Martin — tentou de novo, apesar de já não saber onde tinha a cabeça —, estamos em plena luz do dia, em um lugar público. Pode vir alguém...

— Espero que não; se alguém vier, vai se sentir muito desconfortável — ele respondeu com uma risada rouca enquanto puxava a camisa polo para cima e removia o sutiã de renda que ela estava usando, antes de abaixar a cabeça e começar a chupar um dos seios.

Vega desistiu de fazê-lo recuperar o juízo.

Com o desejo suprimido por seis meses, os dois se renderam a fazer amor como se não houvesse amanhã. Os lábios de ambos beijaram, e os dedos acariciaram e tocaram como se, através deles, seus donos quisessem memorizar o corpo um do outro.

E quando estavam no limite de sua resistência, deitados no cobertor, espalharam-se na pedra, completamente nus ao sol; Martin levantou a cabeça da boca macia da mulher e, com uma entonação não muito firme, disse:

— Vega, você ainda não me disse que se casaria comigo.

Ela ofegou, prestes a explodir de desejo.

— Martin Grant, não faça isso comigo...

— Eu quero fazer de você uma mulher honesta. — Ele deu um leve beijo nos lábios dela —. Também não quero me sentir usado; um homem para usar e jogar fora. Isso destruiria minha autoestima.

Vega deu uma risadinha nervosa enquanto as mãos de Martin a acariciavam.

— Está bem — confirmado em uma voz sufocada —. Eu vou casar com você, Martin Grant. Mas, para constar, eu faço isso obrigada. Pensava que eram mais as mulheres que levavam os homens à beira da loucura e depois se negavam a continuar.

Como vingança, ela o acariciou com mais coragem e Martin, incapaz de resistir por mais um minuto, beijou-a ansiosamente e fez amor com ela até que ambos alcançassem e ultrapassassem as alturas de seu primeiro encontro.

Minutos depois, exaustos e banhados em suor, eles ainda estavam agarrados um ao outro, como dois náufragos em sua linha de vida. Martin descansou a bochecha no suave cabelo dourado e sentiu seus olhos se encherem de uma umidade suspeita.

«Alto aí!», disse a si mesmo. «Mercenários não choram».

# Epílogo

— E o que você diz senhorita?

A garotinha, uma linda loira de quase três anos, olhou para ele com seus grandes olhos castanhos.

— Eu quero ver os ursos panda.

Martin olhou pela janela e viu o céu azul brilhar; a manhã de primavera convidava a se divertir.

— Você ganhou, nós iremos ao zoológico.

Vega observou-os divertidos. Os três estavam sentados à mesa da cozinha e tinham acabado de tomar o café da manhã.

— Lembre, Martin, é terça-feira. Você deveria estar no escritório por pelo menos uma hora.

Mas ele deu de ombros.

—Quais são as vantagens de ser o chefe se você não pode tirar o dia de folga de vez em quando?

— Isabel, não deveria se aproveitar do papai. — Vega se dirigiu a sua filha com fingida severidade —. Você sabe que ele é incapaz de dizer não.

A menina deu uma gargalhada, encantada de ser o centro de atenções de seus pais.

— Venha, Vega, faz um dia maravilhoso. Que lugar melhor do que o zoológico para caminhar em uma linda manhã de verão?

Vega sorriu ao olhar para o rosto atraente do marido, erguido em sua direção com uma expressão suplicante.

—Deveria terminar este documento — ela disse hesitante —. Amanhã vamos à Escócia e não sei se poderei tê-lo pronto a tempo até lá. Além disso, esta tarde temos que passar pela casa do vovô para nos despedirmos...

—Vamos, Vega — Martin a interrompeu —, você sabe que em Edimburgo também terá acesso a todas as fontes de que precisa.

— Sim mãe, vamos lá. Temos que ver De e Po antes de sairmos, caso contrário eles não serão mais bebês.

E, claro, ela não conseguiu resistir aos apelos de duas, das três pessoas que mais amava no mundo.

●

Eles visitaram as diferentes instalações do zoológico, alheios à atenção que despertavam entre os poucos visitantes que caminhavam por lá um dia durante a semana.

Uma linda garota ladeada por um homem alto e atraente e uma mulher bonita e esbelta; pareciam uma família que escapara do anúncio de uma revista de moda.

Chegando em frente ao recinto do panda, a menina avançou impacientemente enquanto seus pais, sem perdê-la de vista por um momento, a seguiam com as mãos entrelaçadas.

A garotinha, fascinada pelos ursos, gritava de alegria, sem parar de contar aos pais tudo o que chamava sua atenção.

Martin, sentindo-se um homem absolutamente feliz, passou o braço pela cintura da esposa.

— Estimada Dona Vega de Carrizosa, Senhora de Grant, poderia me explicar que balanço você fez dos últimos cinco anos?

—Hum. Deixa-me pensar...— Vega colocou o braço em volta da sua cintura e se apoiou no ombro dele —. Nestes cinco anos não parei de fazer e desfazer malas. Viver entre Madrid e a Escócia às vezes pode ser estressante.

— Mas você adora os dois lugares — afirmou Martin, enquanto beijava seu cabelo.

— Verdade. Eu tenho um trabalho que amo e tenho sorte de poder fazê-lo, não importa onde more.

—Ponto para a família andarilha Grant.

— Tenho uma linda filha que adoro.

— Ela é igual a você...

— E a sorte maravilhosa de saber que voltarei a ser mãe em breve.

Martin cobriu com a mão o ventre ainda plano de sua mulher com um gesto possessivo, antes de inclinar a cabeça e beijá-la no

pescoço.

Vega fechou os olhos com um suspiro de prazer e continuou:

— Tenho um marido que ainda me faz estremecer quando me beija.

— Você é a mulher mais desejável do mundo...

Ele a aproximou ainda mais e a beijou nos lábios com a mesma paixão da primeira vez, até Vega esquecer onde estava. Na ponta dos pés, ela levantou os braços, envolveu-os no pescoço do marido e o beijou com entusiasmo.

—Papai, mamãe, parem já! Sempre estão se beijando. Isso cansa!

Percebendo que um casal mais velho os observava, divertido, Vega corou envergonhada, enquanto Martin, muito sorridente, piscou para a senhora, que retribuiu com um sorriso encantado.

— Meu Deus, Martin! Não podemos continuar nos comportando como dois adolescentes com os hormônios alvoroçados. Até nossa própria filha tem vergonha de nós — Vega afirmou com fingida severidade enquanto se afastavam das instalações dos ursos pandas em direção à saída.

— Tem toda a razão — Martin respondeu muito sério —. Isso não pode continuar assim; não podemos continuar a agir em público dessa maneira.

— Estou feliz que pense como eu. Então o que você sugere?

Vega manteve seus traços inexpressivos, mesmo que pudesse dizer que ela estava tendo dificuldades para conter um sorriso.

— Proponho que voltemos para casa o mais rápido possível e continuemos esta... conversa em um lugar um pouco mais privado.

—Hum... Acho que pode ser uma boa ideia — sua esposa respondeu em um tom carregado de sensualidade.

— Confie em mim. — Martin virou-se para ela e a beijou mais uma vez com um desejo infinito —. Não acho que seja uma boa ideia; Estou completamente certo disso.

E ainda rindo, os três caminharam em direção ao carro.

# Obrigada!

Obrigada por ler *O protetor*, espero que tenha gostado!
Quer saber quando sairá o meu próximo livro?
Pode se inscrever na minha Newsletter em
www.isabelkeats.com
(só enviarei informações sobre os futuros lançamentos),
seguir-me no twitter @IsabelKeats ou curtir minha página no
Facebook.

As opiniões são muito úteis para ajudar a outros leitores a encontrar meus livros.
Agradeço todo tipo de opiniões, tanto positivas, quanto negativas.

# Meus outros romances em portugûes:

## Algo mais que vizinhos

Leopold Gallagher, um rico empresário inglês de família aristocrática, sério e obcecado pelo trabalho. Uma noite, conhece no terraço de sua casa, à qual em princípio, toma pela amante de seu velho vizinho. Catalina Stapleton, a nova moradora do andar ao lado, é uma jovem extrovertida e generosa que gosta de ajudar os outros. Assim que troca duas palavras com seu vizinho arrogante, decide que, embora ele próprio não saiba, o Sr. Gallagher é um homem infeliz que precisa ser salvo de si mesmo. Apesar da atração avassaladora que surge entre eles, Leopold tenta manter a impertinente e louca Cat à distância; não está disposto a deixar sua vizinha irritante, por muito adorável que seja, derrubar as barreiras que lhe custaram tanto erguer ao seu redor. No entanto, o destino parece ter outros planos...

*Comprar aqui:* Algo mais que vizinhos

Espero que você goste também!

# Sobre a autora

Isabel Keats é uma mulher comum que um dia resolveu escrever. Mãe de uma família numerosa (com cachorro incluído), ela tem sorte de ter algo mais valioso que o ouro: tempo livre, embora não tanto quanto ela gostaria. Gosta de romances, adora finais felizes, então, em resumo, escreve romances, porque neste momento de sua vida é o que mais deseja ler.

Isabel Keats — Vencedora do Prêmio HQÑ Digital com *Começar do novo*; finalista do Primeiro Prêmio de Contos Harlequin com seu romance *O protetor* e finalista também do III Concurso de Romances Românticos Vergara-RNR com *Abraza mi oscuridad*. — É o pseudônimo por trás do qual se esconde uma licenciada em Publicidade madrilenha, casada e mãe de três garotas. Até hoje, publicou mais de uma dúzia de obras entre romances e relatos, alguns das quais foram traduzidas em inglês, alemão, italiano, português e francês.

Encontrará mais informações sobre a autora em:
www.isabelkeats.com